ANO 36.º TERÇA-FEIRA, 2 DE OUTUBRO DE 1956 N.º 12.151

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Prevê-se no Brasil

a remodelação do Governo

após a demissão

do ministro da Agricultura

RIO DE JANEIRO, 2 — Segundo dizem as esferas políticas, a demissão do general Dornellas, ministro da Agricultura, pode obrigar o presidente Kubitchek de Oliveira a abreviar a reforma ministerial, parcial ou total, que, afirmam, tenciona fazer.

«O presidente pensa numa reforma completa do Governo, escreve o quotidiano «Ultima Hora», a fim de conseguir, nomeadamente, o «desarmamento dos espíritos», tão desejado, que lhe permitiria levar a bom termo as suas realizações». O jornal afirma, por outro lado, que a oposição não está disposta a assinar tréguas, sem pesadas concessões, entre as quais, o afastamento dos actuais titulares das pastas militares, que se consideram responsáveis pelos acontecimentos de 11 de Novembro do ano passado. Nestas condições, a obtenção simultanea de uma reforma total satisfatória e de um «desarmamento dos espíritos» parecem difíceis. Por outro lado, segunda-feira, á tarde, o senador Bernardes, membro do Partido minoritário Republicano, pediu, num discurso proferido no Senado, «a libertação de Juscelino Kubitchek de Oliveira», a reforma ministerial e á liberdade, para o chefe de Estado, de escolher os seus colaboradores.

A pressão tendente a influenciar o Presidente não surge sómente do lado da oposição, em que alguns grupos exigem, além da mudança de titulares das pastas militares, uma mudança da política económica, mas também dos próprios partidos maioritários, nomeadamente do partido «Trabalhista Brasileiro» do Sul.

Com efeito, parece que os membros desse partido exigiriam para um dos seus a pasta da Agricultura, quando o presidente tencionaria, afirma-se, confiá-la a uma individualidade originária de outro Estado.

As dificuldades acerca da entrega dessa pasta viriam, também, do facto de se encontrar na capital o vice-presidente João Goulart, que esteve em férias no Sul.

Interrogado, o vice-presidente confirmou ter transmitido ao presidente Kubitchek de Oliveira pedidos do Rio Grande do Sul, com o objectivo de a pasta em questão ser confiada a uma individualidade originária desse Estado. Negou, pelo contrário, ter ele próprio feito qualquer pressão junto do presidente, pois, acrescentou, «devemos dar ao chefe de Estado a liberdade absoluta na escolha do seu Governo».

Os círculos bem informados garantem, finalmente, que o presidente aguarda a volta do seu chefe de gabinete civil, que foi a S. Paulo em missão secreta com vista a entrar em contacto com o governador Janio Quadros, cuja atitude parece ultimamente mais amigável para com o chefe de Estado. — (F. P.).

Na República da Nicarágua

o filho sucede ao pai

Após o atentado que atingiu o presidente Anastácio Somoza, o Congresso da Nicaragua nomeou para o substituir em funções seu filho mais velho, Luís Somoza, aqui presente com a efígie do pai na botoeira. Por morte de Anastácio, a sucessão do filho foi confirmada até ao fim do mandato, em Maio de 1957

A QUATRO DIAS DA REUNIÃO . . .

O Conselho de Segurança

vai apreciar a dupla queixa

— do Egipto e contra o Egipto

WASHINGTON, 2. — A quatro dias da reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas, que vai tratar da questão do Suez, na presença de vários ministros dos Negócios Estrangeiros, a tarefa principal que se impõe aos ocidentais é porem-se de acordo, não só para sincronizarem a sua acção no debate, como para se entenderem quanto ás fórmulas de aplicação do regulamento que poderão nascer da discussão.

Desde a segunda Conferência de Londres que esta unidade ocidental nem sempre se manifestou. Os contactos permanentes por via das chancelarias e os efectuados pelas delegações da O. N. U. têm tido por objectivo eliminar certos obstáculos á unidade do Ocidente e preparar as conversações dos ministros dos Negócios Estrangeiros.

A política americana, tal como é definida nos meios informados de Washington, inspira-se em duas grandes ideias: a) — a necessidade de manter a solidariedade ocidental, nada fazendo que possa vir a afectá-la; b) — a recusa de se encarar qualquer fórmula que levasse a O. N. U. a um malogro e que ridicularizasse essa organização internacional.

Neste estudo da posição americana, torna-se indispensável ter conta a pouca dose de entusiasmo que o Governo de Washington manifestou por uma intervenção das Nações Unidas. Mas, desde que a «surpresa» do apelo anglo-francês ao Conselho de Segurança, foi já «digerida», a opinião, em Washington, é de que convém procurar, com os aliados ocidentais, uma solução construtiva.

O Governo dos Estados Unidos recusa-se a representar qualquer papel nas Nações Unidas que signi-

(Continua na página seguinte)

Reacção árabe

aos ataques de Israel

CAIRO, 2. — Os chefes militares do Egipto, Jordania, Siria e Líbano, reuniram-se, ontem á noite, nesta cidade, para estudar as medidas a tomar em conjunto pelos quatro países, em consequência dos dois ataques lançados, na semana passada, contra várias aldeias jordanas, pelo Exército israelita.

Salientando a importancia da reunião, um representante oficial disse, esta manhã, aos jornalistas, que, «de maneira geral, foi criada uma situação grave ao longo das fronteiras dos Estados árabes». — (A. N. I.).

A crise do Suez

evidenciou divergências

entre as potências da N. A. T. O.

ROMA, 2. — Numa entrevista concedida a «Le Ore», Gaetano Martino, ministro italiano dos Negócios Estrangeiros, interrogado acerca dos efeitos do caso do Suez nas relações entre os signatários do Pacto do Atlantico, declarou:

«A situação que surgiu de decisão do Governo egípcio está, por assim dizer, fora da zona técnica submetida á fiscalização da Aliança Atlantica. Mas esta acção do Egipto, que impôs á maioria dos países aliados a necessidade de tomar decisões graves, influiu, evidentemente, nas relações mutuas... Não poderia, nem devo esconder, que durante as ultimas semanas e os ultimos dias houve actos e omissões que tiveram uma influência negativa sobre a cordialidade das relações entre os aliados do Pacto do Atlantico. Mas essas inegáveis dificuldades devem ser consideradas objectivamente, isto é, como marcando os limites que a realidade opõe á fórmula original demasiadamente rigorosa do Pacto do Atlantico». — (F. P.).

Bevan recupera

com grande força

posição de predomínio

na «máquina» do Trabalhismo

BLACKPOOL, 2. — No meio das aclamações delirantes do Congresso, Aneurin Bevan foi proclamado tesoureiro do Partido Trabalhista. Esta vitória, adquirida após duas tentativas infrutíferas, efectuadas nos anos anteriores, é o sintoma de uma inclinação para as esquerdas, dos sindicatos que até agora se mantinham moderados. Bevan foi com efeito, eleito por 3.020000 votos, enquanto que as eleições políticas do «Labour Party» só contam 1.100.000 mandatos. Foi eleito pelos sindicatos e contra um sindicalista, George Brown, que só obteve 2.755.000 votos.

Um terceiro candidato, designado pelo Sindicato dos Mecanicos, Pannell, conseguiu os 644.000 votos da sua União.

Esta tendência para as esquerdas deve-se, ao mesmo tempo, ao descontentamento que suscitou nas

(Continua na ultima página)

A luta contra Tito

no seio do Partido Comunista

é dirigida por Molotov e Suslov

Há pouco tempo o comité central do Partido Comunista russo publicou um documento no qual se fazem criticas severas ao regime jugoslavo. O documento foi enviado aos organismos dependentes daque partido na U. R. S. S. e aos dirigentes dos outros partidos estrangeiros. Tal foi a primeira informação que, proveniente de algumas capitais dos satélites, especialmente de Varsóvia justifica as sensacionais viagens de Kruchtchev a Belgrado e de Tito á Russia.

O comité central voltou a manifestar a opinião de que a Liga Comunista jugoslava, a que preside Tito, embora de tendências socialistas e esquerdistas não deve considerar-se como um orgão da doutrina marxista-leninista, a qual enforma a actividade do comunismo ortodoxo. A noticia daquela iniciativa chegou de várias origens e os meios oficiais na Jugoslávia julgam que ela é inteiramente fundamentada.

O seu conhecimento bem como as viagens dos dois categorizados chefes comunistas deram origem a versões e interpretações diversas. Destas ultimas a mais geralmente aceite é a de que Nikita

(Continua na ultima página)

Chapéus suiços

vendidos como criações de costureiros parisienses

PARIS, 2. — Descobriu-se na Suíça um importante caso de falsificação de chapéus. Grandes quantidades de chapéus de fabrico suíço eram exportadas com marcas de garantia, falsificadas, de costureiros parisienses famosos, como Jacques Fath, Balenciaga, Christian Dior e Jean Dessès. Os chapéus tinham preços entre 650$00 e 1.200$00. Um pormenor curioso do caso é o facto das «marcas de garantia» falsificadas serem fornecidas por casas de Zurique e Berna, acompanhadas de facturas passadas com toda a regularidade, como se de falsificação não se tratasse. — (F. P.).

O vice-presidente John Chang, da Coreia do Sul, fotografado após o atentado a tiro que há poucos dias o atingiu

Chuva diluviana

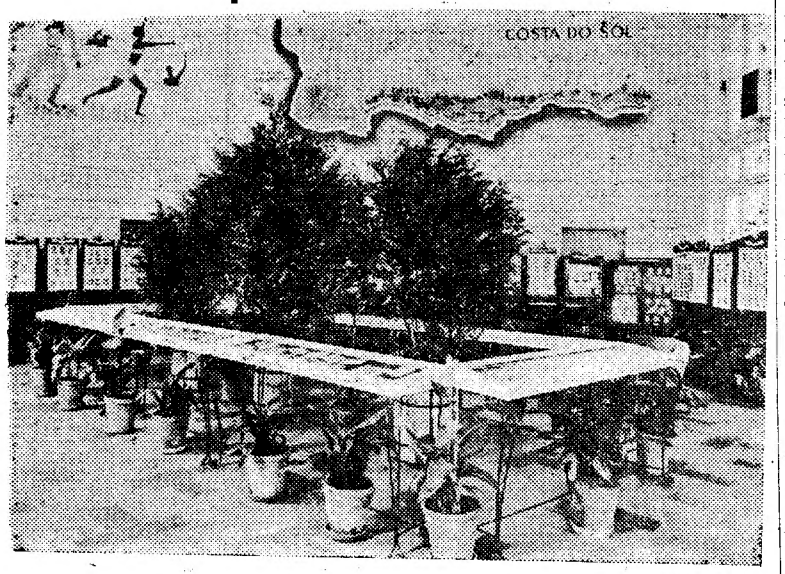
sobre Paris

PARIS, 2. — Esta cidade e os seus arredores foram flagelados ontem, durante mais de uma hora, por violenta tempestade com chuvas diluvianas. Não há nenhum acidente a registar e os prejuizos materiais são pouco elevados. — (F. P.).

Visado pela Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

O ministro da Educação visitou
a exposição de selos no Estoril



Um aspecto da grande exposição de selos do Ultramar português, promovida pela Junta de Turismo de Cascais, no Estoril, que tem sido visitada por milhares de estrangeiros e Portugueses

O sr. ministro da Educação Nacional visitou hoje, a Exposição de Selos do Ultramar Português, aberta na sede da Junta de Turismo de Cascais, nas arcadas do Estoril. Acompanhava o ministro o seu chefe de gabinete, sr. dr. Gomes Branco, recebendo-os os srs. dr. Sanches da Gama, director-geral do Fomento do Ultramar; Luís Taveira, director dos C. T. T. do Ultramar, e dirigentes daquela Junta de Turismo. O ministro visitou com muito interesse a exposição, cuja organização lhe mereceu louvores, sendo-lhe oferecido, no final, um «Madeira de honra», durante o qual o sr. dr. Augusto de Esaguy, presidente da Junta de Turismo, lhe fez entrega da medalha de prata daquele organismo.

O regime de funcionamento
das tabacarias em Olhão

OLHÃO, 2 — Continua insoluvel o problema da aprovação de um horário de trabalho para as tabacarias desta cidade, de molde a não prejudicar a venda dos diários vespertinos, que só aqui chegam depois das sete horas da tarde. O horário teria, pois, de estabelecer o encerramento das tabacarias de Olhão para as 23 horas, determinando o funcionamento em regime especial que vigora em algumas terras da província.

A não se verificar a aprovação de tal horário, as agências de jornais terão de pedir a anulação das suas remessas e o publico ficará privado da sua leitura quotidiana.

Xadrez em Espanha

BARCELONA, 2—Lladó foi proclamado campeão de Espanha de xadrez, depois de empatar com Pomar, mas com vantagem. — (Efe).

Vida mundana

RODRIGO DEL LLANO

De passagem por Portugal, onde vem pela primeira vez, o eminente jornalista mexicano D. Rodrigo del Llano, director do «Excelsior», o diário de maior circulação da América Latina, reuniu-se ontem com alguns representantes da Imprensa portuguesa em casa do vice-consul do México, D. Manuel Choza Cañedo, que aos seus convidados ofereceu um «cocktail». Rodrigo del Llano, que há muito ambicionava conhecer o nosso País e se mostra encantado com as impressões recebidas, segue dentro de breves dias para o Médio Oriente, onde, na sua qualidade de jornalista, vai fazer um detido inquérito sobre diversos problemas relacionados com a actual situação política internacional. Tenciona visitar a ilha de Chipre, o Líbano e o Egipto. No regresso á sua pátria, fará ainda um desvio pelo Norte da Europa, detendo-se em Estocolmo e em Londres.

Viam-se na recepção, entre outras individualidades, o encarregada de negócios do México, sr. D. Francisco Narro, e sua esposa, e o sr. João Guerreiro Telo.

LAURA SOBRAL DE SOUSA

Regressou de Paris, onde foi adquirir a sua colecção de chapéus para a próxima época e que brevemente apresentará ás suas distintas clientes, na Calçada do Combro, n.º 29, 1.º, E.

EM VIAGEM

Parte amanhã para Paris o sr. Danova a fim de assistir ao Congresso Internacional de Penteados.

Uma festa no Sindicato
dos Motoristas de Lisboa

Sessenta e dois motoristas da praça de Lisboa foram homenageados no seu sindicato. A homenagem veio da circunstancia de os mesmos terem encontrado e entregado aos seus possuidores haveres esquecidos, em táxis. Não se trata, porém, de galardoar acto de excepção — todos temos o dever de devolver aquilo que nos não pertence — mas de estimular acções que devem estar presentes na consciência dos povos. Daí, o sentido elevado que deverá extrair-se do acto a que presidiu o chefe dos Serviços da Acção Social do Ministério das Corporações que o é, ao mesmo tempo da F. N. A. T. e que, seguidamente a esse acto de justiça, presidiu á homenagem ao sr. Francisco Marques, antigo procurador á Camara Corporativa e presidente da Federação e do Sindicato Nacional dos Motoristas. Vêmo-lo na gravura, á direita, na altura em que discursava o sr. dr. Quirino Mealha. A seu lado, vêem-se, ainda, entre outros, os srs. Miguel de Almeida e Melo, presidente do Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis, Dario Cunha, presidente do Sindicato Nacional dos Motoristas, dr. César Rebelo, chefe dos Serviços de Contencioso do Sindicato; e António Leite, presidente da Federação dos Sindicatos dos Motoristas.

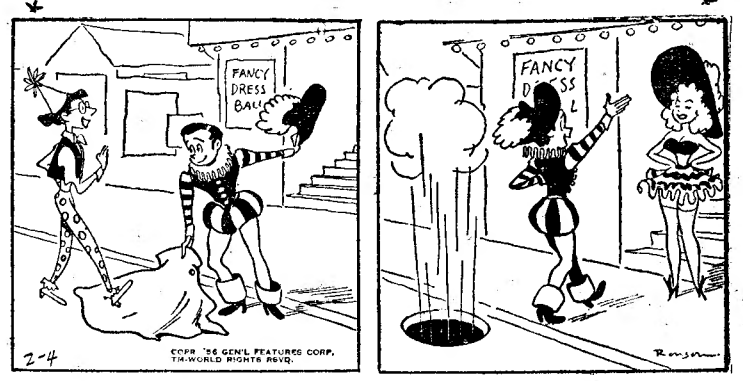
Fundação Musical
dos Amigos das Crianças

No próximo sábado, pelas 15 horas, a Fundação Musical dos Amigos das Crianças recomeça, na sua sede, na Rua de S. Bernardo, 108, r/c., as suas actividades.

Viagens Aéreas

Aos preços exactos das Companhias de Navegação, encontram os interessados na organização portuguesa de viagens, **TURISMO «SANTA MARIA»**, as passagens de que precisam para todo o Mundo. Telefone para 21905 ou 28686 ou escreva para a Rua Aurea, 292 1.º-Dt.º (Rossio) em LISBOA.

ELE & ELA



Prestidigitação

Washington confia
nos resultados da reunião
do Conselho de Segurança
embora reconheça as suas dificuldades

(Continuação da página anterior)

ficasse, aos olhos da opinião publica, a sua conivência numa operação tendente a demonstrar a incapacidade da O. N. U. Assim, deseja que a opinião publica americana possa bem compreender a certada que se joga: procura-se, é certo, uma solução pacífica, mas que tenha em conta os princípios de direito; e a base dessa solução, definida pelos 18 países na primeira Conferência de Londres, deve ser respeitada e acatada.

Daí a tese americana, afirmando que a acção das Nações Unidas, porque está comprometida, deve ser o ponto de partida de uma solução a longo prazo, ao mesmo tempo jurídica e política, visto aquela, a curto prazo, ser a formação da Associação dos Usuários do Canal.

Na sua origem, este plano dos Utentes deveria ser hermético e tão amplo quanto possível. As discussões da segunda Conferência de Londres demonstraram que, por motivos apresentados por vários participantes, se tornava impossível conseguir simultaneamente estas duas condições. No seu regresso de Londres, Foster Dulles deu-se conta, além disso, de que a legislação americana não estava á altura de evitar certas dificuldades.

O Governo dos Estados Unidos esforçar-se-á por dar, no ambito da sua legislação, certas directrizes aos armadores, tanto no que respeita ao pagamento dos direitos de portagem, como sobre o desvio eventual da rota do Suez. Mas mesmo assim, o Governo não está á altura de exigir dos armadores uma modificação mais dispendiosa e prejudicial, comercialmente falando, do seu tráfego marítimo.

Contudo, para Washington, a Associação poderá ser util num futuro imediato devido aos princípios que representa. Todos conhecem os escolhos que, no Conselho de Segurança, podem impedir uma solução construtiva e todos desejam evitá-los. E' por isto que circula nos meios informados, a ideia de uma comissão, cuja natureza, composição, atribuições, competência e missão devem ser estudados de antemão. Os contactos que antecederão a reunião da O. N. U., da próxima sexta-feira, deverão permitir se chegue a um acordo sobre estes pontos importantes. Crê-se que, usando de paciência e persistência, o Conselho de Segurança poderá apresentar uma fórmula construtiva. — (F. P.).

GLYCOL

O IDEAL DA PELE

Produtos V. A. P. Portugal

O unico preparado que realiza a máxima beleza, dando á pele o raro encanto da mocidade

A' venda nas boas casas da especialidade e principais farmácias

Depositários gerais:

VENTURA D'ALMEIDA & PENA

Rua do Guarda-Mór, 20, 3.º, E. — Lisboa — Telefone 664972

Enviamos encomendas pelo **correio á cobrança**

Remetemos amostras contra **5$50 em selos do correio**

BERLENGA

Telefone 1

Pousada de S. João Baptista

Aberta até 2.ª-feira, 8

ALLIANCE FRANÇAISE DE LISBONNE

SEDE — Rua Braamcamp, 11, 1.º — Tel. 48806

ANEXO — Avenida Almirante Reis, 183, 1.º, D.

Cursos Práticos de Lingua Francesa

Ensino completo para adultos desde principiantes até à obtenção do diploma da Alliance Française de Paris com o visto do Ministério da Educação Nacional Francês

CURSOS ESPECIAIS PARA ALUNOS DOS LICEUS E ESCOLAS

—— ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES ——

Uma mulher inteligente, cuja beleza é «independente da moda». Você poderá obter os mesmos resultados usando

Placentubex

«Operação de estética sem bisturi...»

Assim chamou a imprensa ao tratamento com Placentubex, o único preparado que introduz o extracto de placenta directamente no interior da pele por meio do Serol. Os resultados são realmente surpreendentes. Regiões cutaneas flácidas recuperam a elasticidade; o queixo, o pescoço e a pele das mãos (sempre em evidência), são alisados de maneira persistente. A aplicação é sumamente simples: aplica-se uma camada delgada de Placentubex e a seguir o creme de beleza habitual.

Um tubo dura para vários meses. À venda em todas as boas farmácias, drogarias, perfumarias e salões de beleza. Cada tubo custa 120$00. Merz & Co. Frankfurt/Main, Berlim, Zurique. Agentes Gerais para Portugal: A. Dias & Santos, Rua da Madalena, 273 — Lisboa.

Piscinas da Praia das Maçãs

As belas piscinas, com água salgada e constantemente renovada, Restaurante e Bar continuam abertas ao público durante o mês de Outubro.

CRÓNICA CINEGÉTICA

Tudo aconselha a que se interdite

nos terrenos livres a batida às perdizes

Como reflexo da abundancia de animais bravios — ursos, javalis, lobos, veados, raposas, línces, lebres, coelhos, etc. — que, outrora, habitaram o nosso Continente, então na sua quase totalidade inculto ou, como nos esclarece Costa Lobo, «um vasto matagal entressachado, afora algumas cidades e vilas, de pequenas povoações circundadas de breves arroteios» e com uma população escassa, foram toleradas, durante séculos, as mais variadas maneiras de apanhar esses animais, na sua quase totalidade destinados á alimentação do homem. Pouco a pouco, porém, essa abundancia foi-se extinguindo e as práticas de apreensão dos animais sucessivamente abolidas por nocivas, umas, regulamentadas, outras, pretendendo-se, assim, evitar o definhamento das espécies da fauna indígena. Certo é, porém, que já no reinado de D. Afonso V havia defeso para várias espécies, como, por exemplo, para a perdiz. Entre as várias maneiras de caçar de então podem apontar-se, como mais usuais, por falta de armas de fogo, a volataria e a montaria, e como mais nocivas á fauna, o desrespeito pelo defeso, as armadilhas, que, apesar da sua proibição, são ainda empregadas actualmente em elevado numero e variedade, em todo o País e em todo o tempo, mesmo na época destinada ás criações; o candeio, os faróis, a caça á perdiz com perdigão engaiolado (reclame natural), a maracha, a espera ou emboscada — forma, afinal, empregada na batida ás perdizes —; caçar de avião ou de dentro de qualquer veículo de tracção mecanica ou animal, a perseguição de perdizes a cavalo ou a sua caça a corricão (outra forma de destruir esta ave em tudo semelhante á batida), reclames, artificiais ou animais, quaisquer outros meios traiçoeiros, matilhas de mais de doze cães, linhas ou grupos de mais de 6 caçadores até 30 de Outúbro e de mais de 8 depois desta data, etc....

Abatida ás perdizes foi também permitida durante muitos anos, imprudentemente, mesmo quando esta avé já escasseava, de 1 de Novembro a 31 de Dezembro, na área da Comissão Venatória Regional do Sul. Com a publicação do decreto n.º 37.983, de 26 de Setembro de 1950, foi aquele período reduzido de 15 dias, com a transferência do início da matança destas aves, a todos os títulos inconveniente, para 15 de Novembro, nos terrenos onde o direito de caçar seja livre.

Simultaneamente — (como ainda na época venatória finda aconteceu e voltará decerto a verificar-se durante muitos anos) — portarias antecipam, aqui e além, a data do encerramento da época venatória nas áreas das três Comissões Venatórias Regionais, isto é, em todo o País, mesmo na zona onde, durante muitos anos, foram autorizadas as batidas ás perdizes, por notória e reconhecida escassez destas aves. E a tal ponto a falta de espécies indígenas se tem acentuado nos ultimos anos, que em alguns concelhos do Norte, especialmente, tem sido totalmente proibida a caça á perdiz durante épocas venatórias sucessivas, o que revela que esta ave, uma das mais lindas da nossa fauna continental, não abunda onde quer que seja.

Na área da Comissão Venatória

(Cóntinua na 14.ª página)

Chega amanhã

o prof. Wolwhil

que muito influenciou as ultimas gerações de médicos portugueses

Chega amanhã a Lisboa um cientista que teve grande influência na formação das ultimas gerações médicas: o prof. Frederick Wolwhil, de origem alemã, que veio para Portugal quando do advento de Hitler ao Poder, e que, depois de ter estado a trabalhar no Instituto Português de Oncologia, como prossector de Anatomia Patológica, exerceu durante dez anos idênticas

(Continua na 14.ª página)

Fez 70 anos

e foi homenageado um dedicado funcionário dos Hospitais Civis

O Zé Maria, mais conhecido pelo «Avozinho» entre os médicos, enfermeiros e doentes, que têm passado pelo Hospital do Rego, completou hoje 70 anos de idade, com 40 de serviço hospitalar e 28 na secção de Raios X daquele hospital, sempre como servente. Figura simpática, sabia ocultar as contrariedades e ouvir as impertinências dos doentes e até mesmo dos enfermeiros e de alguns médicos. Respeitador, consciente e solicito, nunca mostrava enfado ou aborrecimento. Serviu durante quarenta anos—seis no Hospital de D. Estefania, 8 meses no de São José e o restante tempo no do Rego.

O «avozinho» José Maria atingiu hoje o limite de idade. Foi o ultimo dia em que prestou serviço nos hospitais. Aparentemente saudável, dinamico, ninguém diria, se não fosse a sua certidão de idade, que já tem 70 anos.

Foi-lhe prestada hoje, na sala de Raios X, do Hospital do Rego uma significativa homenagem, á qual se associaram todo o pessoal clinico, enfermeiros e enfermeiras. Houve uma sessão, muito simples, tão modesta como era o cargo do dedicado funcionário hospitalar. Depois de terem falado o sr. dr. Eugénio MacBride e o sr. César Castilho, este em nome do todo o pessoal e aquele em nome dos médicos, José Maria agradeceu e não pôde conter as lágrimas.

No final foi-lhe entregue uma carteira com dinheiro, oferta de todo o pessoal hospitalar. Uma enfermeira, alegre e graciosa, entregou ao festejado uma «chucha», que fez voltar aos rostos de todos os presentes um ligeiro sorriso. Depois seguiram-se os abraços ao «avozinho» José Maria. Médicos, enfermeiros e enfermeiras, todos lhe desejaram felicidades.

Trocámos então algumas palavras com ele. Encontrava-se emocionado, aturdido com a manifestação de carinho que recebera.

—Olhe, não sei como me sinto! Isto parece-me um sonho! Não me lembro de coisa alguma, tudo neste momento se me varreu da memória!

—Está contente por deixar os hospitais?

—Estou e não estou. Tenho muita pena dos meus doentes.

Setenta anos de vida—quantos de recordações?

—Gosta mais das crianças?

—Todos são doentes para mim, quer sejam velhos, novos ou crianças. Habituei-me a sofrer com os seus males. Todos merecem os mesmos cuidados.

—Por que razão o conhecem por «avozinho»?

—Sei lá! São os médicos, os internos, os externos, os doentes, as enfermeiras e os enfermeiros que me tratam por «avozinho». Devo ser o homem mais rico do Mundo com tantos milhares de netos...

Quando tentava

roubar a motocicleta foi denunciado pelos presos do Limoeiro

As motocicletas constituem uma tentação para alguns, quando as encontram abandonadas junto aos passeios. Detêm-se a admirá-las e, em certa altura, tratam de saltar para cima do selim, agarram-se ao guiador e lá vão eles de abalada em passeio pela cidade... Raros são os que, nestas condições, não têm sofrido sérios percalços: uns vão para a cadeia, outros para o hospital.

Anteontem, uma agente da Polícia Judiciária foi visitar umas pessoas das suas relações á Rua Augusto Rosa e deixou a sua motocicleta junto ao passeio. Pouco depois passou por ali um indivíduo que começou a admirar a motocicleta e a olhar para todos os lados, a ver se estava alguém nas janelas, mas não teve o cuidado de observar que os seus movimentos e intenções estavam a ser seguidos pelos presos da cadeia do Limoeiro, que se encontram ás grades das janelas.

No momento em que procurava pôr a motocicleta em movimento para fugir, os presos da cadeia tocaram a campainha de alarme para o porteiro. Os soldados da G. N. R. que ali fazem serviço vieram rápidamente para a rua e percebendo o que se passava dirigiram-se ao motociclista e prenderam-no.

Pouco depois aparecia o agente, dono da motocicleta, que levou o preso para o Torel, onde foi identificado. Trata-se de Mário Fernandes Meneses, que já conta uma prisão. A Polícia procede a investigações.

Leiam o jornal humoristico sempre fixe

200 pessoas

ligadas à Philips reuniram-se hoje em congresso

A Philips Portuguesa efectuou hoje o seu congresso anual, reunindo nos salões da sua sede duzentos agentes de rádio do Centro e Sul do País. Este congresso, com que se inaugura a nova época de actividades, principiou ás 10 horas, com a presença do administrador-delegado da empresa, sr. dr. L. J. Wyns, dos membros do respectivo conselho de direcção e de numerosos funcionáriois superiores.

O dr. Wyns abriu a sessão saudando os presentes e exprimindo o prazer que sentia em conviver com todos os colaboradores da Philips. Referiu-se á grande variedade de aparelhos de rádio que a empresa vai lançar no próximo ano e falou do novo mercado que se depara aos comerciantes da especialidade, dissertando sobre os planos da Philips acerca da Televisão. Afirmou, a propósito, que a experiência da marca é uma garantia para o comércio da especialidade, uma vez que a Philips trabalha em televisão desde 1925, sendo considerada pioneira, na Europa, nesse ramo.

Por fim, o sr. Wyns agradeceu a presença de todos e desejou-lhes boa sorte nas suas futuras actividades comerciais.

Seguidamente, falou o sr. Santos Sousa, chefe da secção de rádio, que expôs as vantagens e características dos aparelhos a apresentar. Falou também, o sr. Barroso Ramos, director dos serviços técnicos, que salientou, com interessantes demostrações práticas, as vantagens do «bi-ampli», no que respeita ás características de som e alta fidelidade.

Terminada a sessão, os congressistas foram para o Pavilhão dos Desportos Náuticos, em Belém, onde se realizou um almoço de confraternização, a que assistiram igualmente várias individualidades da radiodifusão e radiotelevisão nacionais.

O almoço reuniu 260 pessoas e foi presidido pelo dr. Wyns, que tinha á direita a sr.ª D. Augusta da Silva e o sr. Deodato Soares e, á esquerda, os srs. Benjamim Warner Kahn e P. J. Waterschot.

Aos brindes falaram os srs. dr. Wyns, que saudou a assistência, o srs. eng.º Lima Basto, Fernando Silva e Jorge Brito de Figueiredo, dr. Cardoso Ribeiro e Adolfo Martins.

Dentes postiços

DENTOFIX dá-lhes firmeza.

DENTOFIX forma uma almofada confortável; mantém as placas tão firmes e justas que permite comer e falar com maior conforto e segurança; em muitos casos quase tão bem como com dentes naturais. DENTOFIX diminui o receio constante de que caia, mova ou abane a placa. Peça hoje Dentofix em qualquer farmácia ou drogaria.

VOLTA AO MINHO

CONTINUAM OS TRIUNFOS DO

Peugeot 403

VENCEDOR DO GRUPO "A" 2.ª CLASSE

1.º tripulado por José Emídio da Silva

2.º » » D. Eduardo Serpa de Pina

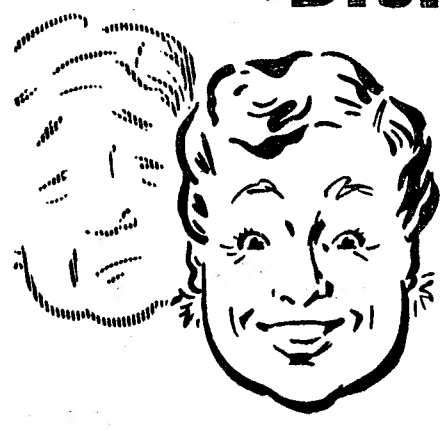
AGENTES GERAIS PARA O SUL

Mocar, L.da

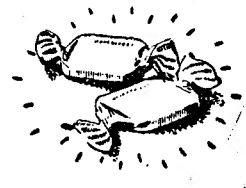
Exposição e Vendas
Av. Ant. Aug. Aguiar, 19-A
Telef. 44156

Serviço — Oficinas — Peças
Rua D. Luis de Noronha, 40
Telef. 775369

DISPEPSIA?



As Rennie dão-lhe alívio instantâneo



Não se deixe avassalar pela dispepsia! Ao sentir a indigestão tome 2 *Rennie*. Os seus componentes, dissolvidos pela saliva chegam ao estômago onde actuam, suprimindo o sofrimento.
À venda nas farmácias em pacotes de 100 e 25.

Compre hoje mesmo.

PASTILHAS RENNIE

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

No Teatro Monumental, foi retirada de ensaios a comédia «Dias felizes», aguardando-se melhor oportunidade para a sua provável reposição.

—Não se pode realizar, como estava prevista, a apresentação da nova companhia do Teatro da Trindade, por motivos imprevistos.

—A companhia da actriz brasileira Bibi Ferreira embarcou ontem, no Recife, com destino a Lisboa. Com a antecipação do seu embarque, a estreia no Teatro Monumental está assente para quinta-feira, 11 do corrente.

—Amália Rodrigues vai estrear no Copacabana do Rio de Janeiro. Deve também actuar na televisão, conservando-se naquela capital, até meados de Novembro, de onde seguirá para Nova York, para estrear no «roof» do Waldorf Astória.

—Os artistas portugueses Mimi Gaspar, Francisco José e Luís Guilherme estão a ser apresentados na Rádio Televisão Tupi, do Rio de Janeiro.

—A companhia do Teatro D. Maria vai realizar espectáculos em Evora, nos dias 7 e 8 do corrente.

—A companhia de comédias, que está no Teatro S. João do Porto, deve, na próxima semana estrear a comédia «O Milagre da Praça da Alegria». Com esta e com a peça «Daqui fala o morto», deve efectuar uma digressão pela Província, que se prolongará até ao final da temporada que a companhia brasileira da actriz Bibi Ferreira, vai fazer no Teatro Monumental.

—A companhia de operetas que vai realizar no Porto uma temporada de quatro meses, deve, fazer oportunamente, uma passagem do seu repertório, provàvelmente no Teatro Apolo.

Notícias do Brasil

A revista «Botando p'ra Jambar», em cena no Teatro Recreio do Rio de Janeiro, o primeiro espectáculo apresentado pelo empresário Walter Pinto, após a sua digressão pela Argentina, fez de receita, nos sete primeiros dias de representações, a quantia de um milhão de cruzeiros.

—O actor Ruy Cavalcanti, está em negociações com o produtor Carlos Machado, para participar no desempenho do próximo «show», a apresentar na «boite», Night and Day».

—A companhia de comédias Eva Todor homenageou em cena aberta, no Teatro Serrador, o escritor Raimundo Magalhães Junior, pelo motivo da sua recente eleição para a Academia Brasileira de Letras.

—Os artistas Colé Santana Lilian Fernandes e Almeidinha, constituíram um «trio», que anda em digressão pelo Sul do Brasil.

—Vai ser demolido o Teatro Coliseu de Porto Alegre, casa de espectáculos de longa tradição.

—A artista portuguesa Maria da Graça e Renata Fronzi, são as pri-

(Continua na 6.ª pág.)

MOROCCO

Dancing — Ambiente Parisiense

HOJE

inauguração da época de Inverno

EM ESTREIA:

A famosa orquestra de FERNANDO DE CARVALHO, composta por 12 professores de musica e da inigualável atracção

JOLSON

à frente de um seleccionado programa de atracções internacionais. (Adultos)

Marcam-se mesas pelo telef. 34120

PROFESSOR ALBA

Amanhã no TEATRO ABC

EMPRESA JOSÉ MIGUEL DE ESPECTÁCULOS, LDA. Telef. 366783

VAI SER DADA AO PUBLICO DE LISBOA A SENSACIONAL OPORTUNIDADE DE ADMIRAR A ARTE E A CIENCIA INCONFUNDIVEIS DO CÉLEBRE

PROFESSOR ALBA ?

E DA SUA ENIGMÁTICA «MEDIUM»

GIOCONDA

ACTUANDO NAS MAIS ESPANTOSAS EXPERIENCIAS DE HIPNOTISMO, TELEPATIA, RETENÇÃO DE MEMÓRIA E BATENDO O «RECORD» MUNDIAL DE CÁLCULO MENTAL EM COMPETIÇÃO COM MÁQUINAS

UMA ARTISTA QUE ASSOMBRA OS PROFANOS E DESCONCERTA OS SÁBIOS !

Tal como em Espanha, o Professor Alba que decorou os 300.000 numeros de telefones de Madrid e já conseguiu fixar a lista de Lisboa, indicará rápidamente, dando-se-lhe o nome, o numero do telefone e o endereço de qualquer assinante

GIOCONDA

GÉNIO OU MILAGRE ?

EM ENSAIOS, NESTE TEATRO, PARA SER APRESENTADA EM BREVE, A REVISTA POPULAR **«DAQUI FALA O ZÉ!»**

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: SISSI — MONUMENTAL

SÃO LUIZ — TEL. 27172
A's 15,15 e 18,15 (preç. red.) e ás 21,30 (13 anos)
2.ª semana do grande êxito
O NOIVO DAS CALDAS
com **António Silva, Ana Paula Zeiger e Curado Ribeiro**
No programa: **LISBOA DE ONTEM E DE HOJE**

EDEN — TEL. 20768
15,30-18,30 e 21,30
MARIA SCHELL
Amorosa como sempre, em
ENQUANTO HÁ VIDA
Uma história sentimental na qual uma mulher se debate num problema de consciência
(Para 18 anos)

IMPÉRIO — TEL. 55134/5
A's 15,15 e 21,30
Ultimas exibições
2.ª semana
(Adultos)
Um filme de invulgar classe cinematográfica e extraordinária interpretações de **Glenn Ford, Broderick Crawford e Jeanne Crain**
A VIDA OU A MORTE
AMANHÃ, ás 18,30, inauguração da 2.ª temporada de **«Gente de cinema fala de filmes»**, com **História de 3 amores**
A's 21,30, inauguração da temporada de 1956/57 com o colosso dos mares e da cinematografia
MOBY DICK

MONUMENTAL — TEL. 55131
Hoje - Estreia ás 21,30
Inauguração da temporada de 1956/57
Pela 1.ª vez em Portugal a retumbante revelação alemã **Romy Schneider** no filme de Ernest Marischka
SISSI
c/ **Romy Schneider e Karlheinz Böhm**
em Agfacolor
(Maiores 13 anos)

ALVALADE — TEL. 763080
A's 15.15 (pr. rd.) e ás 21,30 (13 anos)
Grande êxito da comédia de gargalhada de Artur Duarte
O NOIVO DAS CALDAS
com **António Silva, Ana Paula Zeiger e Curado Ribeiro**
No programa: **LISBOA DE ONTEM E DE HOJE**

TERRASSE — TEL. 20917
A's 21,15 (18 anos)
CONTOS VIENENSES
VALENTINO

LIZ — TEL. 48560
A's 21,15 (18 anos)
O FUNDO DA GARRAFA
com **Van Johnson**

ROYAL — TEL. 845037
A's 21.15 (18 anos)
VERA CRUZ
com **Gary Cooper**
A RAINHA DE SABÁ

TIVOLI — TEL. 50595
3.ª semana
Uma maravilha de cor, dramatismo e alegria peninsular!
As 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (Para 13 anos)
TARDE DE TOUROS
com **Domingo Ortega, António Bienvenida e Enrique Vera**

POLITEAMA — TEL. 26305
15,15-18,15 e 21,30 (18 anos)
2.ª semana triunfal do vibrante filme de amor e aventuras
O REBELDE DA IRLANDA
com **Rock Hudson e Barbara Rush**
em CINEMASCOPE e em tecnicolor

CONDES — TEL. 22523
A's 15,15 e 18,15 e ás 21.30
2.ª semana
(Adultos)
Um filme policial, repleto de acção, movimento realismo
A PONTE DO DESTINO
c/ **Tony Curtis, Julie Adams e George Nader**

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15,15-18,15 e 21,30
(13 anos)
O mais famoso cómico do cinema mundial
DANNY KAYE
na magnífica produção colorida
O BOBO DA CORTE
Technicolor VistaVision

ODEON — T. 26283
15.15-18.15 (pr. rd.)
2.ª semana
Um filme que choca, enternece, faz rir e emociona
ESCOLA DE VAGABUNDOS
com **Pedro Infante - Miroslava**

CAPITÓLIO — TEL. 27493
15.30 todos os dias 21,30 (18 anos)
JEAN GABIN
premiado na Bienal de Veneza pela sua **excelente interpretação no filme**
TOUCHEZ PAS AU GRISBI
O ULTIMO GOLPE
O grande êxito do momento, aplaudido pelo publico
com **Dora Doll** e **René Dary**
No programa: **ENQUANTO HOUVER ANIMAIS**, premiado em CANNES

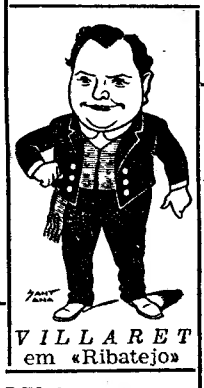
RESTELO — Tel. 610375
A's 21,15 (13 anos)
AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOÉ
c/ **Dan O'Herling**

CINEMA IDEAL
A's 21 (13 anos)
O VALE DA ESPERANÇA
DOIDO COM JUIZO

CASINO ESTORIL
A's 21.30 (18 anos)
O INCÓGNITO
c/ **Mai Zetterling**

M I L U
em «Salomé»

LISBOA INTEIRA FALA NO EXITO COLOSSAL



V I L L A R E T
em «Ribatejo»

Leónia Mendes
em «Arlequim»

Raul Solnado
em «Nasser»

JUSTAMENTE ALCANÇADO PELA GRANDE E VICTORIOSA REVISTA DO

VARIEDADES

Empresa Artística de Espectáculos, Lda.

UMA DESLUMBRANTE REALIZAÇÃO DE

VASCO MORGADO

NÃO FAÇAS ONDAS

Um espectáculo colossal de alegria com

Milu - Villaret
Costinha - Leonia

LUIZA DURÃO, RAUL SOLNADO, TAMARIZ, CARLOS COELHO, no compère e ainda 10 girls inglesas, 4 bailarinos portugueses, actuando sob a direcção de CHARLES

Espec. para adultos—Todas as noites ás 20,45 e 22,45

Comboios para o Algarve

Para ocorrer ao movimento de passageiros que se verifica durante a época termal e balnear, a C. P. estabelece durante o período de 23 de Julho a 7 de Outubro do corrente ano, a circulação diária entre Lisboa (Terreiro do Paço) e Vila Real de Santo António-Guadiana, dos comboios directos do Algarve e suas ligações de e para Aljustrel e Lagos.

O horário é o seguinte:

8-50 p.	Lisboa (Terreiro do Paço)	c.	21-25
9-35 p.	Barreiro	c.	20-39
13-37 c.	Aljustrel	p.	16-25
16-19 c.	Portimão	p.	13-49
16-45 c.	Lagos	p.	13-24
16-03 c.	Faro	p.	14-10
17-18 c.	V. R. Santo António-Guadiana	p.	12-55
		(a)	

(a) De 24 de Julho a 8 de Outubro.

Leiam o jornal humoristico sempre **fixe**

2.ª SEMANA O NOIVO DAS CALDAS 2.ª SEMANA

(13 anos)

Realização de ARTHUR DUARTE

COM

SÃO LUIZ e ALVALADE ANTONIO SILVA - ANA PAULA - CURADO RIBEIRO SÃO LUIZ e ALVALADE

HOJE — NOITE DE GRANDE ESTREIA NO

MONUMENTAL

INAUGURAÇÃO DA ÉPOCA 1956/57 COM A APRESENTAÇAO EM PORTUGAL DA RETUMBANTE REVELAÇAO ALEMA

ROMY SCHNEIDER

SISSI

UM MARAVILHOSO ESPECTÁCULO EM **AGFACOLOR** QUE VAI SER O ENCANTO DO PÚBLICO PORTUGUÊS

(13 anos) — **Exclusivo «Luso Mundo»**

VILA FRANCA

FEIRA ANUAL

Dias 7-8-9-10-11

Carteis para a aficion e só com Portugueses

Cavaleiros

SIMÃO DA VEIGA
FERNANDO SALGUEIRO
MANUEL CONDE
VARELA CID

Espadas

DIAMANTINO VISEU
FRANCISCO MENDES
JOSÉ JÚLIO
JOSÉ TRINCHEIRA

e

CARLOS FALCÃO
AMADEU DOS ANJOS
MANUEL RODRIGUES

Toiros de

Pinto Barreiros
José Pedrosa
e Sociedade Agricola de S. Estevam

Forcados

Amadores do Ribatejo
Forcados de Vila Franca

5 EMOCIONANTES ESPERAS DE TOIROS

LUSO

TRAVESSA DA QUEIMADA, 8-A

Tel. 32889

Frutuoso França

Animador: Fausto Ribeiro

Hoje (até de madrugada) Fados e Canções por **FRUTUOSO FRANÇA, Natividade Pereira,** Manuel Carlos, Isaura A. de Carvalho, Manuel Dias e Beatriz Ferreira.

Acompanhamentos por António Couto e Pedro Leal. **Amanhã. Estreia de Florinda Maria.**

(Para adultos)

CASINO ESTORIL

HOJE

HARBERS and DALE
e o **«BALLET CROIX DO SUD»**

Orquestra OLIVER — Conjunto MÁRIO SIMÕES e o pianista internacional BOB VATEL

(Adultos)

Em VISEU o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na casa Domingos & Agostinho.

5.ª FEIRA NO POLITEAMA

INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA DE INVERNO COM O FILME QUE VAI CAUSAR SENSAÇÃO

COM CLIFTON WEBB · GLORIA GRAHAME

E FOI VERDADEIRA! ACONTECEU! MAS SÓ AGORA PODE SER CONTADA NUM FILME QUE ABALA OS NERVOS E ASSOMBRA DE CENA PARA CENA!

SOM ESTEREOFÓNICO DE ALTA FIDELIDADE COM QUATRO BANDAS MAGNÉTICAS

MARIA VITORIA

RIA COMO NUNCA
COM A MAIS FESTEJADA
VEDETA POPULAR

BEATRIZ COSTA

NO NOVO ESPECTÁCULO DE

SALVADOR

A REVISTA POPULAR

«O REBOLIÇO»

O ÊXITO TEATRAL DE QUE SE FALA!

2 SESSÕES ÀS 20.30 e 22.45 ADULTOS

Empreza: «Eugénio Salvador-Rui Martins»

CAMPO PEQUENO

A AFICIÓN ESTÁ IMPACIENTE

PELAS 22 HORAS DE AMANHÃ

Sensacional e notável corrida de 9 toiros do EX.mo SR. **FAUSTINO DA GAMA** para o encontro que neste momento se impunha entre os dois portugueses

Diamantino Viseu
e
Joaquim Marques

com o novo fenómeno de Espanha

Gregório Sanchez

que faz a sua apresentação em Portugal, e outro encontro do mais alto interesse entre os dois grandes cavaleiros

Mestre Simão da Veiga
e
Manuel Conde

OS FORCADOS AMADORES DE LISBOA

sob o comando do EX.mo SR. **NUNO DA SALVAÇÃO BARRETO,** farão as pegas nesta corrida de emoção e grandeza

BILHETES Á VENDA NOS RESTAURADORES, 7—(PARA 13 ANOS)

Os bilhetes com a data de 5 de Setembro não dão entrada na Praça, devendo ser trocados na bilheteira

O monumento ao navegador Jorge Alvares, de Freixo de Espada á Cinta, anteontem inaugurado, situa-se num gracioso recanto da pitoresca vila trasmontana

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

MORREU NO HOSPITAL—No Hospital da Estefania, faleceu hoje António Joaquim Teodoro, de 13 meses, natural do Lavre, Montemor-o-Novo. Há um mês que o extinto recolhera áquele estabelecimento hospitalar, por ter sido colhido por uma furgoneta.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ôntem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): Uma caneta de tinta permanente; um par de óculos escuros; uma bolsa de prata, com dinheiro; um porta-moedas, com dinheiro e uma medalha religiosa; um porta-moedas de pano, contendo dinheiro e artigos de toucador; três discos de grafonola; um tampão de depósito de gasolina; uma aliança de prata, com nome e data gravados; um missal romano; diversas argolas com chaves e chaves desirmanadas; os bilhetes de identidade de Manuel Xavier e João Silvares Ramalho; uma boina tipo espanhol; um cabaz de verga, contendo medicamentos, um par de óculos e um bocado de queijo; três romances; um envelope com documentos em nome de Maria Pereira; um retalho de chita; um bracelete de metal para relógio; duas toalhas e dois calções de banho; um relógio de pulso, para homem; uma carteira de homem, contendo o bilhete de identidade e outros documentos em nome de Euclides da Silva; um aro de roda de automóvel; uma pedra de sabão, rosa e branco; um estojo com um par de óculos graduados; duas luvas, desirmanadas, para senhora; um tampão de roda de automóvel; uma mala de senhora, contendo dinheiro, o bilhete de identidade de Maria do Carmo Martins Brandão e outros artigos; um par de luvas de senhora; uma radiografia de Armando Pereira; e um bilhete de identidade, passado pela Administração Geral dos C. T. T. em nome de Bartolomeu Campos Vasconcelos.

Em VENDAS NOVAS o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na casa José Inácio Simões Junior.

TÉNIS

Os Estados Unidos venceram a Itália para a «Taça Davis»

FLOREST HILLS (Nova York), 2.—Os Estados Unidos derrotaram a Itália, no encontro interzonas da «Taça Davis». Hoje, cada uma das equipas venceu uma partida de singulares, dando aos Estados Unidos uma vitória de 4 contra 1. Os Estados Unidos vão agora á Austrália defrontar a India, vencedora da Zona do Oriente. O vencedor do encontro defrontará a Austrália, detentora da Taça.—(R.).

SPORTING CLUB DE PORTUGAL

Festivais internacionais do Estádio José Alvalade

ATLETISMO

com a equipa militar americana e os melhores atletas nacionais

NOS DIAS 2 E 3 DE OUTUBRO ÀS 21,30 HORAS

(Espectáculo para maiores de 13 anos)

Bancada Central—Esc. 10$00 (Porta 11)
Bancada Lateral—Esc. 5$00 (Porta 11)
Sócios (Transf. Bancada Central)—Esc. 5$00 (Portas 12 e 14)
Senhoras acompanhadas de sócios—Esc. 5$00 (Portas 12 e 14)
Forças Armadas (Fardadas)—Grátis)—(Portas 13 e 15)
Sócios (Quota de Setembro)—Grátis—(Portas 12 e 14)

Bilhetes á venda: Na Sede do Sporting, Rua do Passadiço, 86; na Livraria Popular, Rua Barros Queirós; nas Agências ABEP e D'AVILA; nas bilheteiras do Campo a partir das 20,30.
Os bilhtes de transferência só se vendem nas galerias.

SPORT LISBOA E BENFICA

JOGO BENFICA-PORTO, NO DIA 7 NO ESTÁDIO DA LUZ

Avisam-se os Srs. Associados que o levantamento dos bilhetes especiais de ingresso no citado jogo far-se-á na Rua Alves Correia, n.º 9—loja—de 3 a 6 do corrente, das 10,30 ás 13 e das 15 ás 23,30 horas.

Esclarece-se, para o devido conhecimento, que a entrada no Estádio da Luz será regulada pela apresentação do cartão de sócio e da quota do mês de Setembro, acompanhados do respectivo bilhete especial.

Para efeito de pagamento de quotas, os respectivos cobradores encontram-se na **SECRETARIA** nos dias 4 e 5, das 21 ás 23,30, e no Ginásio, no dia 6, das 15 ás 19 e das 21 ás 23,30 horas.

Lisboa, 1 de Outubro de 1956.

A DIRECÇÃO

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

meiras figuras da companhia de revistas que está a actuar no Teatro Carlos Gomes do Rio de Janeiro.

—A comédia «Gigi», de Colette que devia ser estreada no Teatro Serrador, na decorrente época, será a peça de estreia da temporada de 1957, da companhia de Eva Todor.

—Em S. Paulo e com grande êxito está a companhia do actor cómico «Oscarito».

Primeiras exibições

«A carga dos lanceiros», no Olimpia

O Olimpia inaugurou a sua temporada de estreias com tela panoramica e nova aparelhagem sonora, e com um programa duplo e de categoria: «A carga dos lanceiros», a do capitão Evoir de que resultou a vitória dos aliados na batalha de Sebastopol contra os Russos.

O filme em tecnicolor, tem grandeza e bons intérpretes, Jean Pierre Aumont, o bom actor francês, e Paulette Godard, a bela que Charlot descobriu. E, também em estreia dá-nos o Olimpia o filme de aventuras «Ao Norte do Rio Grande», com o famoso «cow-boy» William Boyle. Um grande programa o da reabertura do Olimpia. — *Visor 60.*

A estreia de hoje

No Monumental

Título—«Sissi».
Produção—Alemã.
Realização—Ernst Marischka.
Argumento—Uma opereta musicada.
Interpretes—Romy Schneider e Karlheinz Bohm.
Processo—Agfacolor.
Classificação—Maiores de 13 anos.

O rival de Charlot

O maior palhaço inglês, esta noite, na gigantesca companhia de circo do Coliseu. Atracções de todo o Mundo, no maior êxito de todos os tempos

Está no Coliseu, um autentico fenómeno de gargalhada, que faz rir Lisboa inteira. É o maior «clown» inglês, monumento de hilariedade, o célebre Don Sanders, que todas as noites faz nascer o sol da alegria na cidade!

Vá hoje ao Coliseu ver a assombrosa companhia de circo—uma companhia diferente de tudo, moderna, com as mais sensacionais atracções do Mundo! Não hesite! Esperam-no coisas assombrosas. «Matinées» ás 16 horas, quinta, sexta, sábado e domingo, com entrada gratuita ás crianças, até aos 10 anos, acompanhadas pela família. Nas noites de 4, 5, 6 e 7, todas as crianças podem assistir ao espectáculo.

Leiam o jornal humoristico

sempre fixe

VIDA MUSICAL

Orquestra de «jazz» de Count Basie

A estreia da nova temporada musical já é um facto consumado, com a apresentação da orquestra de «jazz» de Count Basie, no Império.

Julgamos ter já dado provas de não alimentar «parti-pris» contra a musica de «jazz», assim chamada globalmente. Do pouco que pudemos ouvir ao natural, a espaços muito largos, é que colhemos impressões e tiramos conclusões muito diversas. E' natural, tratando-se de arte que pode entrar na profunda expressão de folclore ou limitar-se a fáceis sensações epidérmicas —não vamos mais longe, por exemplo, do que ao paralelo entre a grosseria da musica revisteira e as expressões populares tradicionais, ricas de conteudo e de revelações psicológicas, aqui mesmo entre portes portugueses.

O caso é que, por sorte nossa, fomos encontrar ontem na demonstração da Orquestra de Count Basie ainda maior interesse, maior possibilidade de ausência, do que era normal esperar. O responsável pelo grupo, Count Basie, (a simpatia bonacheirona em pessoa, como o contrabaixo, e também o vocalista), usa de uma arte essencialmente discreta, faz-nos entrar de bloco na atmosfera evocada por um dos sentidos atribuido originàriamente ao termo *Jazz*, que proviria do verbo francês *jazer*, tagarelar, falar por detrás da cortina. Não nos parece que o espírito de Mozart ou de Chopin, para não dizer de Debussy, seja antagónico desta musica, embora o mundo expresso seja outro; o *jazz*, este *jazz*, deixou a infiltração fazer-se em tantos musicos europeus que aceitaram a sua contribuição renovadora de ritmo e de timbre, mas continuou singrando sobre a *imediatibilidade* (perdão pela pretensão da palavra) do folclore. Por sua vez, esta musica em que a alucinação afro-americana imprimiu a sua marca ferozmente sensorial, candidamente mística, cultivada por grupos desta natureza, não rejeita subtilezas que se aproximam da erudição; sobre temas que de si são impositivos, o formulário gramatical não é pobre, os efeitos de instrumentação têm variedade; e a faceta virtuosíssica, levada a um paraxismo condizente com os valores temperamentais desenfreiados, ao mesmo tempo de boa lavra, claro que não estraga nada...

A improvisação não perde os seus direitos, mas enxerta-se, sob forma de variação, sobre uma composição estruturada, e algum, ou alguns dos 16 instrumentistas que compõem o grupo exploram com a propriedade e a qualidade de espantosos profissionais as particularidades dos seus instrumentos. Os saxofones atingem um aveludado que lhes confere a categoria que alguns compositores modernos já consagraram; as trompetes maneirinhas quase reatam a perdida tradição dos famosos trompetistas alemães prè-setecentistas; a maleabilidade dos trombones de varas fará a inveja de Ricardo Strauss; (só muito episódicamente intervem uma flauta, e um clarinete); e todos eles podem ser comentaristas do texto principal tão espontaneamente expressivos como excelentes actores de deliciosas comédias. A discreção do contrabaixo, que pode ser por natureza semelhante á do piano, vai a par com uma virtuosidade de pura água. A guitarra eléctrica (?) contribui curiosamente para centralizar os apoios; palmas sem rudeza e interpelações nunca guturais trazem mais uma nota de presença total; e a verdadeira alma do conjunto, a bateria, (desempenhada por um só executante, já se sabe), simplesmente fenomenal, leva á maior potência a ancestral arte do jogral malabarista. Tudo ri, brinca, fala, enlanguesce, raro se exime a exaltar-se até ao paroxismo, mas sem atropelar um verdadeiro sentido musical. E tudo parece idóneo, limpo, verdadeiro, legítimo.

Para apreciar devidamente o cantor Joe Williams, falta-nos compreender o que ele nos diz, e que mesmo assim temos por convincente, não menos típico do que toda a arte dos instrumentistas.

Os indispensáveis efeitos de luz, muito bem regrados, contribuiram para o encanto da demonstração. E até a plateia entrou como personagem, sem abuso, com dois focos brancos de jacto poderoso.

FRANCINE BENOIT

Tauromaquia

A corrida de amanhã no Campo Pequeno

Amanhã á noite, no Campo Pequeno, faz a sua apresentação em Portugal o toureiro que em Espanha mais rápidamente se colocou á frente de todos em numero de corridas e em corte de orelhas, Gregorio Sanchez. Vai alternar com os Portugueses Diamantino Viseu e Joaquim Marques na lide de seis touros do sr. Faustino da Gama, de que, na totalidade de nove, caberão três aos cavaleiros Simão da Veiga e Manuel Conde. Os 3 touros dos cavaleiros serão pegados pelos Forcados Amadores de Lisboa sob o comando do sr. Nuno Salvação Barreto. A corrida é nocturna e começa ás 22 horas.

Manuel dos Santos

A favor da Casa dos Rapazes da Rua, efectuou-se em Viana do Castelo, no domingo, um festival taurino, com a colaboração desinteressada do ex-matador Manuel dos Santos, do novilheiro José Julio, do cavaleiro-amador Ribeiro Teles e dos Forcados Amadores de Santarém.

Lidaram-se novilhos de Pinto Barreiros, que sairam bravos.

Ribeiro Teles, muito ovacionado, deu voltas á arena no final da lide do seu segundo, com os Forcados Amadores de Santarém que fizeram duas grandes pégas.

Manuel dos Santos, recebido com grande ovação, brilhou toureando de capote e de muleta, com voltas á arena e ramos de flores. O novilheiro José Julio foi aplaudido.

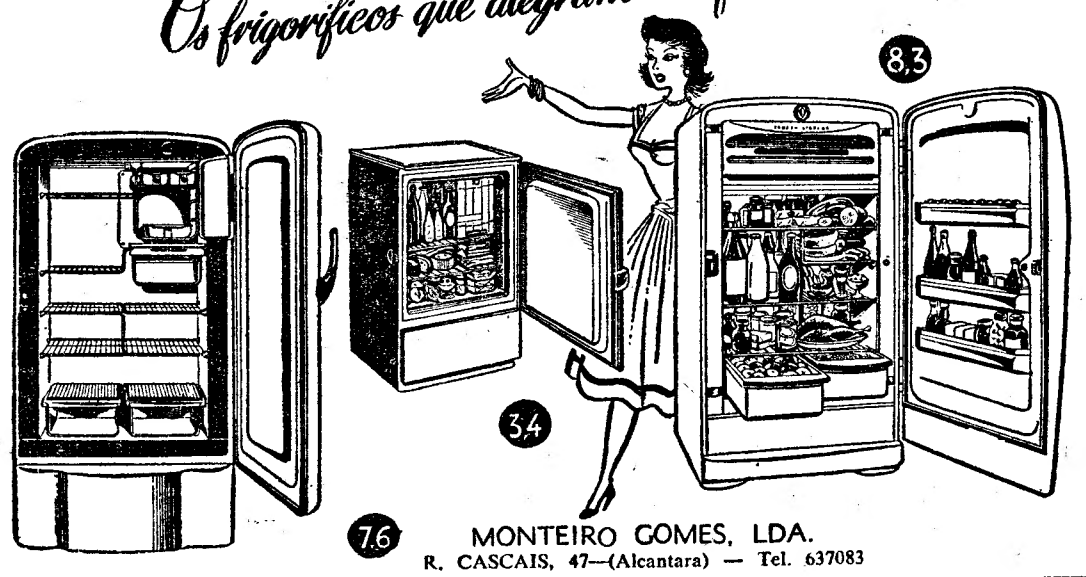
A praça registou uma grande enchente, pelo que o êxito financeiro deve ser idêntico ao artístico.

«Tertulia da Avenida das Tílias»

Decorreu animadamente a excursão que a «Tertulia da Avenida das Tílias», com sede na Travessa do Forno, promoveu a Sevilha. Durante a sua estada naquela cidade espanhola, os excursionistas assistiram ás corridas de toiros da Feira de S. Miguel.

ENGLISH ELECTRIC

Os frigoríficos que alegram e refrescam o lar!



MONTEIRO GOMES, LDA.
R. CASCAIS, 47—(Alcantara) — Tel. 637083

ÊXITO

Processo ao processo
Fritz Lang contra o cinemascópio

Segundo correspondência de Nova York para as revistas italianas («Cinema Nuovo»), Fritz Lang declarou recentemente em Nova York que considera o cinemascópio como sendo um enquadramento ideal para «serpentes e funerais» e não «para seres humanos».

O realizador referiu-se ainda á Censura, sublinhando que considera fundamental uma revisão do Código de Produção. Interrogado a propósito da influencia da Televisão sobre o Cinema, Lang mostrou-se muito severo, afirmando que os dois meios de comunicação são diversos, tendo apenas em comum a projecção de cenas, com seres humanos, numa tela.

O mestre alemão de «M», obra que declarou preferir a qualquer outra, manifestou o desejo de voltar a trabalhar na Europa, mas não deixou de sublinhar que após tantos anos de ausência isso seria perigosa aventura.

●●●●●●●●●●●●●

PROBLEMA ACTUAL

O documentarismo de que precisamos

A recente eclosão nos nossos «écrans» de uma série de documentários insulares e floridos veio levantar mais uma vez o problema dos caminhos da nossa cinematografia neste género. Já Nuno Portas a ele se referiu nesta página, bem como Baptista Bastos, na sua coluna do «Século Ilustrado»; já nós a ele nos referimos, igualmente, por diversas ocasiões.

O problema do nosso cinema documentarista interessa particularmente ás novas gerações ligadas á cultura cinematográfica que do campo teórico estão desejosas de passar para a fase prática experimental, logo que para isso lhes sejam dadas as oportunidades e os meios necessários, como já o sugeriu Leitão de Barros numa conferência pronunciada no S. N. I. Interessa porém, agora, analisarmos brevemente o que se passa, os caminhos que percorremos e para onde vamos.

Observada a história do cinema documentarista português ficamos transidos perante a pobreza que se estende diante dos nossos olhos: em cinquenta anos de produção temos apenas duas ou três obras que se podem enquadrar no género, apenas duas ou três que possuem um nível fora do comum. No entanto, segundo recentes estatísticas (1) entre 1950 e 1956 produzimos uma média de 55 documentários por ano. Ao que se saiba, para já não falar dos anos anteriores, nenhum deles ficou na história ou valeu sequer duas palavras de sincero louvor. O que se passa?

Antes de mais nada, e porque neste caso apenas está em jogo a competência dos cineastas, verifica-se o seu total desinteresse no aprofundamento da realidade portuguesa. Daqui a cinquenta anos o estudioso que então tiver a sorte de ter uma cinemateca nacional á sua disposição pedirá documentos da nossa vida, dos nossos problemas, dos anseios da sociedade portuguesa dos anos 50. O empregado dir-lhe-á com ar seráfico: «Não, não temos disso. Nos anos 50 não havia problemas, nem anseios, nem nada. Quer ver? «E mostrar-lhe-á os catálogos». O estudioso ficará rendido. «O que temos, sim, desses tempos, são uns bonitos documentários da ilha da Madeira» — acrescentará o funcionário. E o outro, ansioso, lança-se para a moviola á procura da humanidade portuguesa dos anos 50. Mas só encontrará ananáses e hortensias, carros de bois com batata e os pauliteiros de Miranda.

* * *

A verdade é que o documentarismo, pode dizer-se, nasceu com o cinema quando os repórteres da casa Lumière «alongaram a metragem das suas fitas de actualidades», como diz Sadoul. O documentarismo ficou, assim, como o género mais actuante e vivo do cinema porque se enquadra directamente na realidade quotidiana que vai prospectar. Escusado será acrescentar a importancia fundamental que ele iria ter no advento e desenvolvimento de todas as cinematografias, no aparecimento das escolas: desde a inglesa, que manteve a supremacia durante muito tempo, e deixou profundas marcas no seu cinema nacional, e na escola do populismo e do realismo poético francês, á americana, principalmente com Flaherty; e da russa ao documentarismo do cinema italiano do após-guerra, tradição que nos nossos dias é perseguida por um Bert Haanstra, por um Joris Ivens, por um Cocteau, por um Henry Watt.

Que fizeram os nossos cineastas entretanto? Cortejos de oferendas em Poiares de Baixo; folclore de

(Continua na 10.ª página)

(1) Relatório e contas da U. G. E. 1955.

O documentarismo de que precisamos: Bert Haanstra, o grande documentarista holandês, dirige uma cena do seu filme, ânalise do processo evolutivo do folclore holandês

●●●●●●●●●●●●●

FILMES PARA VER

II BIDONE

Fellini arrisca-se a tomar a breve herança do cinema italiano do após-guerra e a dar-lhe uma projecção «dramática» para além da sociológica que teve. Nisso, como no universo que inventa, se opõe ele se não a De Sica, pelo menos á ideia histórica que de De Sica acabou por se fazer. Precisamente, «ideia histórica» é aquilo que não pode fazer-se de Fellini—e ainda bem, que desta maneira se evitam muitos mal-entendidos. Exigindo a luta entre várias «leituras», Fellini terá que ser considerado por si, pelo que diz e pelo que pensa, não em função de preconceitos ou de escolas, ou, sequer, de simpatias. Verdadeiro autor, riquíssimo de implicações, Fellini prolonga o humanismo que o cinema italiano propôs, até inesperadas distancias.

«Il Bidone», o ultimo dos seus filmes apresentados, envolve a mesma temática da «Estrada», de «I. Vitelloni», e, no fundo, a mesma também de «Lo Sceicco Bianco», uma aparente comédia blasettiana, mas desencantada.

De uns para outros essa temática desenvolve-se e define-se: de uns para outros passou a «solidão». Solidão de adolescentes, de homens, solidão de velhos, agora.

«Il Bidone», retratando um meio que, pela irremediável individualização do retrato, deixa de ser um meio, conta realmente a história de um homem que envelheceu. Que ele, Augusto, seja um «escroc», apenas interessa á engenhosa história contada. O que ele é, dramáticamente, é um velho. E, então, para além de uma vida de «bidonista» (vigarista) é o próprio envelhecer que aparece aqui—e é por isso que este belo filme é, superiormente, um filme «horrível». O fim de Augusto, morto pelos seus cumplices, é o próprio fim do homem solitário, «o fim do homem», poderá dizer Fellini. Um seu companheiro desiste, retira-se no amor, na imortalidade: nisso acredita; outro rola ainda; Augusto acaba. A velhice iguala-se aqui á solidão, e sobre ambos o filme reflecte: só no coração do indivíduo o tempo se torna em «durée», pensará Fellini.

No «Touchez pas au Grisbi», Gabin envelhece, burguês e respeitado, saudoso embora; Augusto, o «bidonista», tem outro sacrificio a cumprir: enquanto um mito se resolve no fim do seu tempo de vida, outro, mais longo, atinge, na dor, no desespero e no terror, o seu sentido maior.

E então eu posso lembrar que, se «A Estrada» era, de certo modo, o oposto de «Ladrões de bicicletas», «Il Bidone» se opõe, sendo-lhe superior, porém, á enganada ternura de um «Umberto D».

...Uma das maiores e mais graves obras do cinema destes ultimos anos, «Il Bidone» é um filme para ver.

JOSÉ AUGUSTO FRANÇA

«CALLE MAYOR»

Betsy Blair, a magnifica actriz de «Marty», e José Suarez contracenam em «Calle Mayor», de Juan Antonio Bardem, prémio da crítica internacional de cinema do Festival de Veneza

O MAMBO DA BARDOT

Uma imagem de «Et... Dieu créa la femme», de Roger Vadeni, com Brigitte Bardot que dança um alucinante mambo

Para um cinema novo

Setembro, 29 — O «dossier» negro

Já por mais de uma vez Augusto Fraga me tinha referido o seu ponto de vista sobre as bases de um ressurgimento do nosso cinema. Posteriormente desenvolveu na Imprensa o seu ponto de vista e há dias M. Queirós, director de produção de «O Noivo das Caldas», em entrevista ao «Diário de Lisboa», voltou ás mesmas razões. Se não traio a ideia comum a essas declarações, a tese em experiência seria esta: o mercado do cinema português é, fundamentalmente, o mercado nacional; o mercado nacional devido ao atraso de grande parte do povo português, nomeadamente no que se refere aos índices de nível de vida e de analfabetismo, sobretudo na Província, é mais do que reduzido, irrisório para o desenvolvimento de uma industria cuja expansão histórica se tem fundado na produção em massa; a produção terá pois, em Portugal, de ter horizontes diferentes dos dos países mais desenvolvidos. O tipo de filmes terá de ser fortemente condicionado sob pena de se voltar ao marasmo.

Assim:

1.º) deverá tentar-se uma produção contínua, que trará, necessáriamente, uma redução de preços, em estudio, pessoal técnico e artístico e que permitiria, por outro lado, um aproveitamento dos possíveis lucros numa produção para melhorar ou correr riscos noutras.

2.º) deverá tentar-se uma produção a baixo custo, limitando o orçamento desde a planificação, planeando e cumprindo escrupulosamente a ordem de trabalhos, tentando um sistema de capitalização parcial por parte dos próprios artistas, em troca da garantia da continuidade de trabalho, etc.

3.º) deverá tentar-se uma produção popular ao alcance dos gostos de todo o publico; posto que mesmo todo o publico é muito pouco publico. Mas o que é uma produção popular, capaz de conquistar todo o nosso publico? Mas o que é o nosso publico?

Não creio que alguém o possa saber com um minimo de segurança: sabemos que não há o publico, mas publicos, que a aceitação de uma mesma película se revela diferente num S. Jorge ou num Capitólio, num Cinearte ou num cinema da Província. A ninguém escapa que encontramos hoje, no aspecto qualitativo, camadas mais ou menos bem dife-

(Continua na 10.ª página)

Robert Bresson
um grande cineasta que o nosso público desconhece

O novo filme de Robert Bresson, um dos maiores cineastas do nosso tempo que o publico português desconhece totalmente (não viu nem «Les dames du bois de Bologne», «Les Anges du Péché» ou «Journal d'un curé de campagne») terminou a filmagem da sua nova obra, «Un condanmé à mort s'est échappé» baseado na história verídica do comandante Devigny que condenado á morte, em 1943, pela Gestapo, conseguiu evadir-se da prisão.

Para este filme Bresson escolheu actores não-profissionais. Na imagem, o principal intérprete, um estudante universitário, ouve a explicação que o próprio Devigny lhe dá da sua evasão. A acção do filme decorre totalmente dentro dos muros da prisão.

De ontem para hoje

✱ ONDE ESTARÁ A CAUSA? — Alguém que não se identifica — dá apenas as iniciais J. M. S. — enviou de Vila Praia de Ancora mil escudos, com destino aos cofres do Ministério das Finanças. Não se diz a razão do acto singular mas de um modo ou de outro há-de corresponder a um rebate de consciência que não estará sempre presente em cada cidadão. Numa sociedade em que defraudar os cofres do Estado não é, para alguns, crime de consciência, representa na verdade um acto de pasmar este de voluntáriamente aumentar de mil escudos bens que não são os próprios mas comuns.

✱ CONCEITO PUBLICITÁRIO — Aqui há dias, um telegrama noticiava o desastre ocorrido em Milão com o aramista Moisés Ferreira, «o grande Moisés», como é tido e havido nos meios circenses. Segundo esse telegrama, o nosso compatriota teria ficado impossibilitado de trabalhar, mas da notícia não haverá que extrair outras consequências do que o triste conceito sobre a ansia de grandes lucros, ainda que estes venham á custa do esmagamento do coração humano. O aramista está bem, muito obrigado, continuará a trabalhar como sempre e vem aí indignado com o abuso e excesso publicitário da mpresa do circo. O que ele ganha pagará o susto que pregou á família?

✱ O TOIRO E A MÁQUINA — Ia o sr. João Nóbrega da Silva (funcionário judicial, residente em Lisboa, aqui na Rua da Rosa, 44), todo contente na sua motocicleta, quando, ao passar em Samora Correia, veio um toiro e investiu, deixando o toureiro á força, num estado lamentável. Salvos os riscos que correria quem se votasse á sua prática, não estará no facto a sugestão para uma nova e aliciante modalidade desportiva?

✱ IMOLAÇÃO A SANTO HUBERTO — Ainda ontem abriu a caça e já há que assinalar, entre as que porventura tenham ficado sem referência nos jornais, algumas vítimas imoladas a Santo Huberto. Se a caça não abunda e as restrições são muitas (felizmente), aqui se dá conta do nome e terra dessas vítimas — Marcial Dominguez Sanchez, de Linda-a-Velha, Manuel Fernandes Gomes, de Vila Nova de Paiva (á Coelheira), e Ernesto de Carvalho, Rua Vítor Bastos, 31. Este, que tinha 70 anos e fora há tempos atacado de paralisia parcial, pagou com a vida o seu culto de caçador e chegou a dar que fazer á P. J. por se ter admitido a hipótese de crime.

✱ A SÉRIE NEGRA — Aqui está a lista dos que foram colhidos, numa curva da estrada, pela morte. São três e assim se identificam: em Estremoz (Santa Vitória do Ameixial), voltou-se uma carroça e morreu Maria de Jesus Riço, de 68 anos (a pobre estava para ser operada); em Santana (Figueira da Foz), morreu sob o rodado de uma camioneta o operário Guilherme Gonçalves de Figueiredo, de 16 anos; e perto de Alpedrinha (Fundão), morreu Alvaro Baptista Nobre, por ter chocado com uma árvore a motocicleta em que seguia.

✱ O GRANDE PECADO — A enxada que cava a terra e a foice que ceifa o pão foram desviadas dos seus fins generosos para fins criminosos. Em Alfeizerão (Famalicão da Nazaré), porque foi agredido á enxadada José Delgado Junior, de 57 anos que veio a falecer em consequência; em Cordinhã (Cantanhede) porque alguém, pela calada da noite, encostou a escada á janela de Manuel Marques Grilo, entrou-lhe no quarto e agrediu-o á foiçada. Foi o filho que o livrou da morte e o levou ao hospital de Coimbra, enquanto as autoridades procuram descobrir o criminoso e a intenção do crime.

✱ MORTE QUE A ÁGUA LAVA — Os poços sem cobertura, os tanques sem uns olhos que os resguardem dos sem-cuidados das crianças. Para a estatística da nossa fé incauta, aqui se cita a morte de José Duarte Pesca (77 anos, S. João da Ribeira), que foi retirado morto de um poço; de Maria Fernanda (5 anos, menina filha de António Rocha Gomez, natural de Vitorino das Donas, Ponte de Lima), que caiu num tanque e lá morreu afogada; e de um menino de 18 meses, filho de Horácio Mercier (Vila Nova da Barquinha), que morreu também afogado no tanque em que a mãe lavava a roupa.

✱ JORNAL PEQUENO — Viana do Castelo, através das suas forças vivas, pediu a criação do 3.° ciclo do seu liceu, prometendo o ministro da Educação essa vantagem para o ano que vem. ✱ Depois de uma visita a alguns países da América do Sul, regressou o prof. dr. Gonçlaves Pereira, director do Instituto de Ciências Económicas e Financeiras. ✱ Os lobos assaltaram os rebanhos de Paredes da Beira, pondo as populações em estado de alarme. ✱ Na Rua dos Sapateiros, a Polícia de giro prendeu, após cena de tiros movimentada, um cadastrado de apelido Cardoso que, com outro, pretendia arrombar a porta de um estabelecimento. ✱ Em Runa, uma automotora trucidou 28 ovelhas, causando áquela um atraso de 28 minutos.

Count Basie executa o bailado das suas mãos de grande virtuoso no teclado do piano

A música negra
também arrebata o público de Lisboa

A vinda da célebre orquestra de Count Basie a Lisboa foi, no dizer de um entusiasta, um acontecimento «histórico» para o «jazz» português, com o mais vivo significado. Estabelecidas as devidas proporções, o facto é que o publico que assistiu aos dois concertos da banda do simpático negro Basie viveu horas intensas. Já não falando dos que não falharam á exibição da tarde e á da noite, concentrou-se na sala do Império um publico vibrante, entusiasmado, arrebatado pelo diabólico ritmo da orquestra. Apesar deste entusiasmo contagiante, podemos, no entanto, estar descansados: não há «rock-roller» em Lisboa! Não houve meninos a partirem cadeiras nem a dançarem nas coxias, mesmo quando a voz escaldante de Joe Williams se contorceu na melodia frenética e ansiosa de «Let me rock and roll» — «para me satisfazer»...

Não, nunca se poderia conceber a entusiasmada juventude, ontem presente no Império a vir para a Alameda D. Afonso Henriques ou para a burguesa Almirante Reis dançar como possessos, agredir o sr. Silva, funcionário publico, ou o sr. Rodrigues, reformado da C. P....

Aplausos atordoadores no final

Os entusiastas do «jazz» — e o segundo balcão foi quase ocupado por sócios do Hot Jazz Clube de Lisboa — limitaram-se aos sinceros aplausos, nunca regateados, a um marcar de ritmo, com palmas, a um bater de compasso com os pés. Enfim, comportaram-se como autênticos apreciadores da boa musica dos negros, dessa musica que nos penetra, comunicando-nos toda a história de uma raça que tem o ritmo dentro de si mesma.

Imagens que fixam os acontecimentos, as fotografias que publicamos ficarão como documento arquivado em intenção dos amadores de «jazz» — que já se contam por milhares entre nós.

Reabriu a Casa Aguiar
depois de transformada num dos melhores estabelecimentos das artérias do Chiado

Constituiu um acontecimento citadino digno de registó a reabertura da conhecida e conceituada Casa Aguiar que, na Rua do Carmo, teve sempre e agora mais do que nunca, magníficas instalações onde não falta bom gosto, elegancia e conforto.

A competente direcção daquela prestigiosa organização comercial, que não se poupa a esforços, no sentido de a colocar a par das melhores no seu género, reabriu ontem o seu magnífico estabelecimento, completamente remodelado, pois, foi submetido a importantes obras de embelezamento e valorização.

O Chiado, mais própriamente a Rua do Carmo, ficou assim valorizado e o acto inaugural tomou foros de autêntico acontecimento. De facto, a Casa Aguiar, dispondo agora de todos os requisitos da técnica moderna, pode considerar-se um dos mais modernos estabelecimentos congéneres, não só da capital, mas até do País inteiro.

Tudo quanto ali se fez, num esforço de técnica e bom gosto, teve como principal objectivo o de proporcionar um ambiente acolhedor, arrumar mais mercadoria e oferecê-la, a preços acessíveis ao consumidor.

Assim, a Casa Aguiar, com as suas amplas instalações, continuará a assegurar a posição conquistada, de forma a merecer da sua numerosa clientela as mesmas atenções que a tem distinguido, ao longo de muitos anos de honesta actividade comercial.

Com um perfeito estudo para o bom aproveitamento do espaço de que dispunha, a firma Jalco, Ld.ª, executou um plano de transformação que deu á Casa Aguiar um aspecto inteiramente novo e atraente, valorizado, ainda, pelos mais modernos processos de arquitectura e decoração, que se verificaram com superior bom gosto.

O aproveitamento da fachada, com esplêndida distribuição de novas montras, oferece ampla visão das modernas concepções dos grandes centros. O interior do estabelecimento foi adaptado e transformado de forma a que na loja se concentrassem todas as suas secções, inclusive a secção de fazendas para fatos de homem, que funcionava, anteriormente, no 1.° andar.

Na subloja, onde se encontrava instalada a secção de expedição, depois das obras de melhoramento a que também foi submetida, encontra-se, agora, num interessante salão de vendas, a Secção Popular.

Como demonstração do critério que preside aos destinos da Casa Aguiar, a secção de sedas apresenta a originalidade da arrumação das suas colecções por forma verdadeiramente interessante e inédita entre nós.

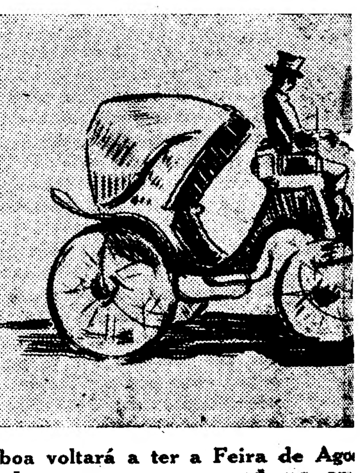
A decoração e pintura gerais obedeceram á ideia de um conjunto harmonioso que torna muito acolhedor o ambiente e, naturalmente, tudo isto valorizado com as magníficas colecções de tecidos que a Casa Aguiar apresenta para a actual estação, onde predominam os padrões exclusivos adquiridos entre as principais novidades lançadas pelos grandes centros da moda, forma uma imagem de conjunto verdadeiramente impressionante.

As magníficas instalações da Casa Aguiar, na Rua do Carmo, 17 a 19 guindaram-na a um plano de relevo notável.

A larga visão, o bom gosto e o critério que orientaram as obras de melhoramento da Casa Aguiar tornaram-na sem espécie de duvida, um dos melhores estabelecimentos da capital. Muitas outras organizações comerciais e industriais bem acederiam em secundar a interessante e arrojada iniciativa da direcção da Casa Aguiar, valorizando os seus estabelecimentos, tornando-os atraentes e embelezando as artérias da cidade.

A centenária Casa Aguiar demonstrou, assim, que sabia acompanhar a evolução de uma capital que se desenvolve em todas as direcções e todos os sentidos, dotando-a com o seu modelar estabelecimento agora lindamente transformado o que lhe foi possível mercê do conceito em que é tida pelo publico, como reconhecimento da competência, da correcção e da forma como vem há muito consolidando os seus créditos, prova insofismável de uma orientação segura que mantém e impõe a Casa Aguiar á admiração de todos.

Os preparativos
das Festas do Outono



Lisboa voltará a ter a Feira de Ago[...] ao Campo Grande o Lisboeta poderá reviver um certame que, pa[...] para outros, uma saudosa evocaç[...] No Governo Civil, onde está instal[...] do Outono, continuam a re[...]

Para o aperfeiçoamento do manejo da

LINGUA PORTUGUESA

problema que interessa a todos os profissionais ligados ás actividades do comércio e da industria.

MATRICULE-SE

na nossa cadeira de: Aperfeiçoamento da Língua Portuguesa (Ortografia, Redacção e Estilo).

2 sessões de 50 minutos por semana das 22,00 h. ás 22,50, ás 3.ªs e 5.ªs-feiras, sob a regência do Dr. JOSÉ PEDRO MACHADO, antigo assistente da Faculdade de Letras de Lisboa e Professor do Ensino Técnico Profissional.

Esta cadeira é uma disciplina livre dos cursos do

CENTRO TECNICO PROFISSIONAL

a primeira escola portuguesa autorizada oficialmente a preparar especialistas de VENDAS, PUBLICIDADE, ARTE COMERCIAL, ARTES GRAFICAS E RELAÇÕES PUBLICAS.

Informe-se e peça um folheto elucidativo ao

Centro Técnico Profissional

Cursos nocturnos do Externato Garcia de Orta — Rua Sousa Martins, 10-2.º — Telef. 54149

As bodas de prata
da Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandeses, Ld.ª

A Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandeses, Lda., começa a comemorar amanhã as suas Bodas de Prata, jubilosa data a que se associaram, além dos Industriais de Panificação de todo o País e dos seus Agentes-distribuidores, as mais representativas entidades oficiais dos sectores governativos ligados á sua actividade.

E' bem conhecida e justamente apreciada a valiosa cooperação da F. P. F. H. no surto industrial do País e a sua notável obra de assistência social em benefício dos seus empregados e operários.

As comemorações que, como atrás dizemos, se iniciam amanhã, 3 de Outubro, com a visita dos Industriais de Panificação de Lisboa ás instalações fabris da Cruz Quebrada, prosseguem na quinta-feira, 4 de Outubro, com as provas finais do Concurso «O Melhor Pão» (organizado em todo o País pêla F. P. F. H.), «cocktail» no Hotel Aviz, oferecido ás entidades oficiais e amigos da F. P. F. H.; na sexta-feira, 5 de Outubro, vários actos em que intervêm os representantes dos Grémios, os Distribuidores da F. P. F. H. e os finalistas do Concurso «O Melhor Pão», e um serão no Monumental, oferecido ao pessoal e famílias e distribuidores; no sábado, 6 de Outubro, excursão do pessoal a Salvaterra de Magos, com almoço ao ar livre na Mata Nacional de Escaropim; danças folclóricas, corrida de toiros, merenda num restaurante típico e fecho das comemorações.

UM VINHO • UMA MARCA • UM SUCESSO • UM PRODUTO NACIONAL DE FAMA MUNDIAL

José Maria da Fonseca, Succ.rs
LARGO DO CORPO SANTO, 6-2.º-LISBOA

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa até ás 16 horas: *máxima, 22°; mínima, 17°,5.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 23°,7; mínima, 16°,3.*

ACABA DE SER POSTO À VENDA

O OFI[...]

OS MAIS BELOS MODELOS PARI[...]
NO MAIS LUXUOSO FIGURI[...]

Joe Williams marca o ritmo cantando «Let me rock and roll»

e vibrante «Shinny Stockings»

Gago Coutinho

falou hoje no Rotary Clube sobre as navegações portuguesas

Ao almoço do Rotary Clube, que hoje se realizou, sob a presidência do sr. Augusto Serras, assistiram numerosos convidados e rotários nacionais e estrangeiros. Motivo de interesse excepcional da reunião de hoje foi a palestra realizada pelo sr. almirante Gago Coutinho. Ao almoço assistiram, por esse motivo, muitos oficiais da Armada, que foram apresentados pelo director do protocolo, prof. dr. António Maria Godinho.

Ao iniciar a reunião, o presidente do clube saudou o sr. almirante Gago Coutinho, fazendo o seu elogio como marinheiro, geógrafo e investigador. Evocou o glorioso feito da primeira travessia aérea do Atlantico Sul realizada por Gago Coutinho e Sacadura Cabral e pôs em relevo o significado que ela teve, não só o da aproximação geográfica, em tempo, de Portugal e Brasil, mas ainda a ansia de estreitamento dos continentes, que é um dos princípios do ideal rotário.

No final desta breve apresentação, a assistência dispensou uma entusiástica ovação ao sr. almirante Gago Coutinho, que proferiu depois a sua palestra, subordinada ao título «Cabo São Roque».

Reproduzimos na íntegra o interessante documento, que constitui notável subsidio para a história dos descobrimentos marítimos dos Portugueses:

«Há setenta anos já nas escolas estudavamos «Aerodinamica», mas com o nome «Teoria do navio de vela». De sorte que hoje, sem vos tornar a falar em aviões, escolhi assunto análogo, marítimo, visto que o vento incide nas velas ao escapar, como o faz nas asas dos aviões; e, seus pioneiros, ainda levamos «na mão» as «cartas de ventos», usadas pelos veleiros.

No Mediterraneo, desde os Romanos, só se usavam galés, com as «chusmas» de remadores. Eram barcos de combate, costeiros. Certo, foram ás Canárias, mas nunca aos Açores. Tinham velas.

Até que, em princípios de 1400, o Infante D. Henrique concebeu o «Plano da India». Desprezou as fantasias árabes sobre uns «monstros», capazes de devorar os navios, que caíssem em invadir o seu «Mar Tenebroso», o qual terminava em borda de prato, donde a água salgada se entornava no Abismo Sideral... Então o Infante atacou o problema do alto-mar pelo princípio: Ouvidos mareantes e «doutores», em colóquios, que eram a «Escola de Sagres»—sem *edifício*, sendo as «aulas práticas» no mar—foi criada a «caravela-portuguesa», ainda por cantar... Era barco de vela-maior triangular, maneiro, e de menos de um cento de toneis. Seus pilotos, com o velho «astrolábio simplificado» já podiam ir ao alto-mar.

Porquanto, cerca de 1430, um nosso piloto, em regresso da Madeira ou Canárias, lembrou-se de contornar, pelo Noroeste, uma «nortada» insistente. Assim descobriu a ilha mais-sul dos ignorados Açores, a Santa Maria. E, em poucos anos, foram descobertas todas as outras.

Depois, em 1434, já se pôde dobrar o cabo Bojador, seguindo-se pela costa para Sul. Os ventos que sopravam por lá, entre Norte e Nordeste, foram «rodeados», em «volta pelo Mar de Sargaço». Mas aqui, já feitos de Leste, eles davam bordada até ao «mar dos Açores», donde os ventos de Leste traziam os navios a Portugal. Assim, os «pilotos de Sagres», de astrolábio na mão, domesticaram os «monstros que, afinal, eram só aqueles ventos contrários ao regresso pela costa. Esta «volta» pelo Atlantico-Central era o truque que, depois, D. João II procurou não «espalhar».

Chegámos á Guiné em 1445, não tardando a descoberta das Ilhas de Cabo Verde, onde agora, como em Santa Maria, há outro «porta-aviões inafundável» o aeroporto do Sal. Nossos caravelistas tinham aberto aos Europeus o alto-mar que lhes estivera fechado durante séculos.

Já fora notado que ventos e corrente traziam aos Açores detritos vegetais, denunciando terras a Poente. As quais, desde 1452—data do «Alvará a Teive»—aventureiros portugueses começaram a visitar, com os conhecidos ventos favoráveis, pelo Sul, regressando com os de Oeste; eram os mesmos que, em 1452, Colombo intuitivamente aproveitou, quarenta anos depois de Teive: tinha-o aprendido nas viagens feitas á Mina de S. Jorge, com pilotos portugueses.

O sagaz Colombo os teria, também, ouvido falar na «tradição» açoriana, sobre a viagem de João Vaz Corte Real á Terra do Bacalhau, em 1472. Assim se explica o facto de Colombo, em 1493, ter confundido a ponta Sueste de Cuba, com a Flórida, já pintada em mapas. com nomes portugueses.

D. João II desprezara as propostas colombiana, não lhe dando navios, a fim de ele ir ás terras ocidentais: O Rei tinha quem lá fosse, e até á própria custa... Mas a sua «rival», D. Isabel de Castela, financiou Colombo, que assim, e já com dois navios de velas quadrangulares, isto é, «redondos»—sinal de que ele não ia ao acaso—foi descobrir as suas «Indias Ocidentales».

De resto, D. João II só se interessava pela autentica India, a qual ele bem sabia estar, pelo Poente, longe e dificil.

O chefe, o Infante Navegador, falecera em 1460. Porém, D. João II herdara-lhe o «Plano». Cortando o Equador em 1470, logo em 87 Bartolomeu Dias, passando ao largo do Cabo Tormentoso, chegava ás «Portas da India». Mas viera informar que sua rota costeira seria imprópria com naus. Impunha-se, pois, o ir ver se, partindo de algum ponto da costa africana, em largo arco, análogo á «Volta do Sargaço», a contornar os ventos contrários, que Bartolomeu Dias lá «vira», seria praticável ir dobrar o citado cabo.

Descoberto este recurso novo—a «Passagem de Sudoeste»—e completado por Pero da Covilhã que, disfarçado em mercador mouro, atravessara o Mar da India entre Calicut e Sofala do ouro, tornou-se vantajoso a D. João II o combinar com a «Rival de Castela»—a rainha Isabel—o «Tratat. de 1494», cujos originais ainda existem. Por ele era-nos abandonada uma meia-esfera «de influência», com a Africa, India, Molucas, Filipinas, metade da futura Austrália, etc. incluindo um terço do actual Brasil. Agora até poderiamos «nacionalizar» mais provincias ultramarinas...

O facto concreto de, em 1494, D. João II já ter mandado construir as naus para Vasco da Gama levar, confirma o ser-lhe então já conhecida—como a nenhum outro rei—a rota larga sul-atlantica: Tinha-se verificado que o vento lá dominante—o «geral» de Sueste—obrigava os veleiros a mãos, como as das nossas ruas: «Seguir pela direita!». Á ida como na volta. Também se tinha notado uma espécie de esquina—a ponta NE do Brasil, o Cabo São Roque—havendo entre ela e a Guiné um «Canal» (assim chamado pelos antigos capitães), canal largo de meio cento de léguas, onde o vento Sueste, atravessado, e a forte corrente equatorial para Poente, ambos dificultam a veleiros a «Passagem de SO» que corta o Equador a meio canal. Donde surgia risco de tais barcos se irem ensacar na costa, entre os cabos Santo Agostinho e São Roque—do qual ainda vos tornarei a falar. Era risco que os pilotos já sabiam evitar, traçando rotas cujo truque estava em ir cortar o Equador pelo meridiano das Ilhas de Cabo Verde, agora os 25° W. Gr. Pois alguns letrados esqueceram que tão «admirables instructions» (Mor. 96) são rota que nunca teria sido adivinhada, ou tentada á toa, e com naus, por «golpe de intuição». Resta-nos, a náuticos, o concluir que o quadrante Sul-Ocidental do Atlantico já tinha

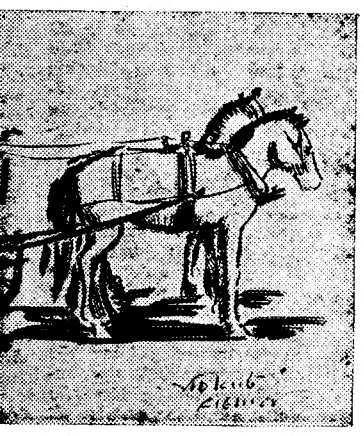
(Continua na 11.ª pág.)

Pesar pela morte do dr. Joaquim Manso

Ainda por motivo do falecimento do nosso saudoso director, dr. Joaquim Manso, recebemos pesames dos srs. capitão Agostinho Lourenço, arquitecto Carlos Ramos, dr. Henrique Pimentel Saraiva, Artur Maciel, prof. dr. Alberto Saavedra e prof. dr. José de Sousa Carrusca.

Marinha mercante

Parte amanhã para os Estados Unidos, acompanhado do major Orlando Barbosa, da Defesa Nacional, o sr. comandante Armando Reboredo, do Estado-Maior Naval. Representarão Portugal, em Washington, na Reunião — N. A. T. O., que se ocupa da organização da Marinha Mercante em Tempo de guerra.



, incluída no programa das festas
do Outono. Nos terrenos anexos
s muitos, será inteira novidade e,
de tempos e de folias distantes.
a a comissão executiva das festas
ber-se inscrições de feirantes

CIAL
ENSES PARA OUTONO-INVERNO
O PORTUGUÊS POR 50$00

O almirante Guerreiro de Brito e o comodoro Quintanilha de Mendonça, com o adido naval americano, a caminho do avião em que seguiram viagem

Passou à reserva

e foi homenageado o comandante da Polícia Marítima

Atingiu hoje o limite de idade e passou á reserva, por completar 58 anos, o sr. capitão-de-fragata Santiago Ponce, que exerce há anos o cargo de comandante da Polícia Marítima. Por esse facto, o capitão do Porto de Lisboa, sr. capitão-de-mar-e-guerra Newton da Fonseca, e os oficiais adjuntos da Capitania, pessoal da Polícia Marítima e Corporação dos Pilotos da Barra de Lisboa, prestaram-lhe homenagem, recordando os seus méritos de oficial e as suas várias comissões de serviço, mormente a de comandante do navio-escola «Sagres», cargo em que esteve durante mais de dez anos. As suas qualidades de carácter e bondade foram também hoje postas em relevo pelos seus camaradas e pelos seus subordinados, que têm por ele a maior estima e a mais viva admiração. Ao sr. comandante Santiago Ponce, foram oferecidas lembranças dos seus colegas da Capitania do Porto de Lisboa, pessoal da Polícia Marítima e Corporação dos Pilotos da Barra de Lisboa.

No dia 13, por completar 70 anos de idade, passará também á reserva o sr. Leopoldo Alves, que, como chefe da Polícia Marítima, mereceu sempre louvores, em face das suas qualidades pessoais e dos serviços prestados á corporação.

EM 3 LINHAS

Com o grau de grande oficial da Ordem de Instrução Publica, foi agraciado o prof. dr. Beleza dos Santos.

///

A folha oficial publica hoje instruções para a susbstituição de títulos e entrega da 2.ª folha de cupões do empréstimo amortizável «Obrigações do Tesouro 2 1/2 por cento, 1944».

///

Foi atribuída a medalha de ouro ao capitão-de-mar-e-guerra António Emílio Martins de Magalhães, comandante em chefe das forças navais da India.

///

Portugal, através do Ministério dos Negócios Estrangeiros, aderiu ao protocolo relativo á sinalização rodoviária, assinado em Genebra em 1949.

///

Vão ser despendido 52 contos do Desemprego para urbanização de Alcobaça, arranjo marginal do Estoril e das praias da Costa do Sol.

///

Em Fornos de Algodres, vai ser construída uma filial da Caixa Geral de Depósitos.

///

Já não se realiza, no próximo dia 4, o anunciado desafio de futebol entre o Sporting e o Valladolid.

///

Chegou a Lisboa, vindo de Madrid, o senador Lourival Fonten, que foi chefe da Casa Civil do presidente Getulio Vargas. No mesmo avião viajou também o senador Argemiro de Figueiredo.

Missão naval portuguesa a caminho dos Estados Unidos

Num avião militar, partiu para os Estados Unidos a missão naval portuguesa, constituída pelos srs. almirante Guerreiro de Brito, chefe do Estado-Maior da Armada; comodoro Fernando Quintanilha de Mendonça Dias, subchefe adjunto; e capitão-tenente Jaime Lopes, do mesmo Estado-Maior, que a convite do almirante Burke, chefe das Operações Navais norte-americanas e como hóspedes da Marinha de Guerra, visitarão diversas bases e e centros de treino navais norte-americanos. A missão é acompanhada pelo sr. comandante Fitzpatrick, adido naval à embaixada norte-americana em Portugal.

Durante a sua permanência nos Estados Unidos, até ao dia 18 deste mês, a missão visitará as Escolas Navais de Anapolis, bases navais de Quenset Point, de Newport, Escola de Guerra Naval de New Bedford; estaleiros navais de Nova York e o Saclant, Depósitos de Abastecimentos; Escola Naval de Mine Warfare, Yorktown; navios de escolta, a base naval de Charleston; bases de Washington; Centros de Treino de Benbridge, etc.

No aeroporto estiveram a despedir-se dos componentes da missão, entre outras individualidades, os srs. general Botelho Moniz, chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas; almirantes Filipe Castela e Alves Leite, comodoros Taborda Ferreira e Eduardo Scarlatti, muitos outros oficiais da Armada e o comandante Philips, chefe da Secção Naval da M. A. A. G.

O sr. ministro da Marinha fez-se representar pelo seu ajudante, sr. tenente Benvindo da Fonseca.

Regressou hoje de Londres e Paris o presidente da Câmara Municipal

Num avião de carreira, regressou hoje a Lisboa o presidente da Camara Municipal, sr. tenente-coronel Salvação Barreto, acompanhado pelo vereador sr. engº Ribeiro Ferreira, e pelo sr. Angelo Fernandes, funcionário superior do Município. O presidente da Camara teve afectuosa recepção. Entre os presentes, encontravam-se os srs. 1.º tenente Benvindo da Fonseca, em representação do sr. ministro da Marinha; Luis Pastor de Macedo, vice-presidente do Município, e vereadores, funcionários municipais e muitas outras individualidades.

Falando aos jornalistas, o sr. presidente do Município declarou-se vivamente impressionado com as atenções de que fora alvo em Londres e declarou que, tendo sido a viagem fundamentalmente de cortesia, tal não impedira, no entanto, o esclarecimento de uma ou outra duvida sobre certos problemas que têm preocupado a administração da cidade de Lisboa. «Fomos encontrar, a par das afectuosas solenidades e das melhores provas, de estima e de apreço, em visita a locais e serviços de Londres, elementos valiosos de esclarecimento. Considero a viagem da maior utilidade, sob todos os aspectos, e até porque nos deu uma nova afirmação do estreito grau das relações luso-britanicas. Esta comunidade afectuosa de relações faz até prever uma ainda maior aproximação em reuniões ou congressos futuros, que se encaram com possibilidades de conhecimentos generalizados de problemas da administração publica, ao nível municipal. E' essa, aliás, a ideia da própria corporação de Londres e muito se ganhará com contactos frequentes, á semelhança dos que acabo de realizar em Londres, de onde regresso profundamente sensibilizado e agradecido a todas as autoridades inglesas e em especial ao «lord-mayor» da capital britanica».

Dr. ROCHA PINTO
RAIOS X
R. Alexandre Herculano, 6, 1.º
Retomou a clínica

Vinhos gaseificados
SURPRESA
actualmente no mercado

HAVAS

ofereça uma Biro
A PRIMEIRA DAS ESFEROGRÁFICAS

As características da "BIRO" são o fruto dum aperfeiçoamento contínuo. Com efeito, "BIRO" é pioneira no sistema esferográfico. Oito modelos, todos com a esfera de precisão "BIRO", de cores discretas, tampas de plástico e metálicas inoxidáveis, foram desenhados para comodidade de escrita e elegância de apresentação. A "Biro Refill" com a nova tinta assegura uma escrita contínua, de traço igual, que seca ràpidamente.
A "BIRO" tem qualidade, é útil, prática e económica.

"BIRO" dá assistência em toda a parte do Mundo às suas esferográficas. Exija portanto e sempre a carga "BIRO", condição essencial de bom funcionamento. Veja se a carga leva gravado o nome "BIRO", garantia de autenticidade.
Quando pedir uma esferográfica exija a "BIRO"

AGENTE:
ANTÓNIO CAMPOS
TRAV. NOVA DE S. DOMINGOS, 9-1.º — TELEF. 27349 — LISBOA

Problemas do documentarismo

(Continuação da 7.ª página)

pacotilha, com Alentejanos muito gordos e frescos, cheios de alegria de viver. Os nossos cineastas do documentário trairam a sua missão. Traíram a verdade, encobriram os problemas que o cinema tem por missão sagrada revelar; traíram — e o que é mais grave — mentindo. Os cineastas portugueses do documentário pactuam nas mistificações; não lutam, não procuram a sinceridade, a verdade, a autêntica face dos problemas onde quer que eles existam. Os nossos cineastas querem esconder-nos a realidade — a nossa realidade — porque tratar a realidade seria a sua missão. Os nossos cineastas que têm trabalhado o documentarismo gostam das cadeiras de estofos moles, das viagens turísticas e graciosas no «Vera Cruz»; gostam de ananás com vinho da Madeira, gostam — muito! — das poltronas conselheirais, onde se refastelam á espera da verba certa e amiga que lhes dará á larga para impressionar, uns metros de celuloide com rótulo e para comprar um novo modelo de automóvel, Os documentaristas portugueses gostam do whisky puro, servido em bules de chá, bebido em chávenas, nos recintos respeitáveis que não fornecem bebidas alcoólicas.

* * *

Entenda-se bem a responsabilidade da missão dos cineastas neste género. Não se lhes exige que nos arrasem apenas com documentos sociais esmagadores; pede-se-lhes sòmente que olhem á sua volta. Ora a persistência da obra de um cineasta, elogiada só pelo facto de ter produzido, com continuidade, filmes, tentando manter aceso o fogo «sagrado» da produção, parece-nos ser um perigoso encitamento no momento em que estes problemas têm de tomar um aspecto novo e sério. Não basta fazer muitas curtasmetragens. E' preciso sabê-las fazer e fazê-las com verdade. Só se entende por documentarismo aquilo que não tem por base *uma especulação comercial. Ora o facto é que cineastas portugueses só exploram o género na mira fácil de um lucro e para eles lucro é sinónimo de reversão de valores: quantos mais rodriguinhos fizeram maior será o ganho. Trabalhar desinteressadamente não é com eles. Agrada-nos transcrever aqui uma conversa que em 1949, Éric von Stroheim teve com Robert Flaherty quando da apresentação, no Festival de Cannes, com o aplauso de todo o publico, da «História da Louisiana»: Perguntava Stroheim ao grande mestre americano:*

—Já trabalha no cinema há 30 anos?...

—Sim.

—E continua a ser pobre?

—Sim, graças a Deus.

Pouco depois, Flaherty recebia um telegrama assinado por Chaplin, Dudley Nichols, Didé e Jean Renoir: «Acabamos de ver o seu maravilhoso filme. Continue e será imortal, excomungado por Hollywood, o que é uma sorte. Felicitações».

* * *

Quando o amor pelo cinema e pela verdade é autêntico; quando o entusiasmo vence todos os obstáculos e se opõe a todos os convites desonestos; quando o sentir necessidade de fazer cinema é um indomável anseio de se manifestar, de comunicar com o Mundo — não há desculpa que valha, não há Censura que se lhe oponha, não há Fundo de Cinema que se alheie. Tudo isso é transposto.

O documentarismo de que precisamos não é um documentarismo anémico, subserviente e saloio. Desse estamos fartos. Precisamos dum cinema universal, não dum falso regionalismo ou dum falso nacionalismo. Precisamos de estar atentos á nossa realidade, encontrá-la, valorizá-la, defendê-la, trazê-la á superficie. O documentarismo é a grande escola para quem quer aprender a camunicar através de imagens. Sem o praticarmos em grande escala, sem criarmos os centros de produção experimental, sem o utilizarmos tal como ele deve ser utilizado, nunca teremos cinema digno desse nome. O documentarismo é a escola da humildade, são os primeiros passos, as primeiras tentativas, a consciente, modesta e lucida aprendizagem. Os que ainda não tiveram a oportunidade de pegar numa camara mas que o desejam fazer, sabem que essa é a unica via susceptível de criar um verdadeiro e honesto cinema nacional; sabem que é por aí que terão de começar e na verdade é por aí que desejam ir.

EURICO DA COSTA

Os balanços anuais de filmes

publicados na «Seara Nova»

Nos seus numeros referentes a Maio, Junho e Julho a «Seara Nova» publicou o habitual balanço dos filmes da época, referente a 1954-55, da autoria de José-Augusto França.

Detalhada e clara análise das principais obras de diversas nacionalidades apresentadas entre nós, o trabalho de J. A. França merece especial destaque por constituir um util manancial informativo, particularmente para os estudiosos e cine-clubes, a quem o recomendamos especialmente.

Assim, parece-nos ser util registar os numeros da «Seara Nova» em que têm aparecido, desde 1950, os balanços anuais dos filmes da autoria daquele crítico e ensaista de cinema.

Época 1949-1950: N.os 1.174-1.175 e 1.178-1.179 (Junho e Agosto de 1950).

Época 1950-1951: N.os 1.234-1.235 e 1.236-1.237 (Setembro e Outubro de 1951).

Época 1951-1952: N.os 1.262-1.263 e 1.270-1.271 (Outubro de 1952 e Janeiro de 1953).

Época 1952-1953: N.os 1.281-1.282; 1.283-1.284 e 1.285-1.286 (Dezembro de 1953, Janeiro e Fevereiro de 1954).

Época 1953-1954: N.os 1.297-1.298 e 1.301-1.302 (Agosto de 1954 e Janeiro de 1955).

Época 1954-1955: 1.319-1.320; 1.321-1.322 e 1.323-1.324 (Maio, Junho e Julho de 1956).

Uma excelente colecção de obras sobre o cinema

Acaba de se formar uma nova editorial intitulada «Imagem e Som», antologia do conhecimento cinematográfico.

Estão previstas, no vasto programa editorial, três séries que, sucessivamente responderão as perguntas: «como se faz um filme?», «como se vê um filme?» e «para que serve um filme?».

A 1.ª série (encarnada) engloba os seguintes volumes: «Como se escreve um filme», «As máquinas e o estudio», «Como realizar um filme», «Quanto custa um filme». Na 2.ª série (azul) haverá as seguintes obras: «A linguagem fílmica», «O cinema e a sua história», «Cinem a,Rádio e Televisão». A 3.ª série (amarela) contará com: «Cinema, Teatro e Literatura», «O Cinema, as Artes Plásticas e a Musica», «O Cinema na Educação de Adultos», «O Cinema Infantil», «O Cinema e a Cultura».

Oferece, assim, esta colecção, a primeira a surgir no nosso País, um vastíssimo programa de grande interesse.

«Guia do Espectador»

Por absoluta falta de espaço teremos de adiar para a próxima semana a prometida publicação dos critérios de José Borrego e J. F. Aranda em relação ao «Guia do Espectador».

Cartão diplomata

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto. ANIBAL -Gravador — R. Nova do Almada, 64 — LISBOA. A casa que melhor trabalha.

Na GUARDA o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na casa Manuel Vinhas.

Para um cinema novo

(Continuação da 7.ª página)

renciadas. Lembro, sem pretensões de rigor: a) um subpublico do pequeno aglomerado da nossa Província que consome o filme português porque os bonecos falam português e a quem é indiferente que se trate de um Aniki-Bó-Bó ou de um Dinheiro dos Pobres; b) um publico primário para quem o cinema é o divertimento que faz esquecer o dia-a-dia e ao qual exige que não faça pensar, que lhe não lembre a dureza da realidade, que lhe dê a passagem para uma ilusória fuga á existência: pelo cómico (um Tótó incompreendido) o bonito (quaisquer Violetas Imperiais) ou o lacrimogéneo (os dramas arrancados á vida com a potente Ivonne Sanson ao castigador De Córdova...) c) Um publico primário exigente, que influenciado pela Imprensa ou outros factores, pede já ao filme «qualidade técnica», e «problemas», «realismo», mas ao qual falta uma base cultural que lhe permita separar o trigo do joio (correspondeu ao cinema italiano do após-guerra; consagrou a Magnani e o Vitório de Sica; percebeu a novidade do Brando e do James Dean; liquidou a «Estrada» e o «Senso» mas irá esgotar o «Moby Dick»...) d) um publico exigente que integra o cinema na cultura, responde por esse país fora ao esforço do cineclubismo e tende a contagiar novas camadas. Mas qual é a real proporcionalidade destas camadas? Ninguém sabe, entre nós, responder á pergunta; e no entanto a resposta é de capital importancia. (Não haveria, pois, interesse, para o Fundo de Cinema, por exemplo, em promover um estudo sociológico em moldes científicos sobre o nosso publico?).

Mas a pergunta subsiste: se não há um publico mas publicos como orientar uma produção que apenas se pode manter se interessar todo o publico? A este problema a produção americana de filmes, já deu, há muitos anos, pelos Portugueses, uma resposta: se nós quisermos não há publicos mas apenas um publico, que saberemos tornar sociológicamente indiferenciado, capaz das mesmas reacções em Paris ou na Nigéria, quer na adolescência quer adulto: trata-se apenas de o nivelar por baixo — ele aceita. O produtor típico de uma cinematografia em regime de economia livre ou capitalista não pode deixar de pensar assim porque não pode — nem quer — correr riscos. Simplesmente, no seu próprio terreno, pode vir a perder a partida: Hollywood, no fim da guerra, não imaginava que um cinema sério lhe podesse fazer concorrência económica; o cinema italiano não concebia há cinco anos que o seu apogeu económico pudesse ser efémero.

Nós assistimos nestes ultimos anos apesar de tudo e contra as aparências, a uma rebelião de sectores decisivos do publico contra a noção não diferenciada e degradante em que a produção comercial pensou poder manter indefinidamente os seus consumidores.

*

E ouvindo o recomeço do motor das camaras nos nossos estudios eu não posso deixar de sublinhar o ponto de vista expresso por Baptista Bastos no seu ultimo «Comentário de Cinema» nas colunas do «Século Ilustrado» de hoje.

Pode, no entanto, não ser ainda «O Noivo das Caldas» o termómetro desta evolução: — nem eu nem o Baptista Bastos o poderemos prever — mas sê-lo-á, em breve, o Noivo de Leiria, ou o da Figueira da Foz, ou de Alcabideche.

*

Não vale a pena segredar ao capital que corra o risco belo de morrer pela dignidade e pela cultura, como um apaixonado o faz pela sua dama.

Mas antes de passar á frente talvez valha a pena segredar ao capital que uma observação mais atenta do publico lhe pode evitar surpresas, que a história revela que esse mesmo publico não é inamovível, que a dignidade nos impõe que se o «Noivo das Caldas» não é o unico casamento que lhe convém, é, decididamente, o ultimo que convém ao nosso pobre cinema.

NUNO PORTAS

Transcrições

No numero 154-155 da revista de cultura e arte «Vertiçe», agora posto á venda, foi transcrito integralmente o artigo que publicamos nesta página, em 17 de Julho passado, sobre a constituição da Comissão Organizadora dos Cine-Clubes.

Também o Cine-Clube de Viseu transcreveu, num dos seus recentes programas, um outro nosso artigo sobre o problema da destruição dos filmes.

A' revista «Vertice» e ao Cine-Clube de Viseu, os nossos agradecimentos pela gentileza.

FATIMA
12 e 13 de Outubro
Partida de Lisboa, dia 12, ás 7,30 por Santarém, C. do Bode e Tomar. Regresso no dia 13, por Batalha, Alcobaça, Nazaré e Caldas.
Preço 120$00
Aceitam-se marcações na
Companhia Sintra Atlantico
Rua da Glória, 43 — Telefone 20267

FATIMA
EM AUTOCARRO
Dias 12 e 13 de Outubro
Inscrições:
Rua Jardim do Regedor, 35
Telefones: 30971 e 30972

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

LIVROS DE ESTUDO
Novos e usados, vende, troca, compra a ACADÉMICA DE D. FELIPA, Livraria do Bairro Social, entre o liceu D. Felipa e a Estatística. Vende econòmicamente todos os artigos de papelaria. Brindes aos compradores. Telef. 770661.

AUTOMÓVEIS
Transmissões Automáticas
Reparações e Acessórios consulte as Oficinas
AUTO SANTA MARTA, LDA.
Telefones 57248 47106
Serviço Autorizado
General Motors

✝

Maria João Serrão Rosado Pais Cabral

Confortada com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Maria João Rosado Cabral, Joaquim Augusto Rosado Cabral, Salvador Pinto da França e mais família participam o falecimento em Nelas, onde se realiza o funeral, de sua querida mãe, cunhada e parente.

✝

Libânio da Silva Biscaia

Missa do 3.º aniversário

Sua família participa que amanhã, dia 3, ao meio-dia, será celebrada missa por sua intenção, no altar-mor da igreja de Nossa Senhora dos Mártires, agradecendo desde já a quem se dignar assistir.

FATIMA
12 E 13 DE OUTUBRO
em Pulmans CAPRISTANOS
Inscrições:
Avenida da Liberdade, 72-A
Telefone 35505

O PORTO pelo telefone

Violento incêndio em Vila do Conde

PORTO, 2 — Esta manhã, numa casa de dois andares de que é proprietária a sr.ª D. Albina da Hora Branco e inquilinos os srs. Alfredo Fernando Neto e Adelino Barbosa, situada no lugar do Carvalhido, Vilar do Paraíso, Vila do Conde, manifestou-se violento incêndio que a destruiu completamente, perdendo-se também todos os haveres. O sinistro teve origem numa brincadeira de crianças, tendo comparecido no local várias corporações de bombeiros, cujos esforços para dominar o fogo foram inuteis.

Roubo dum aparelho de gravação

O sr. Manuel Moreira, director do Posto Emissor Electromecanico, queixou-se á Polícia de que os gatunos lhe furtaram do interior do seu automóvel, estacionado na Rua D. João IV, uma máquina de gravação no valor de 7.500 escudos.

A reunião no Estoril

do Conselho Internacional do Desporto Militar

O Conselho Internacional do Desporto Militar teve esta manhã, a sua primeira sessão plenária. Estavam presentes 41 delegados, representando 16 países. A sessão foi consagrada á apresentação de relatórios de diferentes delegações e de alguns projectos de relevante interesse, entre os quais o da organização de um torneio de futebol na América do Sul, em 1957; de um estágio de treino desportivo, na Itália; e a realização dos primeiros jogos internacionais militares, á semelhança dos jogos olímpicos, em 1959.

A conferência de Gago Coutinho no Rotary

(Continuação da página central)

sido explorado com caravelas—como as que Dias levou em 1486—durante a «pausa» entre 1487 e o Trat. de 94, (Kimble 73), o qual envolvia um conhecimento do Brasil

Ademais, notemos que o falado Cabo Tormentoso—agora o de Boa Esperança—tem, junto á costa, forte corrente para Poente, ao passo que, ao largo, já o vento sopra forte de Poente. Assim, os veleiros dobram o cabo pelo mar largo, e regressam do Indico pela costa.

Ora, ao contrário, o Cabo São Roque—como disse—é o mais perigoso para veleiros que, desprezando o citado truque, lá foram esbarrar. Isto aconteceu a vários navios, como a uma barca francesa em 1901. Também assim o vi a bordo de um veleiro, o qual, por ter cortado o Equador nos 33° só conseguiu dobrar São Roque, bordejando quatro dias; isto ainda mercê das suas qualidades de fino «clipper». No caso, uma nau teria falhado!

Nem este cabo, nem a rota para o dobrar, não são citados pelos cronistas, naturalmente pela reserva de D. João II, «secretive by nature» (Mor., 80). A mesma reserva ele a tivera com a «Volta do Sargaço», como com as explorações de Covilhã e Bartolomeu Dias: Não havia vantagem em o «espalhar», não o tendo «em grande segredo». (G. R., 91).

Orientados assim os pilotos, Vasco da Gama largou de Lisboa no Verão, de 1497 já com três naus. Feita águada, em Santiago de Cabo Verde, foram tomar barlavento á Serra Leoa (como o lemos nos «Lusíadas»), donde, na «volta do mar» ,pelo «golfão», se meteram na «Passagem de SO». Passados três meses sem ver terra, dobrado o Cabo, foi-se fazer águada em Sam-Brás, como Dias, Gama, tendo contornado a África até Melinde, atravessou para Calicut. Em 1499 regressou a Lisboa, tendo cortado o Atlantico-Sul pela direita. Tinha queimado duas naus, e perdido dois terços das tripulações, por doença.

Já, em 1498, a seguir ao Tratado, Colombo tinha rumado de Santiago «para Sudoeste». Mas a «monção do Sul», do Verão, fê-lo arribar á ilha Trinidad, junto da futura América do Sul, sua primeira terra firme! Tinha lá ido em busca de «las famosas tierras de dom Juan», sobre as quais, em Santiago, ouvira contar que o rei tinha lá mandado caravelas: eram as «secrtas» da tradição, citada por Garcia de Resende, que eram, afinal, «segredo de Polichinelo», tanto como a existência do futuro Brasil.

Três anos depois de Gama, Pedro Alvares Cabral, com frota de uma dezena de naus, iniciava a viagem inaugural da carreira da India, partindo de Lisboa no Inverno de 1500. Levava aquelas «instruções» náuticas, já citadas, e que parecem copiadas dos roteiros modernos. A rota era diferente da de Vasco da Gama, por Cabral ir em estação oposta do ano. Passando entre as ilhas de Cabo Verde sem tocar, rumou «pelo Sul» e, cerca do Equador, quando o vento soprou de Sueste, Cabral meteu na «volta do mar».

Como Gama, ele foi passar ao largo de São Roque e, duas centenas de léguas do Sul, com o vento SE já feito de Leste—como ali costuma—perdido o receio de se ensacar na costa conhecida, Cabral arribou para Poente. Assim o buscara e achou um porto seguro, onde fez aguada, que suprimiu as duas de Gama, Santiago e Sam Braz. Dobrado o cabo pelo largo, Cabral foi a terras indianas, e regressou a Lisboa em 1501.

Três semanas depois de ter largado de Porto Seguro, um violento salto de vento, que não deu tempo para amainar, virou-lhe quatro navios, um dos quais a caravela para Bartolomeu Dias ir «descobrir Sofala». Este famoso «caravelista», com três centenas de mareantes, ficou assim sepultado, tendo como tumba uma caravela e no próprio mar que eles descobrira.

Letrados não náuticos vêm errando, na fé de que Gama e Cabral —ambos com naus e não caravelas —ainda fariam viagens de exploração, ignorando ventos e praias, desconhecidos. Cabral teria até despresado suas «instruções», por que se desviara de Cabo Verde para Sudoeste», por causa de «tormentas», «calmarias» e «perda de rumo». Puro acaso! Porto Seguro seria uma ilha, e nunca terra firme, «ignorada dos homens», como oposta á Africa. Ora não é transcendente, mas intuitivo, que as duas rotas de Gama e Cabral, diferentes, revelam uma pré-exploração do Atlantico-Sul-ocidental, feita ainda em tempo de D. João II.

Estas pueris conjecturas, fruto do desaparecimento — por «acaso, propósito ou fatalidade» — dos documentos—como mapas, e diários, não justificam falta de preparação marítima a atribuir aos «de Sagres» na sua realização do descobrimento do importante «Caminho marítimo para a India». Os especialistas, conhecedores de navegação sul-atlantica, excluem expedições «ao acaso».

De facto, no Atlantico Norte, os letrados inventaram que os aventureiros portugueses, durante meio século, só teriam teimado em ir á terra «de los Bacallaos» sempre pelo Norte, contra conhecidos ventos de Oeste, e não pelo trópico a favor dos ventos de Leste. Os quais Colombo descobrira e «aproveitara de golpe!». Assim foi que um professor americano Colombiano, achou próprio sorrir-se, por ler no mosaico da nossa Avenida—que o Metropolitano respeitou — a inscrição a respeito do descobrimento da América, por J. Vaz de Corte Real em 1472.

Quanto á América do Sul—praias e ventos—já as futeis opiniões de autores de novelas, de aventura, pondo de parte as voltas do Sargaço e de Sudoeste e, ainda, o corte do Equador pelos 25° para dobrar a costa para Sul de São Roque—cabo, no qual não falarei mais...—pois esses antilusos opinam (ia dizendo.), que o «descobrimento» da costa brasileira e dos ventos ao largo, teria sido «puro acaso», por «aprazer á altissima Providência!» «Slogan», cómodo para estranhos á náutica. Contudo, chegam até a forjar mapas com rotas de fantasia—como a de Kopke, Greenlee, etc. Segundo este, Cabral teria ido passar perto do cabo de Santo Agostinho, seguindo a costa para Sul! Simbólico...

Concluindo, em resumo, nem Colombo com os seus panos redondos, como os das naus de Gama e Cabral, eles não foram ao mar-largo «a acertar». Não atravessaram um mar virgem de quilhas de navios. Foram precedidos pelos hábeis caravelistas de Sagres—humildes mareantes anónimos, mas descobridores das duas Américas.

O «astrolábio-náutico» — que conheço como os meus dedos—lhes garantia certa autonomia marítima. Enfim, durante muitos séculos, a Humanidade esperara por tais pilotos, até que o nosso Infante D. Henrique «pegando o boi pelos cornos», nos abriu o alto mar, e as terras que ele banhava.

Agora, só navios de linhas sul-africanas ou americanas é que utilizam o primitivo canal atlantico. Porém, para a situação actual nos não levar a outra estéril «Guerra da Coreia»—com larga perda de vidas e de navios—afigura-se-me bem mais económico e oportuno, o financiarmos os «cargueiros» que, desistindo do Canal de Suez, regressem á Europa pelo canal mandado abrir por D. João II. Salvar-se-iam assim as faces dos Europeus das duas margens do Atlantico, dando lição prática de Direito áqueles Orientais, que estão «conduzindo o baile no «canal nacionalizado».

Enfim, a mim, seja-me permitido — revolucionáriamente, digamos — alvitrar que, na secular «esquina de S. Roque», para refrescar a História, levantemos estátua áquele outro eminente diplomata que, qual outro Lesseps, escavando com suas caravelas o «Velho Canal», condicionou a abertura de todos os oceanos: Ao rei D. João, o segundo!

Aos ex.mos senhores rotários muito agradeço o vosso honroso convite para este «almoço falado». E peço-vos me desculpem por vos ter tomado tanto tempo a modernizar a análise dum feito que, apesar de árido, o próximo centenário do Infante D. Henrique torna oportuno, palpitante. «That is all».

E o sábio almiranté acrescentou á sua palestra esta nota final:

«E' certo que a antigos capitães de veleiros—como aquele capitão Sabino que, em 1869, inaugurou a navegação portuguesa pelo Canal de Suez, na «Galera Viajante», a caminho do Mar da India—a eles, dizia, ainda lhes ouvi falar no «Canal», ou «Passagem de São Roque», com um cabo onde os capitães então receavam ir-se «ensacar».

O presidente da direcção, sr. Augusto Serras, classificou a magnífica alocução do almirante Gago Coutinho, dizendo que ela fora, acima de tudo, uma lição pelo que todos se confessavam muito agradecidos. Deu, em seguida, a palavra aô sr. comandante José Cabral que disse não haver palavras de comentário á magnífica lição do ilustre aeronauta, referindo-se, depois, ao tempo em que o avião não subia para o ar com vento, salientando nesse capítulo, a calma do sr. almirante, que nunca abandonou os seus propósitos, fossem quais fossem as condições do tempo. Destacou o extraordinário feito de Gago Coutinho e Sacadura Cabral que veio dar á Marinha portuguesa grande prestígio e terminou por afirmar que, apesar de a aviação utilizar hoje a rádio e o radar, para lhe conceder segurança, o sextante do almirante Gago Coutinho continua, no entanto, a ser um ponto de apoio dos aeronautas, sempre que os novos processos utilizados corram o risco de avaria.

O 5 de Outubro

Em Queluz e na Amadora

Nas freguesias de Queluz e de Amadora continua a registar-se grande entusiasmo pelas comemorações do 5 de Outubro, cujo programa foi já anunciado.

Pelo numero de inscrições verificadas espera-se que o jantar de confraternização corresponda ao firme desejo de mostrar o valor dos republicanos destas freguesias.

O sr. eng. Guilherme Rubim, será portador de uma mensagem dos republicanos da Amadora e Queluz a entregar quando do almoço de confraternização republicana a realizar no restaurante Castanheira de Moura, ao Lumiar, no dia 5 de Outubro, ás 13 e 30.

Centro Republicano de Alcantara

As comemorações do aniversário da proclamação da Republica terão, também, a colaboração do Centro Escolar Republicano de Alcantara, que para tal elaborou o seguinte programa: dia 3, colocação da bandeira nacional a meia adriça, em homenagem aos mortos da Republica; dia 4, hasteamento da bandeira nacional e iluminação da fachada da sede da colectividade; dia 5, confraternização dos sócios e suas famílias e distribuição de uma merenda aos alunos das suas escolas; dia 6, ás 21 horas, baile.

Em Leiria

LEIRIA, 2.—Nesta cidade, a sessão comemorativa do dia 5 de Outubro, será no Teatro D. Maria Pia, ás 21 horas. Presidida pelo sr. dr. Serafim Lopes Pereira, nela usarão da palavra os srs. José Duarte Bizarro e dr. José Vareda, da Marinha Grande e o dr. Vasco de Gama Fernandes, de Leiria.

No mesmo dia, ás 11 horas, realiza-se uma romagem ás campas dos republicanos falecidos, sendo feita a concentração áquela hora junto do portão do cemitério da cidade. Ás 13 horas realiza-se, no Hotel Lis, um almoço de confraternização republicana para o qual já se encontram inscritos algumas dezenas de democratas deste concelho e limítrofes.

Em Viseu

VISEU, 2.—Uma comissão de velhos republicanos promove, nesta cidade, festejos comemorativos do próximo aniversário da proclamação da Republica. Para tal fim, estão convidados todos os democratas a reunirem-se na Praça da Republica e irem, em piedosa romagem, ao cemitério local, para deporem flores nas campas dos correligionários que se bateram ou, de algum modo, lutaram pela implantação do novo regime nacional.

Á noite, haverá um jantar de confraternização, em que usarão da palavra os representantes da comissão distrital organizadora das comemorações.

Em Mortágua

MORTAGUA, 2.—Um numeroso grupo de democratas deste concelho resolveu comemorar o 5 de Outubro, estabelecendo para tal o seguinte programa: romagem aos tumulos dos republicanos e democratas mais ilustres e um jantar de confraternização, durante o qual usarão da palavra vários oradores.

CINAL PACHANCHO à frente!

30 SETEMBRO 1956

1.° Circuito Nacional de Monsanto

1.° — José Martins Ferreira

2.° — José Ferreira da Silva

4.° — Fernando Pinheiro da Silva

5.° — José Mayer de Castro

*

15 SETEMBRO 1956

2.° CIRCUITO DE ALVALADE

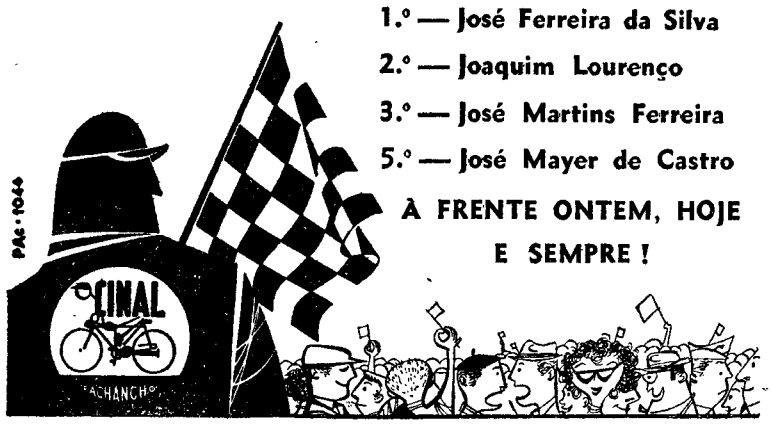
1.° — José Ferreira da Silva

2.° — Joaquim Lourenço

3.° — José Martins Ferreira

5.° — José Mayer de Castro

À FRENTE ONTEM, HOJE E SEMPRE !



PAC-1044

PORTO—Rua de St.ª Catarina, 620-624—Tel. 32345

LISBOA—*Américo Rodrigues, Ld.ª*—Av. Fontes Pereira de Melo, 17-A—Tel. 55238

COIMBRA—*Ciclo-Cinal Coimbra, Ld.ª*—R. da Figueira da Foz, 11-A Tel. 2552

BRAGA—*Centro Ciclista do Minho*—Tel. 2533

DE LUTO

António Maria de Mendonça Taborda

Na sua residência, na Travessa Fiéis de Deus, 121, r/c., faleceu hoje o sr. António Maria de Mendonça Taborda, de 66 anos, natural de Celavisa (Arganil). Deixa viuva a sr.ª D. Deolinda da Conceição Carvalho e era pai dos srs. António Maria Mendonça de Carvalho, sargento da Armada, Francisco e Américo Carvalho de Mendonça Taborda. O funeral realiza-se amanhã, ás 11 horas, para o cemitério da Ajuda.

SUFRÁGIOS

António Carradinha

Amanhã, ás 12 e 30, na igreja da Encarnação, celebra-se missa do 7.° dia por alma de António Carradinha, irmão do nosso colega do «Jornal de Notícias» sr. Ezequiel Carradinha.

Em ALCACER DO SAL o «Diário de Lisboa» vende-se na casa João André Mouraia.

Quinta dos Negros Merceana—Alenquer

+

José Francisco Ramalho

FALECEU

Sua mulher Maria Gertrudes Alves Ramalho, seus filhos, Virgínia da Conceição Ramalho da Silva, Francisco José Ramalho, Maria Carolina Ramalho das Neves, seus genros Carlos Fernando da Silva, Laura de Previdência Ramalho, Manuel Ribeiro das Neves, seus netos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á Sua Divina presença, o seu querido marido, pai, sogro, avô e parente e que o funeral se realiza amanhã, pelas 16 horas, para o cemitério de S. Miguel Palha Cana.

Antiga Funerária de Alenquer — Tel. 31

IDEIAS OCASIONAIS

A ameaça afro-asiática

por CORREIA DA COSTA

I — PROLEGÓMENOS

Com a aceleração dos problemas internacionais depois da Grande Guerra de 1939-1945, surgiu no horizonte dos acontecimentos a baliza de um novo bloco de interesses mundiais e de projecção futura: a ameaça afro-asiática. Desde Spengler, Chamberlain e H. Massis, na sua contestação, adivinhou-se e pressentiu-se o perigo asiático, o cilindro compressor. O prélio de 1914-1918 só ergueu a cortina desse novo horizonte.

A 2.ª guerra mundial, definiu-o, precisou-o, limitou-o e projectou-o. Neste interregno entre a realidade e a perspectiva, os acontecimentos estão á vista e enxergam-se a olho nu, não havendo miopia possível para mitigar e embelezar a gravidade do problema. O *alea jacta est* dos romanos, segue o fatal e inevitável caminho, o itinerário das coisas que se não podem evitar e estavam escritas no livro do destino e na sapiência dos oráculos. Observando, como nós, o clima da O. N. U. com os blocos afro-asiático, o bloco russo, o bloco árabe e o bloco ocidental de que a N. A. T. O. é o elemento-base não pode haver quebra de raciocinio porque os dados da equação ou a equação em si, resulta clara e deduz-se por si própria, em manifestas teses e anti-teses. Objectivemos, pois, esta síntese de Eric Lugin num precioso estudo sobre a França: «Talleyrand pensava que o equilibrio europeu era uma combinação dos direitos e das potências pela qual a Europa deseja que nenhum estado ou coalizão de Estados não consiga dominar os outros; que o estado de possessão e os direitos reconhecidos de uma potência não sejam ameaçados pelo capricho de um Estado ou de uma coalizão; que para manter a ordem estabelecida, os Estados não estejam sob a ameaça constante da guerra; que a paz diminui as *chances* de sucesso para todo aquele que a quizesse perturbar. Depois que a diplomacia francesa a formulou em 1815, a noção de equilibrio europeu enriqueceu-se e precisou-se, pelo apoio de um elemento essencial: a solidariedade internacional, moral e militar. Por outro lado este equilibrio está intimamente ligado á ordem territorial e depende da estabilidade do factor económico e do factor social.

Vejamos como nós o definimos: o equilibrio europeu é a resultante dos equilibrios territorial, económico e social dos locais geométricos europeus, quando o equilibrio territorial interior e exterior desses lugares geométricos é protegido por grupos de potências interessadas no equilibrio das forças e decididas a assegurar a permanência, segundo a lei internacional.

Ideal, este equilibrio não será jamais atingido senão por etapas. Mas os locais geométricos europeus existem. São zonas de interesses permanentes, onde os estados de qualquer constituição adoptam uma posição definitiva inerente ao seu próprio ser. Há a interdependência entre os estados que formam cada lugar geométrico, como há a interdependência entre as próprias zonas:

1 — Europa Central: Alemanha, Austria, Polónia.

2 — Países danubianos: Austria, Bulgária, Hungria, Romania, Checoslováquia, Jugoslávia.

3 — Europa Ocidental: Espanha, França, Grã-Bretanha, Irlanda, Portugal.

4 — Países balcanicos: Albania, Bulgária, Grécia, Itália, Russia, Turquia e Jugoslávia.

5 — Países mediterraneos: Albania, Espanha, França, Grã-Bretanha, Grécia, Itália, Turquia.

6 — Países do Norte: Alemanha, Bélgica, Grã-Bretanha, Holanda, Irlanda, Luxemburgo.

7 — Países bálticos: Dinamarca, Estónia, Finlandia, Letónia, Lituania, Noruega, Suécia.

8 — Estados do Mar Negro: Bulgária, Roménia, Russia, Turquia.

Assim o equilibrio territorial da Europa Central está ligado ao equilibrio danubiano, que depende do equilibrio balcanico. O equilibrio mediterraneo depende do equilibrio balcanico e do equilibrio da Europa ocidental».

A linha histórica, digamos assim, desse equilibrio diverge da lógica dos acontecimentos que são sempre os factores determinantes da balança do Poder. O ensaista histórico P. E. Corbett, no seu trabalho exaustivo *L'aprés guerre*, edição de Montréal do Instituto Canadiano dos Negócios Internacionais, expressa sobre a evolução dos nossos pontos de vista uma opinião convincente.

«Os defensores da política de força quer eles fundamentem a sua teoria sobre a natureza do homem ou sobre a situação geográfica, concedem aos governos uma nitidez de pensamento e uma estabilidade de intenção, que não correspondem apenas á realidade da vida política em um lugar ou num período qualquer. Os seus motivos têm uma complexidade infinitamente superior á que admite a fórmula da potência. Seria uma estupidez insigne, ás vezes, ignorar os motivos e as influências que os deterministas históricos e os geo-políticos apresentam com um relevo exagerado. Até aqui o altruismo não ocupou um lugar de escolha entre os elementos da politica das nações. Se não ocupa um lugar mais considerável no futuro, não será possível a existência de uma colectividade operante dos Estados.

Neste sentido a questão que se põe na política universal de nossos dias é de ordem moral, como B. H. Carr o demonstra perfeitamente no seu trabalho intitulado «Conditions of Peace». Trata-se de uma questão de moralidade social. A menos que as nações e os homens de Estado reconheçam a realidade de uma comunidade humana e a primazia dos seus interesses sobre os dos compartimentos limitados desta comunidade que eles chamam Estados, a guerra presente (a de 1939-45) deflagrou em vão». A medida dos acontecimentos torna-se cada vez mais instável e eles seguem o seu ritmo fatal, nada havendo como um poder de síntese para avaliar toda a trajectória dos factos que decorrem. Num livro notável de Noel-Pierre Lenoir, encontrámos uma concatenante síntese de onde se enxerga sem ilusões aparentes o clima internacional presente e que constitui um prefácio-razão ás considerações que motivaram este ensaio de psicologia internacional:

«Tem-se dito muito mal por conta do Congresso de Viena cujo espírito reaccionário era evidente e cujas frivolidades dinásticas irritam ainda o observador retrospectivo. A nossa geração tem, no entanto boas razões de ser mais indulgente que as precedentes. A paz de Versailhes que nós vimos nascer e afundar-se, foi concebida num espírito muito de longe superior áquele que inspirou os tratados de 1815, mas os seus autores não possuiam infelizmente a destreza, a circunspecção e também a técnica dos diplomatas do romantismo. A palavra de São Paulo «vós o reconhecereis pelos seus frutos», vale tanto para os tratados como para os homens. Ora os tratados de 1815 duraram mais tempo do que qualquer outra convenção internacional. As fronteiras que eles traçaram estiveram em vigor com algumas excepções até 1914 e mesmo a estrutura da Europa depois de Versailhes era ainda em grande parte a obra do Congresso de Viena.

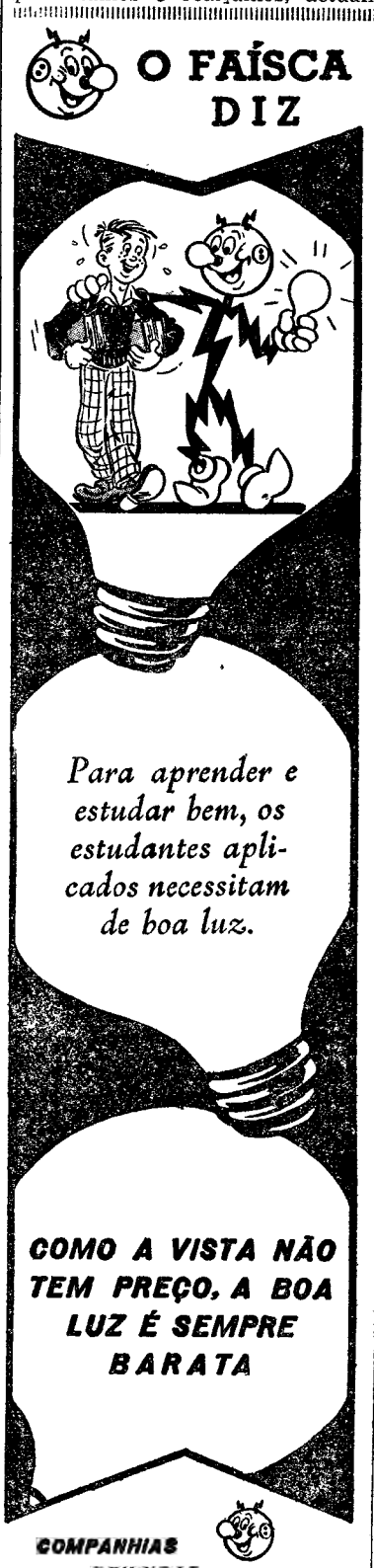
Certamente, não foi fundada a paz eterna, o que aliás, não estava nas intenções dos seus protagonistas. O numero de guerras entre 1815 e 1914 era talvez menor do que em outras épocas, mas sobretudo elas não tinham surgido senão para fins limitados e não implicavam todos os Estados. Para empregar a linguagem dos diplomatas as guerras ficavam localizadas e não se transformavam em conflagrações gerais. Portanto o Mundo mudou durante este século mais rapidamente e mais profundamente do que antes. No seguimento de importantes invenções técnicas, a grande industria nasceu e criou o proletariado, o que Karl Max chamou a maior revolução de todos os tempos. A população de todos esses países aumentou numa proporção jamais conhecida, cidades portentosas surgiram, novos meios de comunicação encurtaram as distancias, as colónias foram abertas ao tráfego e á imigração, e todas estas transformações não revolucionaram não sómente a maneira de viver dos povos, mas também a sua maneira de pensar».

Nesta maneira de pensar está o valor de X do problema. Com o levantamento da Europa, surgiu o levantamento do mundo americano, a doutrina de Monroë. Acabada uma letargia secular, surgiram três simbólicos acordares de letargia: o mundo chinês, o mundo índico e o mundo árabe. Apontamos alguns livros indispensáveis para o estudo global destes problemas em parte inacessiveis ao leitor desprevenido: *Panorame de la Chine*, de Jean A. Keim; *La révolution del'Inde*, de Frances Gunther; *The Arabs*, de Edward Atiyah, e *L'Islam devant le monde moderne*, de Alphonse Gouilly, além de *Les Institutions mussulmanes*, de Maurice Gaudefroy—Demonbynes. Paralelamente existem o mundo indonésio, o espaço sul da Oceania, de que a Indonésia é o motivo-chave e de que o Japão é o prolongamento continental e o mundo africano. Surgiram para a maioridade internacional a India (400 milhões) a China (600 milhões) o conglobo árabe-muçulmano (400 milhões) e a portentosa e gigantesca Africa cuja população é em parte heterogenea, porque inclui o mundo imigratório branco, não só no Norte (Argélia) como no Sul (União Sul-Africana) com a população nativa de 210 milhões.

Segundo o Anuário Demográfico da O. N. U. que temos presente, a população do Globo elevava-se em 1955 a 2.652.000.000 de habitantes. Desse total 1.451.000.000, ou sejam 55% vivem na Asia (exceptuando a U. R. S. S.); 404 milhões na Europa, 357 milhões nas Américas, 214 milhões na U. R. S. S.; 210 milhões na Africa e 14.400.000 na Oceania.

Os países mais povoados do Mundo são a China com 583 milhões, a India com 377, a Russia com 214 milhões, os Estados Unidos com 162 milhões; o Japão com 88 milhões, a Indonésia com 81 milhões, e o Paquistão com 80 milhões.

O acordar dessa letargia de séculos, com a contabilidade humana que citámos e realçámos, actualizou nesses continentes a doutrina revolucionária de Monroë: A Asia para os Asiáticos, a Africa para os Africanos, criando assim as linhas paralelas do problema: a marcha afro-asiática.



II — LINHA GERÁL

Independente Marrocos candidato á O. N. U. e a Tunisia, o Egipto, a Abissinia, o Sudão, a Libia, considerada dominio a Costa do Ouro, tornados dominios a Niassalandia e as Rodésias do Norte e do Sul, estão na ordem dos eventos a Argélia, a Africa Ocidental e a Africa Equatorial francesas e o Congo Belga, a quem o Governo belga prometeu a independência no prazo de 30 anos, como preparação pré-política. Na actual luta do mundo árabe pela independência da Argélia há a considerar três problemas substantivos:

I — As razões que lhe assistem desde 1830 em que foi ocupada pela França.

II — O apoio das Conferências de Bandung, Brioni e Panamá.

III — O bloco russo e afro-asiático que apoia essa reivindicação.

Os 400 milhões de árabes são apoiados por 600 milhões de Chineses, 380 milhões de Indios e o bloco de Leste que podemos calcular em 270 milhões, o que totaliza cerca de 1.650.000.000.000.

Segue-se a esta estatistica uma força moral concludente: a maior parte do Mundo opõe-se ao colonialismo, encerrado históricamente. Queremos, neste momento, salientar uma conferência ilustre do prof. Adriano Moreira sobre Bandung, caso raro na nossa coisa internacional. O bloco de Panamá com 23 nações opõe-se também ao colonialismo, como se verificou também na conferência de Brioni. Portanto Bandung, Brioni, Panamá, com a fusão da terceira força neutralista entre o mundo europeu — eslavo de Tito, o induismo de Nehru e o pan-arabismo de Nasser, completam a nossa asserção de que o espírito do colonialismo históricamente entra nas forcas caudinas Se, como vários espíritos clarividentes afirmaram, entre eles Bidault, considerada a Argélia uma futura republica muçulmana independente, a Africa Ocidental Francesa com 5.000.000 de kms. quadrados e a Equatorial, mais pequena em extensão, com sedes imperiais em Dakar e Brazzaville tornar-se-iam a longo e a curto prazo independentes.

Segue-se o Congo Belga, com 2.400 milhões de kms. quadrados e Madagascar. As nossas provincias de Angola e Moçambique entre a Africa do Sul, Rodésias e Niassalandia, com a vizinhança de territórios que lutam pela independência, criaria um estado de alerta permanente, uma luta entre a razão histórica que nos assiste e a marcha impiedosa dos acontecimentos.

A ética da O. N. U. em que se permite que as nações decidam dos seus próprios destinos, objectiva e fundamenta razões de toda a ordem entre as quais salientamos razões de facto e de direito. 76 nações, não incluindo alguns pretendentes excluidos na ultima Assembleia e a entrada futura de Marrocos e da Tunisia, totalizam em perto de 80 nações a distribuição nacional das soberanias. Exercida essa soberania numa nação será uma super-nação como a O. N. U. a causa e o efeito de um determinismo semelhante? Na pluralidade dos acontecimentos que dominam e condicionam o Mundo, o pan-eslavismo, o pan-arabismo, o pan-asiatismo, o pan-mongolismo, colocam a Europa a que Paul Valéry chamou o pequeno cabo da Asia, na posição de um continente projectado, condicionado, controlado e vitimado. A Europa que irradiou a cultura universal, que completou com Portugueses e Castelhanos a esfericidade da terra, que a dividiu simbólicamente em Tordesilhas é hoje e cada vez mais reduzida, o pequeno cabo da Asia, que se debruça no Atlantico. Em frente da Europa, coloca-se a Mittel Europa, o cilindro de Leste, a Africa e a Asia, criando assim o cerco diabólico e maquiavélico dos acontecimentos.

São os homens que originam esses acontecimentos? São a geo-politica, a determinação dos povos, o levantamento das raças, a autonomia da cultura a auto-determinação, a herança de Talleyrand, a guerra de 1914-18 e a de 1939-45, que perspectivam a humanidade para novos destinos, mal pensando nós, os contemporaneos ou coévos, que o rapto da Europa que era um símbolo mitológico é actualmente e vigentemente um símbolo psicológico e fatal.

Da letargia de séculos surgiu um acordar de continentes e nações, que condicionaram o xadrez dos factos e das razões e a perspectiva dos acontecimentos e dos imprevistos.

III — O MUNDO ARABE

O mundo árabe não é totalmente conhecido do grande publico. Ainda se ignora tudo o que a civilização islamica deu e dá ao contributo da civilização e nos deixou a nós mesmos portugueses, na maior parte seus descendentes, a força dominadora que os seus 400 milhões projectam no Mundo actual, importancia realçada há poucos dias ainda pela figura proeminente de Nasser ao afirmar que «o arabismo vem desde o Golfo Pérsico até ao Atlantico».

Dois volumes de síntese mas exigentes e esgotantes, actualizam o problema árabe: *L'Islam*, de Dominique Sourdel e *La question arabe*, de Pierre Keller, não contando com a brochura de Nasser *Philosophie de la Révolution*.

O numero de nações repartidas pela Europa, Asia e Africa que pertencem ao mundo muçulmano totalizam perto de duas dezenas, o que firma o termo afro-asiático cuja morfologia se aplica recentemente mas cujas raizes vem de muito longe, talvez mesmo da Idade Média, quando os acontecimentos se mantinham nos limites de uma luta mais religiosa e intolerante do que política. Vejamos rápidamente e para elucidação, o que é o mundo árabe presentemente e qual a sua repartição por continentes com o xadrez de uma população disseminada e por vezes, mal arrumada e acomodada territorialmente. Eis o estado actual do mundo muçulmano: «O mundo muçulmano actual representa cerca de 350 a 400 milhões de homens (mais do que o quinto da população do Globo e está repartido por diferentes grupos: árabes e arabizados (Próximo Oriente e Maghreb, cinquenta milhões), Iranianos (Pérsia, Afeganistão, trinta milhões), Turcos (Turkestão, Anatólia) cinquenta e dois milhões, Indianos, noventa e quatro milhões, Malaios e Indochineses, sessenta e cinco milhões, Chineses, vinte milhões, Negros, (Africa Ocidental Equatorial e Oriental) trinta e cinco milhões, grupo balcanico, três milhões e *diaspora* (Europa e América) meio milhão.

Desta massa os arabisados não são mais do que um sexto e os puros árabes a décima quinta parte (isto explicando as recentes traduções do Corão em diversas línguas». *(L'Islam* D. Keller). Repartido o mundo muçulmano compreende: Estados independentes: Marrocos e Tunisia, Arábia Saudita, Yémen, Egipto, Líbia, Sudão, Albania, Transjordania, Iraque, Siria, Turquia, Irão, Afganistão Pakistão, sem contar a Cachemira indu, Libano, Indonésia, e estados em via de emancipação, Estado árabe da Palestina, e Argélia com 8 a 9 milhões de muçulmanos e um milhão e meio de franceses ou argelinos — franceses, Africa Ocidental Francesa muçulmana, vinte e cinco milhões de habitantes na maior parte arabisados; 75 %, e imensas comunidades integradas em países não muçulmanos e que seria fastidioso e minucioso citar num artigo de jornal e ainda contingentes muçulmanos em colónias de maioria ou minoria muçulmana e ainda uma vez a *diaspora* na Europa, (França e Bélgica) e América (Estados Unidos e Brasil). Tudo esta população totaliza cerca de 400 milhões, segundo as estatisticas recentes do esplêndido trabalho de Dominique Sourdel, *L'Islam*, editado em 1949, nos «Presses Universitaires de France», livro para nós de constante leitura e meditação, atendendo a que o autor viveu mais de um ano num ambiente muçulmano e possui uma vasta bibliografia sobre os assuntos arabo-asiáticos e do Próximo e Médio Oriente. De todos os países árabes o que presentemente sofre o peso de uma luta total pela independência é a Argélia cuja história depois da ocupação pela França em 1830, é por vezes insuficientemente conhecida. Num livro muito oportuno do general Azan sobre a ocupação argelina, vêm resumidos os dados principais do proble-

(Continua na pagina seguinte)

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

OS SALTEADORES

Condensação do conto de

Villiers de L'Isle Adam

PIBRAC e Nayrac, dueto de subprefeituras, ligadas, como um binóculo, por um caminho vicinal, aberto sob o regime de Orléans, apregoavam, sob os seus ceus encantadores, uma perfeita unisonancia de costumes, de interesses, de maneiras de ver.

Como algures, a municipalidade distinguia-as sem paixão; como por toda a parte, a burguesia conciliava a estima geral e a sua própria. Todos, portanto, viviam em boa paz e alegria, quando numa noite de Outubro, sucedeu que o velho violinista de Nayrac, sentindo-se sem-dinheiro, abordou, na estrada, o fabriqueiro de Pibrac, e, aproveitando a escuridão pediu-lhe algum dinheiro em tom bastante peremptório.

O homem dos sinos, no meio do seu panico, sem ter mesmo reconhecido o velho violinista, deu-lhe quanto levava, de bom grado; mas, no regresso a Pibrac, contou a sua aventura de tal modo que, daí a pouco, nas imaginações excitadas pela sua descrição, o pobre velho tocador de rabeca de Nayrac apareceu como um bando de salteadores afamados, infestando o Fidi e desolando as estradas com os seus morticinios, os seus incêndios e depredações.

Sagazes, os burgueses das duas cidadezinhas tinham encorajado e levado a exagerar as faltas das pessoas que têm o ar de lhes querer ir aos capitais. Não que eles estivessem enganados! Pelo contrário, estavam ao corrente. Tinham interrogado o sacristão, depois de o fazerem beber uns copos. O sacristão tinha-se desmentido e os burgueses sabiam agora melhor do que ele, como iria acabar o assunto!... Entretanto, troçando da credulidade das massas, os nossos dignos cidadãos guardaram para si o seu segredo, tal como costumavam guardar tudo quanto lhes pertencia: com tenacidade que é, de resto, o sinal das pessoas sensatas e esclarecidas.

Aí por meados de Novembro seguinte, quando batiam dez horas na torre do Palácio da Justiça de Nayrac, cada um entrou em sua casa com um ar mais atrevido do que o habitual e de chapeu — palavra! — descaido sobre a orelha, se bem que suas esposas lhe chamassem «mosqueteiros», o que fazia doces cócegas aos seus respectivos corações.

— Tu sabes, senhora N... amanhã, dia do padroeiro, saio...

— Ah! meu Deus!

— E' a altura dos recebimentos. E' preciso que vá eu próprio a casa dos nossos rendeiros...

— Não, tu não vais!

— Mas, por quê?

— Por causa dos salteadores.

— Ora!... Tenho feito frente a tantos!

— Não irás! — concluiu cada esposa, como sucede entre pessoas que se adivinham.

— Vamos, minha filha, vamos... Prevendo as tuas angustias, e para te descansar, resolvemos partir todos juntos com as nossas espingardas de caça numa grande carroça, alugada para o efeito. As nossas terras são circunvizinhas e regressaremos á noite. Deste modo, seca as tuas lágrimas e Morfeu, teu convidado, permita que deposite na tua fronte um beijo compensador.

— Ah! uma vez que vocês vão todos juntos, que vão em boa hora!

A noite foi deliciosa. Os burgueses sonharam com assaltos, carnificinas, torneios e loiros. E assim acordaram, frescos e alegres, ao despontar do Sol.

— Vamos!... — murmurou cada um deles, enfiando as peugas e de modo que a respectiva esposa o ouvisse. — Chegou o momento, não se morre mais do que uma vez!

As senhoras admiravam-nos, modernos paladinos, e atafulhavam-lhes os bolsos de xaropes peitorais, visto estarmos no Outono.

Os maridos, surdos aos seus soluços, afastaram-se dos seus braços que em vão queriam detê-los...

— Um beijo... Um ultimo beijo! — disse cada uma delas, no cimo do patamar de sua casa.

E eles chegaram, desembocando das ruas respectivas, á Grand'Place onde já alguns deles (os celibatários) esperavam os seus colegas á roda da carriola, brincando, á luz do Sol, com os canos das espingardas.

Deram seis horas. O «char-à-bancs» pôs-se a caminho ao som de «La Parienne», entoada pelos catorze proprietários. Enquanto nas janelas mãos febris agitavam lenços, ouvia-se o canto heroico.

Eia, avante, marchemos
Contra os seus canhões!
Entre o ferro e o fogo dos batalhões!

Depois, o dia correu bem. Os burgueses são bons «vivants». Mas no capitulo de honestidade, alto lá! por exemplo: íntegros ao ponto de fazerem perder uma criança, por causa de uma maçã.

Cada um deles jantou em casa do seu rendeiro, passou a mão pelo queixo da filha, á sobremesa, meteu no bolso o produto das rendas e, depois de ter trocado com a familia alguns provérbios como «as boas contas fazem os bons amigos» «que quem paga as suas dividas enriquece», cada proprietário, multiplicando-se em bençãos, tomou lugar no «char-à-bancs», que os foi buscar, um a um, de quinta em quinta, de modo que ao escurecer se puseram a caminho, de regresso a Nayrac.

Entretanto, uma sombra descera nas suas almas! Algumas meias palavras dos camponeses haviam dado a entender aos nossos proprietários que os rabequistas haviam feito escola. O velho, segundo parecia, havia-se fortalecido de uma horda de verdadeiros ladrões — sobretudo por alturas do pagamento das rendas, as estradas não eram muito seguras. De modo que os nossos herois puseram uma surdina em «La Parienne».

A noite descia. Os choupos alongavam as silhuetas ao longo da estrada, o vento fazia gemer as folhas. No meio dos mil ruidos da natureza e alternando com o trote regular dos cavalos, ouviu-se ao longe, o latir lugubre de um cão. Os morcegos esvoaçavam á roda dos nossos pálidos viajantes e á luz da Lua, apertavam-se entre os joelhos as espingardas caçadeiras. Ninguém pronunciava uma palavra. Como iam angustiados!

De repente, ouviu-se, na bifurcação da estrada — oh! terror! — o rodar de uma carruagem cheia de homens armados e, á luz da Lua, alguem perguntou «quem vive?».

Que homens eram esses? Bandidos? Não, a «troupe» dos bons burgeuses de Pibrac que, exactamente, haviam tido a mesma ideia que os burgueses de Nayrac. Acabados os seus negócios, os pacificos proprietários das duas cidadezitas cruzavam-se na estrada, ao regressar ás respectivas casas.

Pálidos, entreviram-se á luz da Lua — e não se sabe como, o nervosismo de um deles, fez cair uma espingarda que se disparou. Isto fez despertar o paroxismo. Começou um grande tiroteio. O instinto de conservação da vida e do seu dinheiro cegava-os. Depressa veio o sentimento de furor até á exterminação, até ao desespero.

*

Durante este tempo, os verdadeiros salteadores (quer dizer, a meia duzia de pobres-diabos culpados de ter roubado algumas côdeas de pão ou pedaços de toucinho) tremiam de medo, numa caverna distante, pois, ouvindo o crepitar da fusilaria, julgaram, de começo, que uma batida em forma, feita pelos «gendarmes» ia, dentro de pouco tempo, exterminá-los.

Como, porém, a fusilaria se prolongava, os salteadores depressa concluiram que não se tratava de lhes dar batida. Havia, com certeza, um mal-entendido, um «quiproquo».

— Corramos — disse o chefe — com as nossas lanternas, para socorrer os pobres feridos. O barulho vem da estrada!

A Lua iluminava o local do grande e horrivel sinistro. O ultimo burguês sobrevivente, na febre com que carregava a sua arma, acabava de fazer saltar os próprios miolos.

A' vista deste espectáculo formidável, e da estrada juncada de cadáveres ensanguentados, os bandidos sentiram-se consternados e não acreditavam no que viam. Mas, pouco a pouco, uma obscura compreensão começou a penetrá-los. O chefe assobiou e, reunindo os seus sequazes, explicou:

— Rapazes! — os dentes batiam-lhe terrivelmente — Rapazes, reunamos, depressa, o dinheiro destes dignos burgueses! E alcancemos a fronteira. E fugimos a sete pés. E nunca mais voltemos a esta terra!

Os seus acólitos ficaram hesitantes e sem compreender. Então, ele apontou os cadáveres e explicou com a força da sua experiência:

— Todos eles vão provar... que fomos nós!

(Continuação da página anterior)

A ameaça afro-asiática

ma, a sua equacionação e os factores que determinaram a evolução do mesmo caso internacional, de uma acuidade impressionante e que tanto apaixona a opinião publica. No século XX, segunda metade, uma nação árabe, a Argélia, possuindo uma cultura romano-árabe, tendo por capital uma das mais belas e civilizadas cidades do Mundo mediterraneo e possuindo uma «élite» intelectual e universitária de primeira plana, dá ao Mundo uma grande lição, lutando por ela própria e pela auto-determinação de querer dispor da sua própria soberania e liberdade nacional. Marrocos e a Tunisia, em breve na O. N. U. de que são candidatos, são os países limitrofes da Argélia que assim se vê dia a dia mais acicatada, mais forçada a uma luta á *outrance*, hoje observada em todo o Mundo e que é o *leit-motiv* das chancelarias em todo o vasto e complexo panorama árabe.

Quando há poucos anos se assinou em Alexandria o Pacto de Segurança colectivo que englobava o Egipto, Síria, Libano, Arábia Saudita e Iémen, a Liga Arabe lançava os tentáculos sobre todo o vasto território muçulmano e muçulmanizado, dando-se a partir desse momento a remuçulmanização de todos os problemas em suspenso desde longa e letargica data.

Só o Iraque e a Jordania ou Transjordania, não assinaram esse tratado que é moldado no Pacto do Atlantico e tem como finalidade mediata e imediata ligar as nações signatárias numa aliança militar, política e económica, tudo isto de acordo internacional com as Cartas da Liga Arabe e das Nações Unidas, para resolverem os seus litigios e dissidios por meios pacificos como é de uso em pactos semelhantes expressar-se a linguagem clássica dos tratados.

O conglobo desses países iniciais e a criação da Liga Arabe levantaram a grande Arábia, o grande mundo muçulmano, que com o mundo mongol, o mundo moscovita e eslavo, o mundo industanico e o mundo indonésio esperavam e esperam, fatalisticamente, segundo a ética de resistência passiva coranica ou do próprio Alcorão, a libertação total, como o dissémos acima, a remuçulmanização do mundo árabe no tempo e no espaço, tudo isto equacionado nos problemas que são consequentes e hão-de derimir-se pró ou contra a vontade do Ocidente e dos seus homens publicos que na maior parte dos países ocidentais não passam de uma sub-gente tumultuosa e exibicionista.

IV — EPILOGO

Toda a evolução do problema árabe e da sua universalização foram pressentidos por preclaros espíritos franceses e não há muito ainda no diário parisiense *L'Aurore* se previam com notável acuidade e argucia, que os eventos presentes justificam os trágicos acontecimentos que englobam e agravam o caso argelino.

A previsão que tem dois anos não é muito recente, mas é flagrantemente actual:

«... Porque o momento das reivindicações árabes, como é evidente, soou, antes de se apresentar perante a organização das Nações Unidas para pedir a independência marroquina, o Egipto julgou necessário *faire un coup d'éclat* capaz de levantar no mundo muçulmano um eco profundo».

No capítulo de previsões queremos também acentuar que já em 1912, numa carta do célebre padre Foucauld reproduzida no *Monde*, de Paris, sacrificado num martírio que tanto embeleza a sua alma de missionário africano, se afirmavam estas observações:

«Formar-se-á nas grandes cidades, instruida á francesa, uma «élite» intelectual que terá perdido toda a fé islamica, mas que lhe conservará a etiqueta para poder, por ela, influenciar as massas. Por outro lado, a massa dos nómadas e dos campónios continuará ignorante, afastada de nós, firmemente maometana, levada ao ódio e ao desprezo dos Franceses pela sua religião, os seus marabutos, pelos contactos que tem com os Franceses (representantes da autoridade, colonos, comerciantes), contactos que demasiadas vezes não são próprios para nos fazerem amar por ela.

O sentimento nacional ou barbaresco exaltar-se-á, pois, na «élite» instruida quando a ocasião se lhe oferecer. Por exemplo, quando a França se vir a braços com dificuldades interiores ou exteriores, essa «élite» servir-se-á do Islão como de uma alavanca para sublevar a massa ignorante e procurará criar um império africano muçulmano independente. O império norte-africano da França — Argélia, Marrocos, Tunisia, Africa Ocidental Francesa — tem trinta milhões de habitantes; terá, graças á paz, o dobro, daqui a cinquenta anos. Estará então em pleno progresso material, rico, sulcado de caminhos de ferro e povoado por habitantes afeitos ao manejo das nossas armas, cuja «élite» terá recebido a instrução nas nossas escolas. Se não tivermos sabido fazer franceses desses povos, escorraçar-nos-ão. O único meio de virem a ser franceses é o de virem a ser cristãos».

Quando na Assembleia Geral da O. N. U. em 1951 a que assistimos, no Palacio Chaillot e na companhia frequente de Madame Tabouis, cronista mundialmente conhecida, o Egipto propunha insistentemente a inscrição da questão árabe. Começava, de facto, a ofensiva árabe-asiática condicionando a questão marroquina, que este ano corrente foi ganha com a independência de Marrocos e da Tunisia, estando em luta a questão que o mundo árabe apoia totalmente da questão da Argélia, como o mundo árabe e a Liga Arabe apoiam em unisoso a questão do canal de Suez e a sua nacionalização por Nasser, provocando as duas conferências de Londres de 16 de Agosto e a recente no corrente mês e em que o país mais interessado não compareceu no conclave.

Essa frente comum na sessão da Assembleia Geral da O. N. U. em 1951-52, compreendia já 14 países, 6 árabes, Egipto, Libano, Libia, Iraque. Arábia Saudita e Iémen, e 8 países asiáticos, Iran, Birmania, India, Paquistão, Tailandia, Filipinas, Indonésia e Afganistão. Posteriormente ficaram independentes e são estados soberanos, Marrocos Tunisia, Libia, Sudão e não incluindo a Etiópia, copta de religião, e outros países asiáticos ainda em luta pela independência. Esta frente comum equacionada com todos os problemas correntes e decorrentes criou o clima árabe actual onde a totalidade dos países é livre, excepto a Argélia que já o era em 1830, portanto muito antes dos países que a apoiam nesta emergência, dando-se o paradoxo de países recentemente tornados independentes, ajudarem um país que era independente em 1830 a recriar a sua própria independência e a sua remuçulmanização adentro da frente comum arabo-asiática.

A ofensiva árabe dará o golpe de morte, o empurrão fatal na paz do Mundo? Ou mais longe ainda no nosso raciocinio empírico, a ameaça afro-asiática, condicionará a paz mundial, sendo o fiel de balança entre o Oriente e o Ocidente, entre as causas e as razões, entre as possibilidades e os resultados?

Não nos cabe a nós, modestos comentadores destes complexos internacionais, marcar uma posição vidente ou entrarmos numa potenciosa exégese, o melhor será sempre deduzir adentro da lógica e da razão, chamando uma vez mais a atenção do leitor consciencioso para um volume definitivo sobre o «clima» árabe-muçulmano *L'Islam*, de Henri Massé, onde o valor de X de todas as equações tem a sua solução dedutiva. No complexo internacional que condiciona os factores derimentes ou não derimentes, o problema árabe que congloba a quinta parte da população do Mundo, atingiu uma altitude e uma grandeza, a que não se estava preparado no *statu quo* anterior. O levantamento da letargia de três grandes raças e civilizações milenárias, a chinesa, a índia e a muçulmana originou novas equações, outros problemas que estavam em suspenso e projectou os acontecimentos para objectivos mediatos e imediatos, que fundamentam todo o panorama internacional cuja acuidade momentanea inquieta os espíritos sensiveis. De momento a frente comum arabo-asiática e a marcha afro-asiática são os fundamentos do problema que nos propusemos analisar e comentar. Tenhamos confiança e esperemos o Mundo novo em que a Euro-Africa e a Afro-Asia e em que todas as nações como os continentes só terão uma linguagem comum de inter-relação: o humanitarismo, a comunhão com o Universo. — C. da C.

O REGRESSO
do prof. Wolwhil A PORTUGAL

(Continuação da 3.ª página)

funções no Hospital Escolar de Santa Marta.

Mestre de grande saber e cultura, muito valorizou os estudos médicos, colaborando com os professores encarregados do ensino da Clínica, e criou mesmo uma nova escola de Anatomia Patológica.

O prof. Frederick Wolwhil abandonou Portugal em 1946, com destino á América, mas, tão ligado ficou ao nosso País que aqui voltou em 1951, quando fez 70 anos de idade. Foi-lhe então oferecido um livro de homenagem, organizado a exemplo do que lá fora se faz em relação aos grandes vultos da Medicina, e em que colaboraram cientistas portugueses, alemães, americanos, chilenos e neozelandeses. Este trabalho, organizado pelo seu discípulo e continuador, prof. dr. Jorge da Silva Horta, actual director da Faculdade de Medicina e bastonário da Ordem dos Médicos, é uma obra notável, que foi muito apreciada nos círculos da especialidade estrangeiros.

O prof. Wolwhil vem agora a Portugal, no ano em que completa 75 anos de idade, para ver os seus discípulos e amigos e para fazer uma conferência, no dia 6, ás 12 horas, no Hospital de Santa Maria, subordinada ao título de «Leudistrofia cerebro-espinal». No dia 4 inaugurará uma exposição de fotografias dos trabalhos científicos realizados pelos seus discípulos, após a sua partida para a América.

Crónica cinegética

(Continuação da 3.ª página)

Regional do Sul, precisamente naquela onde a batida ás perdizes se praticou nos passados anos em terrenos excluídos do regime feudalista da reserva de caça «mascarado» de regime florestal, como depreendemos da leitura dos decretos n.os 39.931, de 24 de Novembro de 1954, e 40.266, de 2 de Agosto de 1955, já na época venatória 1955/56, foi, finalmente, interditada, oficialmente, a chacina destas aves com geral agrado da maioria esmagadora dos caçadores vítimas desse extermínio e publicos e merecidos louvores foram devidos ao Organismo Venatório que, embora tárdiamente pôs termo a um estado de coisas que nada justificava, embora arrostando com a aversão de alguns adeptos da modalidade «chacina». E' que as batidas a esta ave originaram a sua escassez confrangedora nos terrenos onde era praticada e nas regiões onde, não há mais de 10 ou 12 anos, a sua densidade, como a das outras espécies que nas batidas não são poupadas — o coelho e a lebre —, permitia que, mesmo os caçadores mais exigentes, fizessem cintos satisfatórios. Em outras zonas está quase exterminada, pois, para maior incongruência, até havia Venatórias concelhias que designavam todos os terrenos do concelho para a prática da mais rápida maneira de destruir, em poucos anos, a perdiz, tornando tal prática extensiva aos terrenos de planície e despidos de qualquer vegetação.

Deixava, assim, de existir o argumento, aliás falho de lógica, de que a matança desta espécie cinegética era levada a efeito sómente nos terrenos onde a caça de salto se tornava impraticável, como se, a Sul do rio Tejo, mesmo na serra do Caldeirão e margens da ribeira do Vascão e do rio Guadiana, não possa caçar-se de salto. Ora, nós, que há uns bons 40 anos calcorreamos o Alentejo e alargamos, sempre que o podemos fazer, as nossas digressões cinegéticas ao Algarve e ás Beiras, onde démos os primeiros tiros e abatemos as primeiras cabeças de caça, sabíamos perfeitamente que assim não era. Chegava-se a argumentar que nas margens do rio Guadiana, a poucos quilómetros da sua entrada em solo pátrio, por exemplo, é impraticável a caça de salto em virtude da natureza acidentada dos terrenos.

A esses argumentadores, a quem a razão se nega a assistir para reclamarem batidas, convidamo-los a uma visita venatória ás margens do rio Douro e ás de alguns dos seus afluentes, como, por exemplo, para só este citarmos, o Coa. Que diferença! E, no entanto, os confrades dali não reclamam o emprego da nefasta batida que, apesar de proibida na época venatória finda, sabemos ter sido largamente praticada na área da Regional do Sul, atentado só possível de praticar no dia 2 de Outubro, como se praticou, em consequência da lamentável carência de recursos financeiros com que lutam, atrozmente, há anos, os organismos venatórios, penuria confrangedora que nos envergonha e á qual urge pôr termo tão rápidamente quanto possível a fim de os habilitar a poderem manter, permanentemente, o respeito pela Lei, pois estão totalmente inibidos, na sua totalidade, de vigiar, como se impõe que se faça, os terrenos onde as espécies cinegéticas são sedentárias.

Há necessidade, imperiosa, de criar receitas para os organismos venatórios poderem fazer face á avalanche de actos de puro vandalismo que em toda a parte se verificam contra a fauna cinegética. Sem duvida que essa falta é uma das razões, senão a principal, do cáos em que o problema venatório se encontra. No nosso País toda a gente é caçador, todos se julgam no direito de matar caça sem olhar quer ao tempo em que o fazem quer ao desrespeito pela Lei.

NABAIS DA CUNHA

O processo sobre os bens do rei Carol

No seguimento do célebre processo, em que é parte a viuva do falecido Carol da Roménia e em que tem intervindo com pareceres alguns dos mais famosos advogados portugueses, o juiz sr. dr. Paiş de Almeida proferiu hoje a sentença, no sentido de se considerarem procedentes os pedidos de embargo feitos pela viuva do rei Carol, princesa Helena, contra o arrolamento e imposição de selos sobre todo o recheio da vivenda Mar e Sol no Monte Estorli, onde ela vivia.

Nestes embargos discutiram-se problemas de direito internacional privado, com alguns aspectos que entroncam em direito publico organico, quer da parte da própria Roménia quer da parte do Governo de Portugal. Foi ordenado o levantamento do anulamento e quebra de selos e imposta a liberdade do que existe na referida vivenda Mar e Sol.

O «Diário de Lisboa» vende-se em MONTEMOR-O-NOVO na casa Joaquim R. Amaro.

PASTAS

MUITAS PASTAS, EM TODOS OS MODELOS
CORES E QUALIDADES
PREÇOS LIVRES DE TODA A CONCORRÊNCIA
Depósito da fábrica

Casa Cardoso
RUA DA PALMA 3 a 3-A

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«UIGE» Em 8 de Outubro	Com escala prévia por Leixões, para: Las Palmas, Luanda, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa até 3 de Outubro.
«PATRIA» Em 10 de Outubro	Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique. Carrega em Lisboa até 6 de Outubro.
«GANDA» Em 20 de Outubro	Com escala por Leixões, para: Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa até 17 de Outubro.
Chama-se a atenção dos srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens	
LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«VERA CRUZ» em 8 de Outubro	Com escala por Vigo e Funchal para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.
em 9 de Novembro	Com escala por Vigo e Funchal, para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.
Em 7 de Dezembro	Com escala por Vigo e Funchal, para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 19 de Outubro	Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Kingston, Havana e Miami.
Em 26 de Novembro	Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Miami.
Em 28 de Dezembro	Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Kingston, Havana e Miami.

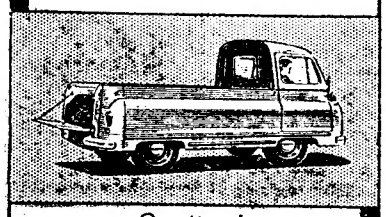
LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 23342

AUSTIN apresenta

inteiramente nova
a série 152

OMNIVAN

Omnicoach
PARA PASSAGEIROS OU MISTA



Omnitruck
PICK-UP PARA CARGA

exactamente aquilo que deseja

- CAPACIDADE EXTRA
- PODER EXTRA
- PERFORMANCE EXTRA
- CONSUMO REDUZIDO
- LONGA DURAÇÃO

ALGUMAS CARACTERISTICAS • 1489 c.c. • 4 cilindros • O.H.V. raio de viragem 11 M. • 4 velocidades sincronisadas • travões • e amortecedores hidráulicos •

ASSISTIDOS PELA ORGANIZAÇÃO AUSTIN
UM SERVIÇO AO VOSSO SERVIÇO
AGORA COM UM ANO DE GARANTIA

EM EXPOSIÇÃO O MODELO OMNIVAN

DISTRIBUIDORES GERAIS: J. J. GONÇALVES, SUCRS.
LISBOA • EVORA • PORTO — AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

DIARIO DE LISBOA

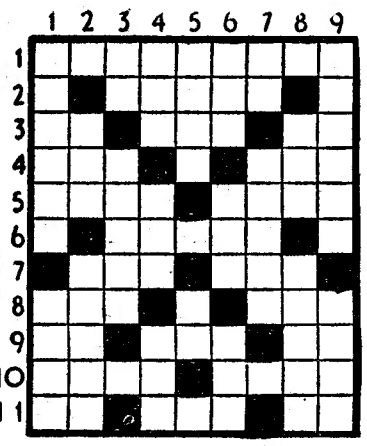
HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» de 2 de Outubro de 1926, prosseguindo na sua «Batalha do Trigo», ouvia o presidente da Associação de Agricultura e antigo ministro, dr. Fernandes de Oliveira, que apoiava a iniciativa do nosso jornal e dizia que «um aumento de 10 a 15 por cento na produção cerealífera bastaria para a satisfação das nossas necessidades. Defendendo a conveniência da estabilidade na gerência da pasta da Agricultura, recordava o dr. Oliveira Fernandes que, quando ministro, criou para tal um lugar de inspector-geral, para o qual escolheu um nome que a lavoura respeita justamente, o do prof. Cincinato da Costa. E recordava ainda que pela pasta passara alguém que marcou excelente lugar, o prof. Azevedo Gomes, a quem se deve a criação da Estação Central da Agricultura, obra modelar. O dr. Oliveira Fernandes concluia pronunciando-se a favor da concessão de prémios de cultura do trigo.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 670



HORIZONTAIS: 1 — A pessoa que. Içar. 2 — Certo. Parti. 3 — De preferência. 4 — Lamentos. Canhamo de Manila. 5 — Desta maneira. Colorido. 6 — Confortara. 7 — Naquele lugar. Armadilhas para apanhar pássaros. 8 — Basta. Abreviatura de página. 9 — Referências a textos ou opiniões autorizadas. 10 — Ribombar. Contracção de dois pronomes. 11 — Mais mau. Canção.

VERTICAIS: 1 — Pronome relativo. Respeita. 2 — Numero digito. Separa. Pronome pessoal. 3 — Secretariado Nacional da Informação (abrev.). Nome de um jogo. 4 — Escavais. Mais mal. 5 — Timida. 6 — Campeões. Deixara em testamento. 7 — Pelos de certos animais. Óxido de cálcio. 8 — Nesse lugar. Resides. Nota musical. 9 — Curas. Rate.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo, o Provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 669

HORIZONTAIS: 1 — Padreaste. 2 — Aurea. 3 — Ri. Mar. If. 4 — NÃO. Pré. 5 — Amua. Miar. 6 — SAIAS. 7 — Par. Sós. 8 — Cor. Sol. 9 — Ar. Lot. Li. 10 — FORA. Uiva. 11 — E's. Ria. Ao.

VERTICAIS: 1 — Pernas. Café. 2 — Iam. Poros. 3 — DA. Ousar. 4 — Rum. Aar. Lar. 5 — Eras. Pó. 6 — Aer. Mas. TUA. 7 — Sá. Pisos. 8 — Ira. Salva. 9 — ESFERA. Lião.

Provérbio: NÃO SAIAS FORA DA TUA ESFERA.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

VARIEDADES — A's 20 e 45 e ás 22 e 45—«Não faças ondas».
MARIA VITÓRIA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«O Reboliço».
COLISEU—A's 21 e 30—Companhia de Circo.

CINEMAS

TIVOLI—«Tarde de touros».
SÃO LUIZ—«O noivo das Caldas».
ÉDEN—«Enquanto há vida».
SÃO JORGE—«O bobo da corte».
MONUMENTAL — «Sissi».
CONDES—«A ponte do destino».
ALVALADE—«O noivo das Caldas».
POLITEAMA—«O rebelde da Irlanda».
IMPÉRIO—«A vida ou a morte».
CAPITOLIO—«O ultimo golpe».
ODEON—«Escola de vagabundos».
TERRASSE—«Contos vienenses».
OLIMPIA—«A carga dos lanceiros»
IDEAL—«O vale da esperança».
RESTELO—«Aventuras de Robinson Crusoé».

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO I — Sousa — Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77, Tel. 779480; Brasil — Avenida Rio de Janeiro, 66-66/A, Tel 722368; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C, Tel. 776905; Onilda—Avenida João XXI, 13-A, Tel. 726848; Campo Pequeno (Do) — Avenida da Republica, 58-D/E, Tel. 771661; Imperial — Avenida Guerra Junqueiro, 30-B, Tel. 726860; Palma — Avenida Duque de Avila, 25-31, Tel. 47088; Império, Ld.ª — Rua Filipe Folque, 40-A/B, Tel. 48002; Salus — Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 42239; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 399216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 399237; Conceição — Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 391279; Pereira, Suc. — Rua do Paraiso, 98-100, Tel. 845124; Silva — Calçada de Santo André, 16, Tel. 26474; Branquinho — Rua dos Sapadores, 87, Tel. 842725; Candido Monteiro — Av. Almirante Reis, 121-B, Tel. 45751; Góis, Ld.ª, Suc. — Rua dos Anjos, 12-C/D, antiga Rua do Registo Civil, Tel. 840101; Ribeiro & Castro, Ld.ª — Rua Braamcamp, 58, Tel. 43409; Salutar — Rua B, Bairro da Liberdade, Tel. 53694; Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A, Tel. 44424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique, 131-133, Tel. 663640; Linaida—Rua Saraiva de Carvalho, 268, Tel. 660955, Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Gomes, Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326, Tel. 638193; Costa — Rua dos Lusiadas, 32, Tel. 636704; A. Cesar — Rua Prior do Crato, 74, Tel. 660187; Pinheiro — Rua Presidente Arriaga, 16, Tel. 661867; S. Nunes Simões, Suc. — Rua do Quelhas, 1, Tel. 661275; Africana — Rua Bernardino Costa, 45, Tel. 29120; Pinharanda — Rua da Rosa, 94-96, Tel. 21534; Lima Amaro, Suc. — Praça da Alegria, 27-28, Tel. 21149; Morão — Rua da Assunção, 17-19, Tel. 21289; Cortez — Rua de S. Nicolau, 93, Tel. 25378—A—

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—Às 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Aguarela brasileira; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A»—Às 19, «O Arauto»; 19 e 30, Operetas; 19 e 50, Cançonetas napolitanas; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Novidades em discos; 20 e 40, Grupos corais; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Varanda da Europa; 21 e 45, 4.º programa enviado pelo maestro Jaime Silva Filho, em colaboração com os Serviços de Intercambio da Emissora de Berlim Livre; 21 e 55, Teatro das Comédias, «A Comédia do Ciume», de Varlot; 22 e 40, Fados, por Julia Barroso; 23, Fantasia musical; 23 e 30, Danças.

Programa «B»—Às 19, Musica de tecla; 19 e 20, Cantores célebres: soprano Renata Tebaldi e tenor Mário del Monaco; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Que quer ouvir?, «Rapsódia Espanhola», de Liszt-Busoni; «5.ª Sinfonia», de Dvorak, em si menor; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, «Corrente» e «Bourée», de Bach; 21 e 25, Concerto pelo Quinteto Nacional de Instrumentistas de Sopro; 21 e 55, Musica sinfónica: «1.ª Sinfonia», de Carl Nielson, em sol menor; 22 e 30, Novidades em discos; 23 e 10, Trechos de óperas; 23 e 30, Musica de piano: «Três Pequenas Peças», de Marcel Poot.

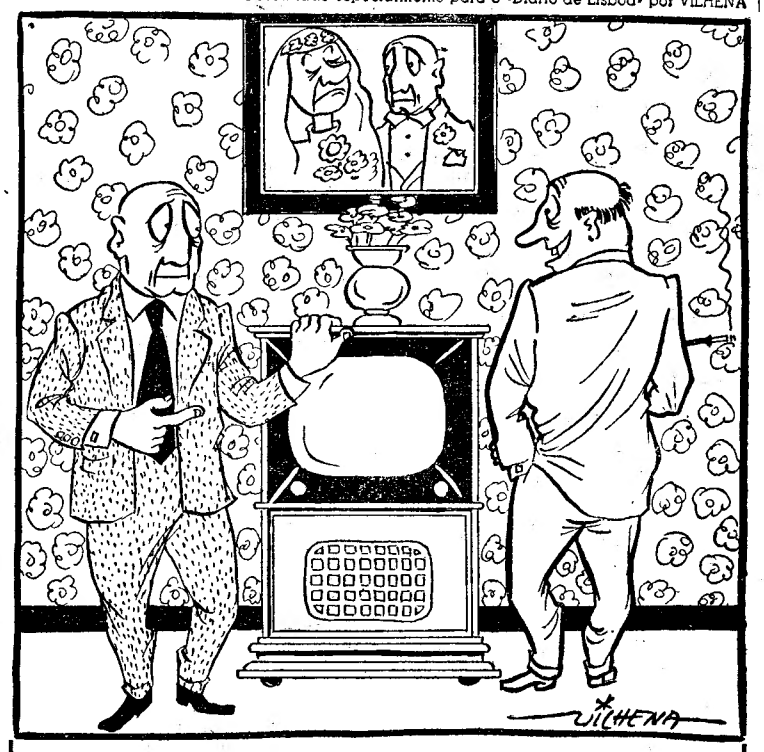
RADIO CLUBE — Às 18, Tipoia; 18 e 30, Trechos recreativos; 19, Hot Clube; 19 e 30, Jornal Publicitário; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Philippe Clay; 20 e 30, Galo de Ouro, de Coucelo de Lacerda; 20 e 45, Brasil; 21, Notas da Redacção; 21 e 15, Cançonetas; 21 e 30, Trechos recreativos; 22, Variedades; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 0, Mãe Preta; 0 e 30, Ritmos de baile; 0 e 45, Noticiário; 0 e 55, Amanhã; 1, Fecho.

RADIO RENASCENÇA—Das 18 e 30 ás 24 horas.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30, Clube Radiofónico de Portugal; 19 e 30 ás 22, Rádio Peninsular; 22 á 1, Rádio Graça.

O SR. PASCOAL E A R.T.P.

Desenhado especialmente para o «Diário de Lisboa» por VILHENA



— Este aparelho vai-me proporcionar horas agradabilíssimas. Já nem a minha mulher se importa de ficar à noite sózinha em casa!

O TEMPO QUE FAZ

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento é bonançoso de Sul, o céu está encoberto e chove nas regiões do Norte do País, em virtude de uma frente fria que se aproxima da costa portuguesa.

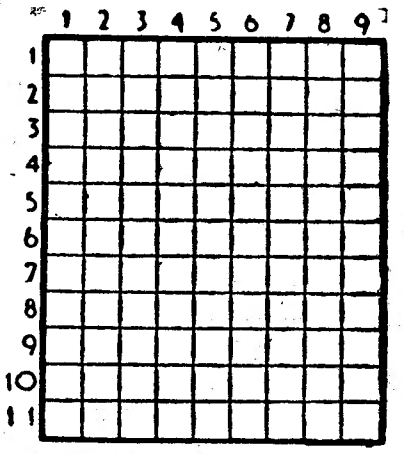
PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Nebulosidade variável com períodos de céu encoberto, acompanhados de chuva. Vento bonançoso a moderado do quadrante Sudoeste. Temperatura sem alteração apreciável.

— Temperaturas de hoje no Estoril, até ás 10 e 30: no ar, 21°,3; na água, 18°,1.

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 1680



HORIZONTAIS: 1 — Caudilho. Combinar. 2 — Põe-te na rua! Estime. 3—Contendas. 4—Artigo definido. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Aqui. 5—Chefe abexim. Ofertar. 6 — Móveis de madeira, espécie de mesa com gavetas de alto a baixo. 7 — Parceiro. Em as. 8 — Pertences. Oceano. Nota de musica. 9 — Pequenos barcos usados na pesca do bacalhau. 10 — Afecto. Altar. 11 — Emblema da aviação. Pronome pessoal (pl.).

VERTICAIS: 1 — Fazer entalhe em melancia para conhecer a qualidade. Procura. 2 — O mais. Bolsas. Artigo definido. 3 — Botequim. Ribeira de Portugal que, com outra, formam um rio. Doutora. 4 — Comparecia. Pedra de amolar. 5 — Roubara ardilosamente. 6 — Em partes iguais. Brinca, 7 — Falsas. Quinto filho de Jacob. Ilha portuguesa do Atlantico. 8 — Prefixo de negação. Lugarejo. Nota de musica. 9 — Humedecer. Peças de vestuário feminino.

Solução do problema n.º 1679

HORIZONTAIS: 1 — Democrata. 2 — As. Saiba. 3 — Lar. 4 — Dom. Saca. 5 — Moras. Sai. 6 — Em. Ria. Ir. 7 — Ler. Mordo. 8 — Asas. Sua. 9 — Mor. 10 — Valor. Pá. 11 — Casaremos.

VERTICAIS: 1 — Dão. Melar. 2 — E's. Domes. Vá. 3 — Dor. Ramas. 4 — Os. Mar. Sola. 5 — Cal. Sim. Ror. 6 — Rias. Aos. Ré. 7 — Abras. Rum. 8 — Tá. Caída. Pó. 9 — Cairo. Lar.

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10	920$00	920$00	922$00
Cons. 3 % T. 10	971$00	970$50	971$50
Cons. 3 1/2 % T. 10	1.010$00	1.009$00	1.011$00
Centenários 4 % 1940	—	2.265$00	2.267$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	—	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	—	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	—	—
Externo 1.ª série	—	1.230$00	—
Ext.ª 1.ª série car.	1.235$00	1.233$00	1.237$00
Externo 2.ª série	—	—	—
Ext.ª 2.ª série car.	—	—	—
Externo 3.ª série	—	1.400$00	—
Ext.ª 3.ª série car.	—	—	—
Caut. 3.ª série s/juro	—	—	—
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	519$00	—
Norte de Portugal 5%	108$00	108$00	109$00
Gás Elect. 3 3/4 %	969$00	968$00	976$00
Gás Elect. 4 %	989$00	—	989$00
Gás Elect. 4 1/2 %	1.012$00	1.011$00	—
Gás Elect. 5 %	—	—	1.040$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	94$00	—
U. E. P. 4 % 1945	96$00	96$00	—
U. E. P. 4 % 1948	—	96$00	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	99$50	—
U. E. P. 5 % 1951	102$50	102$00	103$00
U. E. P. 5 % 1952	—	102$50	103$50
Metropolitano	—	1.000$00	—
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	460$00	495$00
Angola	—	940$00	990$00
Espírito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	—	3.700$00	3.800$00
Portugal	2.300$00	2.295$00	—
Ultramarino	2.140$00	2.135$00	2.145$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	690$00	—	690$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	4.500$00
Soberana			
C.ª Ultramarinas			
Ag. Cassequel	2.071$00	2.070$00	2.073$00
Ag. das Neves	—	950$00	—
Agric. Colonial	765$00	761$00	770$00
Açucar de Angola	3.000$00	2.290$00	3.005$00
Boror	—	515$00	520$00
Cabinda	—	400$00	420$00
Cádá	4.650$00	4.630$00	4.670$00
Colonial do Buzi	329$00	328$50	329$50
Ilha do Principe	—	2.200$00	2.250$00
Incomati	4.300$00	4.250$00	4.350$00

C.ª Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Moçambique	170$00	167$00	172$00
Zambézia	216$00	215$00	216$50
C.ª Diversas			
Cimentos Tejo	—	515$00	—
Cimentos Leiria	—	481$00	500$00
Crédito Predial	57$20	57$10	57$40
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	—	415$00	422$00
Nacional Navegação	—	—	1.970$00
Colonial Navegação	935$00	930$00	940$00
Port. de Celulose	—	—	—
Portuguesa de Pesca	—	1.700$00	—
Port. de Tabacos	497$50	497$50	498$00
Tabacos de Portugal	625$00	625$00	630$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934	—	230$00	—
Aguas Lisboa 1936	—	—	225$00
Electr. das Beiras	1.492$00	1.490$00	1.495$00
Gás e Electricidade	342$00	341$50	342$00
H. Alto Alentejo	153$00	152$50	153$00
H. E. Cávado	—	1.560$00	1.565$00
H. E. Zêzere	1.495$00	1.495$00	1.497$00
Nac. de Electricidade	1.790$00	1.780$00	—
União Elect. Port.	230$00	229$00	232$00

Cotações de notas e moedas estrangeiras

PAISES	Compra	Venda
Africa do Sul	76$50	77$50
Alemanha	6$78	6$93
América:		
Dólares de 1 a 2	28$30	28$60
Dólares de 5 a 20	28$60	28$90
Dólares de 50 a 1000	28$60	28$90
Argentina	$90	$94
Bélgica	$57,5	$58,5
Brasil	$40	$42
Congo Belga	$56,5	$57,5
Dinamarca	3$90	4$20
Espanha	$61,8	$62,8
França	$07,05	$07,25
Holanda	7$30	7$55
Inglaterra	75$00	76$50
Itália	$04,5	$04,7
Marrocos	$06,5	$07
Noruega	3$60	3$90
Suécia	5$20	5$50
Suiça	6$72	6$82
Uruguay	6$50	7$20
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	290$00	300$00
Portugal — Barra	33$10	33$80
Portugal — Barra Fino	33$50	34$20

J. BURNAY, LDA.
RUA DO OURO, 72
Papeis de crédito
Notas estrangeiras
TELEF. 21273

CAMISAS BRANCAS
AS MELHORES QUALIDADES
OS MELHORES PREÇOS
TORRE EIFFEL
104—RUA DO CARMO—106

FORÇAS MILITARES

concentradas no Médio Oriente

Turquia	500.000 homens	Jordania	25.000 homens
Israel	100.000 homens	Irak	20.000 homens
Etiópia	10.000 homens	Arábia Saud.	10.000 homens
Iran	120.000 homens	Yemen	5.000 homens
Líbano	6.000 homens	Sudan	15.000 homens
Síria	16.000 homens	Líbia	3.000 homens

O EXÉRCITO EGÍPCIO DISPÕE DE :

3 divisões de infantaria
1 brigada blindada
1 brigada auxiliar
efectivos: 150.000 homens, dos quais 75% estão já mobilizados

armamento: AVIAÇAO 200 caças de reacção Mig 15
50 bombardeiros Ilioutchyne
80 Vampires e Météors

BLINDADOS 350 carros Centurião, T 34, Estaline, AMX

MARINHA 30 barcos antiquados, entre os quais se contam 2 contratorpedeiros de bastante força. 2 «destroyers» muito antigos e 4 submarinos sem guarnição constituída.

Cerca de 50 instrutores alemães, uma missão militar soviética, 200 oficiais egípcios formados na Polónia e na Checoslováquia. Armamento tipo de um regimento de infantaria:

3 metralhadoras pesadas
6 metralhadoras ligeiras
6 morteiros
9 armas anti-tanque
além do equipamento individual.

EM DAHRAN, base atómica americana: 12.000 homens de tropas especializadas, sob o comando de um general.

EM BAHREIN, os Ingleses têm 3.000 homens, 4 fragatas, um mau aeródromo.

EM ADEN, aeródromo para aparelhos de reacção, 5.000 homens, forte aviação táctica;

do comando de Aden dependem:
em Mascate e Oman, 350 homens, motorizados, enquadrados por oficiais subalternos paquistanicos e por oficiais britanicos, a cargo do I. P. C. e 500 homens pagos pelo Tesouro britanico: os Trucial Oman Levies e a Dhovar Force.

EM DJIBUTI, 2.000 homens de tropas negras, pequenas unidades de Marinha.

NA LÍBIA, os Ingleses têm 7.000 homens da 10.ª divisão blindada.

PARA CHIPRE, os Franceses mandaram a 7.ª divisão mecanica rápida e a 10.ª divisão de pára-quedistas.

Não esquecer os «stocks» militares deixados pelos Ingleses na zona de Suez: elevam-se a um montante de 400 milhões de libras.

O Congresso Trabalhista

(Continuação da 1.ª pág.)

classes menos favorecidas a política do Governo, e á presença de um homem novo, Frank Cousins, na chefia do mais poderoso dos sindicatos, o dos Transportes, que dantes foi a mola real dos «leaders» moderados: Ernest Bevin e Arthur Deakin. Considera-se que esta tendência dará origem a uma nova orientação da política trabalhista.

Bevan apossa-se da direcção administrativa do Partido e, além disso, volta a ter, no executivo, o lugar que perdera há três anos. Ele, que ainda há um ano foi suspenso pelo grupo parlamentar, torna-se agora o chefe da «máquina» do Partido.

No final desta eleição, os observadores previram logo a seguinte evolução: 1.º) Gaitskell e os seus colegas moderados deverão acelerar a sua própria evolução para as esquerdas, para conservarem o apoio dos grandes sindicatos; 2.º) Gaitskell não poderá perder de vista a posição, agora preponderante, do «leader» das esquerdas e deverá oferecer a Bevan, certamente, um papel mais importante na direcção parlamentar trabalhista. Nos círculos afectos ao Congresso, pensa-se que é possível que Bevan obtenha — se o pedir — a responsabilidade dos assuntos externos no «Shadow Cabinet»; 3.º) Gaitskell terá de modificar o programa eleitoral trabalhista. Bevan e o seu aliado Frank Cousins insistem numa volta aos velhos princípios do socialismo.

E' provável que o programa eleitoral trabalhista, a apresentar no próximo ano ao Congresso Anual tome em consideração estes pedidos, nomeadamente no que se refere á extensão das nacionalizações.

Para o executivo entraram 12 membros, dos quais os 7 cessantes da ala bevanista. Um dos triunfadores foi o deputado Sydney Silverman, o famoso proponente da lei para a abolição da pena de morte. Obteve 675.000 votos, quando na ultima eleição só conseguira 200.000. O unico candidato comunista foi batido. Também a esposa de Aneurin Bevan, sr.ª Jenny Lee, não foi melhor sucedida, pois não a elegeram para a secção feminina da comissão executiva. — (F. P.).

Assassino «vítima»

da fotografia electrónica

NOVA YORK, 1. — Um aparelho fotográfico electrónico permitiu que a Polícia descobrisse um indivíduo que em 2 de Setembro assassinou um agente.

Perto da vítima, assassinada num parque de estacionamento de automóveis, estava um chapéu de modelo um tanto fantasiste, que na América chamam «Be-Hop». Descoberto o comerciante que vendera o chapéu, foi fácil encontrar o criminoso, porque esse comerciante tem no seu estabelecimento uma máquina fotográfica electrónica que fotografa os clientes que pagam em cheque, fotografando ao mesmo tempo o próprio cheque.—(F. P.)

Lavandaria de Luxo

A que melhores garantias tem dado em limpeza a seco, deslustragem e impermeabilização. Bastará ligar a 23422 — R. da Prata, 156, s/l.

ALFAIATARIA SOARES

Das conversações de Tito

com os dirigentes de Moscovo

resultará a retirada das tropas russas

da Hungria e da Roménia?

VIENA, 2. — A retirada, da Hungria e Roménia, das tropas soviéticas, actualmente aquarteladas nestes países, constituiria um dos temas principais das conversações Tito-Kruchtchev, que se realizam neste momento, julga poder anunciar hoje o quotidiano vienense independente «Die Presse».

Este jornal, que se refere a «esferas políticas de Praga bem informadas», estabelece a ligação entre essa eventualidade e a declaração feita a semana passada pelo Governo de Budapeste, acerca da supressão da maioria dos comboios omnibus na Hungria, durante 3 semanas. Considera que quase todo o material rodoviário hungaro estaria deste modo pronto para o transporte das tropas russas.

Por outro lado, ainda segundo «Die Presse», várias classes de soldados checoslovacos recentemente desmobilizadas, acabam de ser, de novo chamadas ás fileiras, na Eslováquia Central e Oriental, e os homens, aquartelados ao longo da fronteira checo-hungara. Segundo o jornal, estes efectivos poderiam ter como missão garantir a segurança dos comboios soviéticos que tomariam a linha Parkany-Sillein, Kaschau, Tschop (uma parte da qual se encontra em território checo), ou ter um papel preventivo em caso de tensão na Hungria, após a partida das unidades russas. — (F. P.).

Regressou a Belgrado o embaixador norte-americano

BELGRADO, 2. — O embaixador dos Estados Unidos nesta capital, James W. Riddleberger, regressou, ontem, para reassumir as suas funções, mas círculos bem informados dizem que o seu regresso não tem ligação alguma com as actuais conversações entre o marechal Tito e os estadistas soviéticos.—(A. N. I.).

O significado das conversações

(Continuação da 1.ª pág.)

ta Kruchtchev que nunca deixou de ter forte oposição ás suas teses no seio do comité central do partido perdeu com o seu principal aliado, Bulganine, o segundo «round» do combate em que está empenhado há algum tempo. Embora a maioria dos membros do comité votassem a seu favor em muitas questões importantes que nele se debateram, manifestaram-se contra ele quando o assunto da Jugoslávia foi objecto de acesa discussão.

A maioria aprovou as censuras renovadas a Tito em que se distinguiram o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros Molotov, e Sustov, um dos membros do comité a quem estão especialmente afectos os problemas dos países da Europa Central e Oriental. Ambos procuraram demonstrar que o Partido Comunista da Jugoslávia se identifica muito mais com os sociais-democratas de que com a linha do leninismo ortodoxo.

Bulganine e Kruchtchev, como se sabe, estiveram pela primeira vez em Belgrado em Junho de 1955, chefiando uma numerosa delegação cujo encargo consistiu em restabelecer as relações entre os dois países depois do rompimento de Estaline com Tito, da expulsão do Partido Comunista jugoslavo do Cominform e da luta travada entre os dois ditadores desde 1948. Já há algum tempo corriam nos países satélites boatos insistentes de que a amizade assim restabelecida voltara a esfriar recentemente e que entre Belgrado e Moscovo as manifestações de incompreensão e azedume se multiplicavam.

O fundo das novas divergências, segundo as opiniões mais autorizadas, residia no facto de os Russos estarem convencidos de que a acção de Tito se exercia no sentido de prejudicar as relações entre a U. R. S. S. e os satélites europeus. Nesta nova fase da política comunista Molotov desempenhou um papel preponderante. Revelações recentes atribuem áquele categorizado chefe comunista a iniciativa do rompimento que se registou em 1948, pois Estaline teria então agido por indicações suas. Molotov ter-se-ia sempre manifestado, no caso da Jugoslávia contra a orientação de Bulganine e Kruchtchev os quais defendem o principio de que em cada país o respectivo Partido Comunista deve ter liberdade para seguir o caminho que mais lhe convier e melhor se adaptar ás características e exigências nacionais.

SYDNEY GRUSO

Alimente-se bem

Por 15$00 almoços e jantares á americana, compostos de sopa, peixe, carne, pão, vinho e fruta
PASTELARIA S. JOÃO, LDA.
Av. Paris, n.º 3-A — LISBOA
Telef 725600

Uma pega 6$50

Um scalabis, 7$50 — Café de Timor
— Doçaria caseira —
no BAR RIBATEJANO
Praça do Arieiro, 11-D
até ás 3,30 da manhã

O Parlamento francês

abriu hoje

para nova sessão

PARIS, 2—Em férias há dois meses, reabre hoje o Parlamento. Ás 14 horas (T. M. G.), na Assembleia Nacional e no Conselho da Republica, respectivamente, os decanos (Marcel Cachin, deputado comunista, e Marius Montet, senador socialista) proferirão os costumados discursos tradicionais. Logo a seguir, proceder-se-á á eleição dos presidentes das assembleias.

Os observadores parlamentares consideram que a reeleição de Gastou Monnerville, no Conselho da Republica (pela 14.ª vez consecutiva), é absolutamente segura. Na Assembleia Nacional também parece ser vencedor o presidente cessante, André Le Troquer (SFIO), mas a balha promete ser mais dura, ou pelo menos mais longa.

Questões de primeira importancia já estão inscritas na ordem dos trabalhos parlamentares: política de preços, reforma da fiscalização, reforma da administração, reforma da constituição, etc. Quanto á política estrangeira, não poderá haver debate antes de 16 do corrente. —(F. P.).

AMANHÃ EM ESTREIA NO «MAXIME»

PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL

18 ANOS

A EXCEPCIONAL ATRACÇÃO EM TELEPATIA

O ASSOMBRO DO MUNDO EM 1956:

TELMA and WILLIAMS

O SUPREMO EXITO DO ANO
NO «PASSAPOGA», DE MADRID

A evolução

da crise do Suez

Paira ainda a ideia do recurso à força

NOVA YORK, 2 — O Conselho do Comércio Externo é de opinião que, no caso do Suez, é «perfeitamente concebível fazer-se uso da força», e diz numa declaração que foi entregue na Secretaria do Estado: «A falta de respeito para com as obrigações internacionais é uma atitude perigosamente repetida desde a ultima guerra. Esta falta de respeito parece ser contagiosa, pois, á medida que as faltas aos compromissos assumidos são aceites para pôr termo a uma situação difícil, o terreno encontra-se preparado para se cometerem novas faltas. E' assim que nos encontramos agora frente a acto que implica uma ruptura de contrato a uma violação de direitos que dizem respeito a uma propriedade particular de grande importancia». — (F. P.).

A opinião do Governo indonésio sobre a utilidade da Associação

DJAKARTA, 2.—«O Governo indonésio é de opinião que, sem a participação do Egipto, a Associação dos Utentes do Canal não será capaz de encontrar uma solução satisfatória para o problema do Suez», declarou esta manhã um informador do ministério indonésio dos Negócios Estrangeiros. E acrescentou: «A Associação tornar-se-ia finalmente numa associação dos não-utentes do Canal, pois é evidente que o Egipto recusará a passagem, pelo Suez, aos navios pertencentes áquele organismo.— (France Presse).

Chepilov partiu de Moscovo para Nova York

PARIS, 2.—Dimitri Chepilov, ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, partiu hoje de Moscovo, de avião, para Nova York, a fim de tomar parte no debate do Conselho de Segurança acerca do caso do Suez, segundo anunciou Rádio Moscovo.—(F. P.).

Precauções da marinha mercante norte-americana

WASHINGTON, 2 — A administração da marinha mercante encarregou duas companhias de navegação, do reboque de sete petroleiros da reserva dos Estados Unidos para os estaleiros de Radoub. Esta medida, tomada a título de precaução, destina-se a fazer frente a qualquer eventualidade, no caso de surgirem dificuldades no canal de Suez. — (F. P.).

Manobras militares no Egipto

CAIRO, 2—O porto de Alexandria foi hoje teatro de manobras militares, em que tomaram parte a Marinha, a Aviação e o Exército egípcios, com divisões blindadas e de artilharia.

As operações sob o comando do major-general Mohamed Ibrahim, chefe do Estado-Maior do Exército egípcio, incluiam o desembarque de tropas pára-quedistas e de divisões navais, para o estabelecimento de posições no litoral.—(A. N. I.).

VAI A FÁTIMA ?

Visite o Restaurante Avé-Maria
O melhor e mais próximo do Santuário
Telef. 41

Ensopado de enguias

Outro prato regional do RIBATEJANO — Salvaterra de Magos.

Restaurante Montes Claros

Informa os seus Ex.mos Clientes que se encontra hoje reservado aos jantares para o Banquete da Companhia IBM Portuguesa